

**À procura do charme da edição  
na divisão literária de um grande grupo**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

**Maria do Céu Correia Guerra Coutinho**

**Trabalho de Projeto de  
Mestrado em Edição de Texto**

**Abril, 2019**



Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Zink, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Rui Zink, pela generosidade

A Manuel Alberto Valente (e a toda a equipa da DEL-L), pelo desafio e pelo apoio

Aos meus colegas de mestrado, pela partilha

À minha família, pela paciência



## RESUMO

Este trabalho de projeto descreve as minhas vivências na Divisão Editorial Literária de Lisboa da Porto Editora, em articulação com algumas reflexões sobre a atual conjuntura do sector editorial e livreiro em Portugal. Descrevo as tarefas por mim realizadas (revisões, produção de textos, relatórios de leitura) e procuro refletir sobre a integração de chancelas pré-existentes num grande grupo, o papel do editor e o «charme da edição», conceito difuso que relaciono com a liberdade de editar independentemente dos constrangimentos do mercado e com a figura do editor como mediador, especialista e intelectual de cuja livre escolha depende a bibliodiversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Porto Editora, edição, revisão, relatório de leitura, editor, editora, concentração editorial, bibliodiversidade

## ABSTRACT

This project paper describes my experience in DEL-L (Porto Editora's Lisbon literary division), in articulation with some thoughts on the publishing and book business in Portugal, at present. I describe the tasks performed (proofreading, text production, reading reports) and I discuss the integration of pre-existing book houses in major publishing companies, the editor's role and the «charm of publishing». This is a vague concept related with the freedom of publishing regardless market constraints and with the figure of the editor as mediator, expert and intellectual of whose freedom of choice the bibliodiversity depends on.

**KEY-WORDS:** Porto Editora, publishing, proofreading, reading report, editor, publishing house, publishing business merging, bibliodiversity





## ÍNDICE

### **Introdução**

### **Parte I – Enquadramento**

- 16 1.1 O grupo Porto Editora
- 17 1.2 A Divisão Editorial Literária de Lisboa
- 19 1.3 A Sextante Editora e o editor João Rodrigues
- 20 1.4 A Livros do Brasil
- 21 1.5 A Assírio & Alvim e o editor Vasco David
- 23 1.6 A Tertúlia de Editores
- 24 1.7 Os grandes grupos, as pequenas editoras e as livrarias independentes

### **Parte II – A experiência na DEL-L**

- 29 2.1 Antes de começar
- 30 2.2 Primeiras impressões
- 32 2.3 As tarefas desenvolvidas
  - 33 2.3.1 Revisão de provas finais
  - 34 2.3.2 Elaboração de sinopses e textos de contracapa
  - 35 2.3.3 Comunicação, lançamentos e apresentações
  - 36 2.3.4 Relatórios de leitura
    - . Um caso – Carla Pais
  - 41 2.3.5 Revisão de traduções
    - . Um caso – Tom Malmquist
- 48 2.4 Outros acontecimentos importantes

### **57 Reflexão final**

### **65 Bibliografia**

### **Anexos**

- iii Biografias dos editores
- v Relatório da conferência de editores «O que vamos ler em 2018?»
- ix Textos para sinopses, biografias e contracapas
- xxv Relatórios de leitura
- xxxiv Texto sobre o debate «Porque fecham as livrarias?»



Existem *livros* ainda, neste futuro, mas têm outro nome e são outra coisa.

Joana Bértholo, *Ecologia*



## INTRODUÇÃO

Este trabalho de projeto parte de uma experiência na Divisão Editorial Literária de Lisboa da Porto Editora (DEL-L), desenvolvida no âmbito de um estágio académico realizado entre março e junho de 2018.

A estrutura do trabalho tem em vista dois objetivos fundamentais: apresentar o relato da minha passagem pela DEL-L, descrevendo as tarefas realizadas, associadas à categoria de assistente editorial; e refletir sobre alguns aspetos do universo editorial, em especial a forma como as chancelas de prestígio podem funcionar como pequenas editoras com alguma independência dentro de um grande grupo, como a figura do editor continua a ser crucial, e como a bibliodiversidade depende da existência de ambos.

A primeira parte engloba uma breve apresentação do grupo Porto Editora e, em especial, da Divisão Editorial Literária de Lisboa e das chancelas que a integram – Assírio & Alvim, Sextante Editora, Livros do Brasil – desde a sua criação e evolução até à integração no grupo e existência no seio do mesmo. Aqui cabe refletir sobre a identidade de cada chancela e sobre o papel do diretor editorial e dos editores. Reporto-me ainda ao contexto geral do mercado editorial e livreiro.

A segunda parte compreende a descrição das tarefas desenvolvidas: revisões de provas, leitura de originais, elaboração de relatórios de leitura, redação de sinopses, textos para contracapa e badanas, revisões de traduções. Em anexo apresento alguns dos trabalhos desenvolvidos. Estas tarefas tiveram diferentes graus de exigência, quer pelas dificuldades colocadas à sua concretização, quer pela perceção de maior ou menor importância. Duas delas constituíram, por razões diferentes, os desafios mais interessantes e absorventes da minha temporada na DEL-L, pelo que irei dedicar-lhes uma descrição mais aprofundada. A primeira foi a revisão de uma tradução em que me confrontei com questões muito variadas e à qual dediquei bastante atenção. A segunda tarefa consistiu na elaboração de um relatório de leitura de um original de uma autora portuguesa. Neste caso não demorei muito tempo a completar a missão, mas entusiasmei-me com a possibilidade de ter uma intervenção, ainda que ínfima, na edição de um novo romance português.

Termino com uma reflexão que procura dialogar com a expressão incluída no título: o charme da edição. Por «charme» refiro-me a uma certa visão do mundo editorial, anterior à globalização e à formação dos grandes grupos, que entende o livro não como um mero produto comercial, mas como um valor cultural. Tal como André Schiffrin descreve na obra *O Negócio dos Livros*<sup>1</sup>, à medida que as pequenas editoras vão sendo adquiridas pelos grandes grupos, os editores vão perdendo poder de decisão quanto ao que se publica e vão sendo substituídos por equipas de gestão e de *marketing* que decidem em função das leis do mercado, publicando apenas, ou sobretudo, o que mais vende. Esta política tende a fazer desaparecer de circulação vários livros, autores e até espécies bibliográficas<sup>2</sup>. O «charme da edição» remete, pois, para uma época ou situação ideal em que são os editores a decidir o que se publica, livres dos constrangimentos do mercado e empenhados na divulgação de obras e autores fundamentais para o pensamento e para a cultura. O «charme» remete também para a própria figura do editor, alguém com peso intelectual, com intervenção social e participação nos grandes debates da civilização.

Norteei esta minha aventura no meio editorial pela busca de sinais desse «charme», procurando perceber que influência tem hoje em dia a figura do editor, de que importância se reveste a sua atuação no espaço público, qual o papel das editoras no debate sobre as grandes questões civilizacionais, desde sempre ligadas à circulação editorial.

Se os livros são um dos meios privilegiados e historicamente um dos mais importantes para a circulação de ideias e valores, então o editor é (devia ser) um agente cultural fundamental com responsabilidades sérias na divulgação do saber e na transmissão de conhecimento.

Numa época em que o algoritmo parece conhecer-nos melhor do que nós próprios, em que a mediação tende a diluir-se por entre o ruído de vozes e opiniões mal

---

<sup>1</sup> SCHIFFRIN, André, *O Negócio dos Livros*. Lisboa: Letra Livre, 2013

<sup>2</sup> GUERREIRO, António, «A Amazon é o nosso destino», *Público*, 21.12.2018  
[www.publico.pt/2018/12/21/culturaipilon/opiniao/amazon-destino-1855281](http://www.publico.pt/2018/12/21/culturaipilon/opiniao/amazon-destino-1855281) (consultada a 23.12.2018)

fundamentadas, ampliadas pelas redes sociais, é legítimo interrogarmo-nos sobre quem decide o que lemos ou, pelo menos, o que chega massivamente aos escaparates.

Um romance português recente, *Ecologia*, de Joana Bértholo, põe em evidência, de forma integrada e extraordinariamente inventiva, estas e muitas outras questões da nossa civilização:

Passa pouco tempo até os investidores voltarem a protestar: não querem. Consumidores silenciosos, isso é o pior que lhes pode acontecer. Querem que toda a gente tagarele muito. Querem uma sociedade de gente ansiosa por se expressar, com uma necessidade constante de se dar a ver, de se fazer ouvir. Querem uma sociedade sem hierarquias, sem especialistas, sem intelectuais, sem críticos, sem estudiosos, onde a opinião de qualquer um conte tanto como a opinião de qualquer outro. Querem uma sociedade onde todos os assuntos se inflamem e se esqueçam como estrelas cadentes. Uma chuva constante de questiúnculas sobre as quais todos façam brilhar a sua jactância. Querem muito debate, nenhuma democracia.

Pressionam:

– Não podemos silenciá-los, isso é dar-lhes a liberdade de não consumirem.<sup>3</sup>

Joana Bértholo imagina uma distopia onde tudo foi mercantilizado, até a própria linguagem. Pagar para falar é a «novidade» que uma sociedade dócil e anestesiada aceita praticamente sem resistência, em troca de uma pretensa segurança e de alguns benefícios tecnológicos. Uma sociedade que desvaloriza o saber e tudo nivela, onde um fluxo contínuo de informação tem como objetivo tornar tudo indistinto.

Os editores fazem parte do grupo de mediadores e «especialistas» que nos ajudam a ler o mundo. É importante que possam atuar em liberdade e não constrangidos pelos ditames do mercado.

---

<sup>3</sup> BÉRTHOLO, Joana, *Ecologia*. Lisboa: Caminho, 2018, p. 266

## PARTE I

### ENQUADRAMENTO

#### 1.1 O grupo Porto Editora

A Porto Editora foi fundada em 1944 por um grupo de 19 professores universitários «que se juntavam no Café Piolho»<sup>4</sup>, entre os quais Vasco Teixeira (pai do atual administrador), com o objetivo de editar livros escolares, obras de referência e dicionários<sup>5</sup>. Esta é a génese da Porto Editora, tal como é contada pelos próprios, e assim se mantém durante várias décadas (a entrada na área literária vem a acontecer apenas em 2006).

Em 1999 surge a Webboom.pt, a primeira livraria online em língua portuguesa, que em 2008 passa a Wook.pt. A Areal Editores é integrada no grupo em 2001 e a Lisboa Editora, atualmente Raiz Editora, é adquirida em 2002. A atividade do grupo estende-se aos países africanos com a abertura da Plural Editores Moçambique (2002), Angola (2005) e Timor-Leste (2014). Em 2003 nasce a infopedia.pt, «a maior base de conteúdos educativos e culturais online em língua portuguesa». A Sextante Editora é integrada no grupo em 2010, numa aposta na edição literária de ficção e não-ficção. No mesmo ano dá-se a aquisição do grupo Bertrand Círculo ao grupo editorial alemão Bertelsmann. Com este negócio, a Porto Editora consolida a sua posição como maior grupo editorial português<sup>6</sup>.

Em 2011, a Assírio & Alvim passa a integrar a companhia, na sequência de uma parceria na edição e distribuição. Em 2014 é criada a chancela Coolbooks, a primeira exclusivamente digital, para dar a conhecer novos autores de língua portuguesa. Em 2015 dá-se início ao relançamento do catálogo da Livros do Brasil com a integração desta chancela.

---

<sup>4</sup> FREIRE, Rita Silva, «A 'ciência' dos livros», *Jornal de Letras*, artigo reproduzido no *Blogtailors*, 13.05.2009 <http://blogtailors.blogspot.com/2009/05/porto-editora-no-jl.html> (consultada a 01.10.2018)

<sup>5</sup> «Historial», site PE [www.portoeditora.pt/sobre-nos/historial](http://www.portoeditora.pt/sobre-nos/historial) (consultada a 11.11.2018)

<sup>6</sup> «Bertrand e Círculo de Leitores passam amanhã para o grupo Porto Editora», site PE, 28.06.2010 [www.portoeditora.pt/noticias/bertrand-e-circulo-de-leitores-passam-amanha-para-o-grupo-porto-editora/1383](http://www.portoeditora.pt/noticias/bertrand-e-circulo-de-leitores-passam-amanha-para-o-grupo-porto-editora/1383) (consultada a 11.11.2018)



Sobre a aquisição das chancelas Sextante e Assírio & Alvim, o administrador Vasco Teixeira afirmou o seguinte, em declarações ao *Correio do Porto*:

Nos últimos três anos comprámos duas chancelas. A Sextante, uma jovem editora de nicho com menos de um por cento do mercado, e a Assírio & Alvim, que também é uma editora especialista. São duas editoras pequenas, mas com catálogos de grande valor literário e cultural, ainda que sejam difíceis de rendibilizar.<sup>7</sup>

## 1.2 A Divisão Editorial Literária de Lisboa (DEL-L)

Em 2008, a Porto Editora anuncia a criação da Divisão Editorial Literária de Lisboa, dirigida por Manuel Alberto Valente<sup>8</sup>. (A Divisão Editorial Literária do Porto, dirigida por Cláudia Gomes, havia sido criada em 2005). No discurso de apresentação da nova divisão editorial, o editor começa por recordar o seu percurso que teve início na Dom Quixote onde esteve de 1981 a 1991<sup>9</sup>. Seguiram-se 17 anos nas Edições Asa, chancela que em 2008 passa a integrar o grupo Leya, constituído nesse ano. A insatisfação com a forma de trabalhar do grupo motivou a saída de Manuel Alberto Valente, que em entrevista salientou «um enorme desencanto profissional»:

Aquilo que me levou a sair foi um enorme desencanto profissional. Poder-se-á pensar que é uma posição contra a concentração editorial, mas, à partida, não tenho nada nem contra os grupos nem contra a concentração. Temos que fazer uma distinção clara entre grupos que são do livro e grupos que não o são. Concretizando: a Bertelsmann ou a Porto Editora são grupos do livro, nasceram e viveram com o livro toda a vida.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> TELES, Alexandra Tavares, «Vasco Teixeira, 1956», *Correio do Porto*, 17.06.2013 [www.correiodoportop.pt/do-porto/vasco-teixeira-1956](http://www.correiodoportop.pt/do-porto/vasco-teixeira-1956) (consultada a 14.11.2018)

<sup>8</sup> «Porto Editora cria divisão editorial em Lisboa», 22.04.2008 [www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-cria-divisao-editorial-em-lisboa/694](http://www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-cria-divisao-editorial-em-lisboa/694) (consultada a 13.10.2018)

<sup>9</sup> Ver no anexo 1 a biografia de Manuel Alberto Valente constante da página de Facebook Tertúlia de Editores.

<sup>10</sup> COUTINHO, Isabel, «Desde que os autores não tenham contratos assinados é evidente que os posso trazer», *Público*, 18.04.2008 [www.publico.pt/2008/04/18/jornal/desde-que-os-autores-nao-tenham-contratos-assinados-e-evidente-que-os-posso-trazer-257558](http://www.publico.pt/2008/04/18/jornal/desde-que-os-autores-nao-tenham-contratos-assinados-e-evidente-que-os-posso-trazer-257558) (consultada a 14.10.2018)

No discurso inaugural da DEL-L, Valente reflete acerca da edição num mundo de crescente concentração editorial:

Como já referi noutros lugares, podia ter optado, como outros fizeram, por um projeto pessoal, marcado pelas minhas opções e pelos meus gostos. Mas tentava-me mais cavalgar a onda e colocar-me no centro desta batalha estimulante que a emergência dos grandes grupos vai certamente suscitar.

Tive sempre uma visão democrática da edição e a consciência de que todos têm direito a ler. Não quero escolher para as elites, embora queira que as elites me leiam. Não quero ter a obsessão dos tops, mas ficarei contente se lá estiverem alguns dos livros por mim selecionados. E, quantos mais livros vender, mais livre estarei para publicar títulos de referência.

Como já disse muitas vezes, não tenho vergonha de publicar o que dá para poder publicar o que não dá – ou aquilo que certamente dá muito menos.<sup>11</sup>

Sobre a sua visão acerca do mundo da edição, Manuel Alberto Valente declarou ainda, em entrevista ao *Blogtailors*, ser seu objetivo «Não deixar que o crescimento e a lógica de grupo abafem a responsabilidade cultural que todo o editor transporta consigo.»<sup>12</sup>

Na altura, o editor e escritor Francisco José Viegas (que também abandonou a Asa, ingressando pouco depois no grupo Bertrand Círculo) referiu-se a Manuel Alberto Valente como «um dos últimos grandes editores clássicos portugueses.»<sup>13</sup>

Além do diretor editorial, a DEL-L arrancou com uma equipa constituída por mais três pessoas: Ana Barros (ex-editora principal da Asa), Ana Luísa Calmeiro (ex-editora adjunta da Caderno, com passagem anterior pela Presença e pela Pergaminho) e Helena Ramos (Asa).

---

<sup>11</sup> «O discurso de Manuel Alberto Valente na apresentação da DEL-Lisboa (Porto Editora)», *Blogtailors*, 11.07.2008 <https://blogtailors.com/3438284.html> (consultada a 14.10.2018)

<sup>12</sup> «Entrevistas Booktailors: Manuel Alberto Valente», *Blogtailors*, 18.09.2012 <https://blogtailors.com/6185417.html> (consultada a 14.10.2018)

<sup>13</sup> VIEGAS, Francisco José, «Declaração de interesses», *A Origem das Espécies*, 19.03.2008 <https://origemdasespecies.blogs.sapo.pt/798043.html> (consultada a 14.10.2018)

A DEL-L começou a publicar em setembro de 2008. O catálogo estreou-se com as seguintes obras/autores: *A Lâmpada de Aladino e Outras Histórias para Vencer o Esquecimento*, de Luís Sepúlveda, *As Esquinas do Tempo*, de Rosa Lobato de Faria, *Feminino Singular*, de Sveva Casati Modignani, *Instruções para Salvar o Mundo*, de Rosa Montero, e *O Priorado do Cifrão*, de João Aguiar<sup>14</sup>.

### 1.3 A Sextante Editora e o editor João Rodrigues

O grupo Porto Editora adquiriu a Sextante em 2010<sup>15</sup>. Esta editora foi fundada em 2006 por João Duarte Rodrigues, inicialmente como Sudoeste Editora<sup>16</sup>, tendo pouco depois alterado o nome para Sextante. Sob o lema «da minha língua vê-se o mar»<sup>17</sup>, apresentou-se ao mercado com o propósito de «fazer livros que durem gerações.»

Antes de fundar a Sextante, João Rodrigues<sup>18</sup> havia integrado, em 2004, a direção editorial da Dom Quixote, após a saída de Nelson de Matos, que esteve à frente dos destinos desta prestigiada chancela de literatura portuguesa durante mais de duas décadas<sup>19</sup>. Para João Rodrigues tratou-se de um regresso, já que foi na Dom Quixote que se iniciou no mundo editorial, em 1987, tendo começado como revisor, passando mais tarde a assistente editorial de Manuel Alberto Valente e de João Carlos Alvim. Em 1991, passou brevemente pelas Edições Cosmos e no mesmo ano ingressou na Asa, a convite de Manuel Alberto Valente.

Sobre a aquisição da Sextante, Vasco Teixeira declarou ao *Jornal de Letras*:

JL: Qual a importância da integração da Sextante na Porto Editora?

---

<sup>14</sup> COSTA, Sara Figueiredo, «O catálogo de Manuel Alberto Valente», *Cadeirão Voltaire*, 08.07.2008 <http://cadeiraovoltaire.blogspot.com/2008/07/o-catlogo-de-manuel-alberto-valente.html> (consultada a 14.11.2018)

<sup>15</sup> «Grupo Porto Editora adquire Sextante» [www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-adquire-sextante/1470](http://www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-adquire-sextante/1470) (consultada a 13.10.2018)

<sup>16</sup> LUSA, «Sudoeste editora aposta em 14 títulos no primeiro semestre de 2007», *RTP*, 16.03.2007 [www.rtp.pt/noticias/cultura/sudoeste-editora-aposta-em-14-titulos-no-primeiro-semester-de-2007\\_n160399](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/sudoeste-editora-aposta-em-14-titulos-no-primeiro-semester-de-2007_n160399) (consultada a 01.10.2018)

<sup>17</sup> Excerto do discurso «A Voz do Mar», de Vergílio Ferreira, lido em 1991 na cerimónia de atribuição do prémio Europália, em Bruxelas.

<sup>18</sup> Ver no anexo 1 a biografia de João Rodrigues constante da página de Facebook Tertúlia de Editores.

<sup>19</sup> HENRIQUES, Joana Gorjão, «João Rodrigues na direcção da Dom Quixote», *Público*, 06.07.2004 [www.publico.pt/2004/07/06/jornal/joao-rodrigues-na-direccao-da-dom-quixote-190533](http://www.publico.pt/2004/07/06/jornal/joao-rodrigues-na-direccao-da-dom-quixote-190533) (consultada a 15.10.2018)

VT: É sobretudo a possibilidade de dar sequência à Sextante, um projecto de três anos, de grande qualidade e liderado por uma pessoa muito experiente e capaz, o João Rodrigues. Mas que, com a crise e as especificidades actuais do mercado livreiro, estava a atravessar algumas dificuldades. Com a integração na Porto Editora, a Sextante terá um segundo fôlego e uma nova vida.<sup>20</sup>

#### 1.4 A Livros do Brasil

Fundada em 1944 por António Augusto de Souza Pinto, a Livros do Brasil foi adquirida pelo grupo Porto Editora e integrada na DEL-L em 2015. Na altura, foi anunciado que a chancela seria trabalhada «pelo editor Manuel Alberto Valente, que contará com a colaboração de Vasco David (Assírio & Alvim) e João Duarte Rodrigues (Sextante).»<sup>21</sup>

Dois objetivos foram então traçados: relançar o catálogo e enriquecê-lo com novos títulos, preservando a identidade e o espírito da chancela de editar autores para serem lidos por várias gerações.

A Livros do Brasil é conhecida por coleções tão emblemáticas como a Dois Mundos (grandes clássicos do século XX), Vampiro (policial), Argonauta (ficção científica) e Miniatura (grandes clássicos em formato de bolso).

O relançamento da Livros do Brasil na DEL-L começou por apostar, sobretudo, na icónica coleção Dois Mundos, que marcou uma época pelas suas edições de grandes obras da literatura universal. Com uma nova imagem gráfica da responsabilidade de Jorge Silva, da Silvadesigners, respeitando a original, o regresso da coleção foi saudado por toda a imprensa<sup>22</sup>. Os relançamentos das *Obras Completas de Eça de Queiroz* e de vários títulos da coleção Vampiro foram também elogiados.

---

<sup>20</sup> MARTINS, Frederico, «Porto Editora compra Sextante pelo “interesse cultural”», *Jornal de Letras*, 27.01.2010 <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/porto-editora-compra-sextante-pelo-interesse-cultural=f545854> (consultada a 14.11.2018)

<sup>21</sup> «Porto Editora relança a Livros do Brasil», site PE, 08.01.2015 [www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-relanca-a-livros-do-brasil/33082](http://www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-relanca-a-livros-do-brasil/33082) (consultada a 01.10.2018); «Livros do Brasil: o regresso da legião estrangeira e outros clássicos», *Jornal i*, 27.02.2015, <https://ionline.sapo.pt/264403> (consultada a 01.10.2018)

<sup>22</sup> SALVADOR, João Miguel, «A editora Livros do Brasil está de regresso e traz Truman Capote», *Expresso*, 05.03.2015 <https://expresso.sapo.pt/cultura/a-editora-livros-do-brasil-esta-de-regresso-e-traz-truman-capote=f913652> (consultada a 11.11.2018)

Com o slogan «As Grandes Obras em Pequenos Volumes», a Miniatura foi criada nos anos de 1950 e chegou a reunir 170 títulos, afirmando-se como uma das principais coleções de livros de bolso em Portugal. A coleção foi relançada em 2017 e publicou até ao momento dez títulos<sup>23</sup>.

A Vampiro, coleção policial nascida em 1947, famosa pelas emblemáticas capas da autoria de artistas e *designers*, ultrapassou os 700 títulos no seu catálogo. Até ao momento, foram reeditados 28 títulos<sup>24</sup>.

Da Dois Mundos, 55 títulos já regressaram ao mercado, constando da lista autores inquestionáveis como Albert Camus, Sartre, Kafka, Hemingway, Steinbeck, Virginia Woolf, entre outros.

São José Sousa é atualmente a editora responsável pela chancela, em articulação com João Rodrigues, Manuel Alberto Valente e Vasco David<sup>25</sup>.

### 1.5 A Assírio & Alvim e o editor Vasco David

Fundada em 1972 por Assírio Bacelar e João Carlos Alvim, a Assírio & Alvim destacou-se ao longo do tempo pelas suas cuidadas edições na área da poesia. Em 2011 foi anunciado um acordo de parceria com o grupo Porto Editora<sup>26</sup>.

Vasco David é atualmente o editor responsável pela chancela, função que acumula com a de diretor editorial adjunto da DEL-L<sup>27</sup>. Em entrevista ao *Blogtailors*, a propósito da integração da Assírio & Alvim, Vasco David defende aquilo que notei ser repetido pelos vários editores, em diferentes ocasiões: que a concentração editorial não é uma

---

<sup>23</sup> *Porto-Sudão*, Olivier Rolin; *A Harpa de Ervas*, Truman Capote, *O velho que lia romances de amor*, Luis Sepúlveda; *A Metamorfose*, Franz Kafka; *Histórias do Bom Deus e Outros Contos*, Rainer Maria Rilke; *Sinais de Fogo*, Jorge de Sena; *Novela de Xadrez*, Stefan Zweig; *A Louca da Casa*, Rosa Montero; *Soldados de Salamina*, Javier Cercas; *A Um Deus Desconhecido*, John Steinbeck.

<sup>24</sup> QUEIRÓS, Luís Miguel, «Sangue novo para a Vampiro», *Público*, 05.06.2016 [www.publico.pt/2016/06/05/culturaipilon/noticia/sangue-novo-para-a-vampiro-1734052](http://www.publico.pt/2016/06/05/culturaipilon/noticia/sangue-novo-para-a-vampiro-1734052) (consultada a 11.11.2018)

<sup>25</sup> Numas das raras aparições públicas da editora, podemos vê-la no programa «Mar de Letras» da RTP África, a propósito da publicação de *As cartas da prisão de Nelson Mandela* (Porto Editora, Julho 2018) [www.rtp.pt/programa/tv/p35155/e32](http://www.rtp.pt/programa/tv/p35155/e32) (consultada a 16.10.2018)

<sup>26</sup> «Porto Editora e Assírio & Alvim estabelecem acordo de parceria», site PE, 19.08.2011 [www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-e-assirio-alvim-estabelecem-acordo-de-parceria/1401](http://www.portoeditora.pt/noticias/grupo-porto-editora-e-assirio-alvim-estabelecem-acordo-de-parceria/1401)

<sup>27</sup> Ver no anexo 1 a biografia de Vasco David constante da página de Facebook Tertúlia de Editores.

ameaça à identidade das pequenas chancelas de qualidade literária, pelo contrário, pode mesmo ser a sua salvação.

Por outro lado, a recente integração da Assírio no Grupo Porto Editora vem provar que a concentração editorial pode ser feita de uma forma inteligente: está garantida a identidade editorial e gráfica da Assírio & Alvim, que, de agora em diante, beneficia de uma estrutura extremamente profissional ao nível do *marketing*, distribuição, serviços administrativos, etc., a um nível a que antes nunca poderíamos ter acesso. Este respiro não só nos permitirá continuar o trabalho anterior como ampliar o catálogo com autores importantes, sem nunca alienar os nossos leitores.<sup>28</sup>

Numa entrevista a Luís Caetano, na Feira do Livro de 2012, já após a integração na Porto Editora, podemos escutar as considerações do editor sobre algumas obras editadas ou reeditadas nesse ano<sup>29</sup>. Aí se faz referência ao «trabalho inesgotável» de reedição de um catálogo com autores fundamentais, como Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros. É mencionada, por exemplo, uma nova edição do único romance de Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, resultante da descoberta de um manuscrito desconhecido, o que levou a uma nova fixação do texto<sup>30</sup>. E ainda uma «tradução histórica», *Ensaio sobre Literatura*, de Walter Benjamin, com edição e tradução de João Barrento.

Na altura da integração da chancela no grupo, Vasco Teixeira salientou «o apoio a um tipo de catálogo que tem livros e autores muito importantes, um investimento na língua e na cultura portuguesas e na cultura do livro em geral.»<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> «Entrevistas Booktailors: Vasco David», 25.09.2012 <https://blogtailors.com/6201738.html> (consultada a 10.10.2018)

<sup>29</sup> CAETANO, Luís, «Última Edição Com Vasco David, editor da Assírio e Alvim, na Feira do Livro de Lisboa», *Antena 2*, 01.06.2012 [www.rtp.pt/play/p303/e238102/ultima-edicao](http://www.rtp.pt/play/p303/e238102/ultima-edicao)

<sup>30</sup> NEGREIROS, Almada, *Nome de Guerra*, ficha de produto [www.assirio.pt/produtos/ficha/nome-de-guerra/11237073](http://www.assirio.pt/produtos/ficha/nome-de-guerra/11237073) (consultada a 11.11.2018)

<sup>31</sup> LUSA, «Porto Editora continua obra da Assírio & Alvim», *Diário de Notícias*, 17.12.2012 [www.dn.pt/artes/livros/interior/porto-editora-continuar-obra-da-assirio-alvim-2368155.html](http://www.dn.pt/artes/livros/interior/porto-editora-continuar-obra-da-assirio-alvim-2368155.html) (consultada a 14.11.2018)

## 1.6 A Tertúlia de Editores

No decurso das minhas pesquisas, encontrei uma página de Facebook intitulada «Tertúlia de Editores» com a seguinte descrição: «Um grupo de editores, jovens e menos jovens, janta uma vez por mês para debater a sua atividade profissional.»<sup>32</sup>

O jantar mais recente ocorreu em janeiro de 2019 e teve como convidada a Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Teresa Ribeiro. A página regista vários desses encontros, onde comparecem alguns editores, sobretudo dos grandes grupos, em geral com um convidado da área da cultura ou da política.

Os editores habitualmente presentes são: Ana Maria Pereirinha (Planeta), Clara Capitão (Penguin Random House), Cristina Lourenço (Círculo de Leitores, Leya), Cristina Ovídio (Clube do Autor), João Rodrigues (Sextante), Manuel Alberto Valente (Porto Editora), Maria do Rosário Pedreira (Leya), Nelson de Matos (Edições Nelson de Matos), Vasco David (Assírio & Alvim).

Esporadicamente, aparecem também os seguintes: Carlos da Veiga Ferreira (Teodolito), Cecília Andrade (Leya), Eduardo Boavida (Bertrand), Francisco Vale (Relógio d'Água), Francisco José Viegas (Bertrand), Guilhermina Gomes (Círculo de Leitores), Maria da Piedade Ferreira (Quetzal), Vasco Silva (Babel) e Zeferino Coelho (Caminho). João Amaral, presidente da APEL, também surge com alguma frequência.

Entre os convidados identificam-se Marcelo Rebelo de Sousa (jantar oferecido pela Presidência, a 19.09.2017), Luís Castro Mendes (12.09.2016), Fernando Medina, Diogo Freitas do Amaral, António Barreto, João Soares, Adelino Gomes e Isabel Lucas.

Primam pela ausência editores de algumas casas editoriais de dimensão significativa (Presença, Tinta da China, 20|20 Editora) e das pequenas editoras independentes.

Este tipo de tertúlia parece aludir à época em que os editores tinham (ainda terão?) um papel fundamental nos meios culturais e políticos. Como escreve André Schifffrin:

---

<sup>32</sup>Página «Tertúlia de Editores», [www.facebook.com/tertuliadeeditores2016/](https://www.facebook.com/tertuliadeeditores2016/) (consultada a 20.10.2018)

Na Europa e nos Estados Unidos, a edição tem uma longa tradição enquanto profissão intelectual e politicamente comprometida. Os editores sempre se orgulharam da sua capacidade de equilibrar o imperativo de fazer dinheiro com o de publicarem obras meritórias. (...) Na primeira parte do século XX, o pressuposto de que a maioria das pessoas estava apenas interessada em distrair-se não era muito comum (...). Esta era uma época na qual muitos editores encaravam como sua missão atingir um público alargado através de um trabalho sério.<sup>33</sup>

Menciono aqui a existência desta tertúlia, não só como apontamento curioso sobre o meio editorial, mas também por reunir os editores da DEL-L. Julgo poder inferir pelas observações contidas na página, que a iniciativa para estes encontros terá partido de Manuel Alberto Valente.

### **1.7 Os grandes grupos, as pequenas editoras e as livrarias independentes**

Nos últimos anos, o encerramento de várias livrarias ditas independentes, isto é, não pertencentes às grandes cadeias (Bertrand, Fnac, Sonae), suscitou várias reações, sobressaindo as habituais comoção e indignação públicas, sentidas sempre que fecha um «espaço cultural» que as pessoas tinham deixado há muito de frequentar. De antigos cinemas e teatros a cafés e lojas centenárias, são vários os exemplos que alimentam títulos e crónicas de jornais, depois bastante comentados e partilhados nas redes sociais<sup>34</sup>. Em Lisboa, ocorre-me o desaparecimento dos cinemas Quarteto (2007), King (2013), Londres (2014) e do Teatro da Cornucópia (2016). No sector livreiro, o ano de 2018 foi pródigo em encerramentos mediáticos. O fecho da antiga Leitura<sup>35</sup>, no Porto,

---

<sup>33</sup> SCHIFFRIN, op. cit., pp. 21-22

<sup>34</sup> PEREIRA, José Pacheco, «O combate civilizacional pelos livros e pela leitura», *Público*, 03.03.2018 [www.publico.pt/2018/03/03/culturaipsilon/opiniao/o-combate-civilizacional-pelos-livros-e-pela-leitura-1805167](http://www.publico.pt/2018/03/03/culturaipsilon/opiniao/o-combate-civilizacional-pelos-livros-e-pela-leitura-1805167); GUERREIRO, António, «O saudável ódio aos livros», *Público*, 09.03.2018 [www.publico.pt/2018/03/09/culturaipsilon/opiniao/o-saudavel-odio-aos-livros-1805548](http://www.publico.pt/2018/03/09/culturaipsilon/opiniao/o-saudavel-odio-aos-livros-1805548); QUEIRÓS, Luís Miguel, «Guia para salvar o sector do livro», *Público*, 02.05.2018 [www.publico.pt/2018/05/02/culturaipsilon/noticia/um-roteiro-para-salvar-a-diversidade-do-livro-1815963](http://www.publico.pt/2018/05/02/culturaipsilon/noticia/um-roteiro-para-salvar-a-diversidade-do-livro-1815963) (consultadas a 18.10.2018)

<sup>35</sup> CORREIA, André Manuel, «A Leitura chega ao fim — o adeus a uma livraria onde se escreveu história», *Expresso*, 26.01.2018 <https://expresso.sapo.pt/cultura/2018-01-26-A-Leitura-chega-ao-fim--o-adeus-a-uma-livraria-onde-se-escreveu-historia> (consultada a 11.11.2018)



da Miguel Carvalho, em Coimbra (esta, entretanto, reaberta na Figueira da Foz<sup>36</sup>) e das Aillaud & Lellos<sup>37</sup> e Pó dos Livros<sup>38</sup>, em Lisboa, provocou um coro de lamentações e trouxe o tema para a agenda mediática<sup>39</sup>.

Por coincidência, foi também por essa altura que chegou às salas de cinema o filme *Ramiro*, de Manuel Mozos, com António Mortágua a colar-se na perfeição à pele de um poeta e alfarrabista lisboeta numa Lisboa que vai desaparecendo. Estreado em 2017 no DocLisboa, o filme apanhou com delicadeza e sensibilidade o ar do tempo<sup>40</sup>.

Em janeiro de 2018, a SPA – Sociedade Portuguesa de Autores apelou ao Governo para o apoio urgente às livrarias ameaçadas de extinção<sup>41</sup>. Foi também apresentada uma petição pública – «Carta Aberta para Sair da Crise no Sector do Livro e da Leitura»<sup>42</sup> – promovida por três personalidades ligadas à área do livro: o investigador Daniel Melo, o livreiro e editor José Ribeiro (Ulmeiro) e o editor Assírio Bacelar (um dos fundadores da Assírio & Alvim e atualmente responsável pela editora Nova Vega).

A 23 de abril, Dia Mundial do Livro, o Bloco de Esquerda organizou no parlamento uma audição pública de livreiros independentes em que estiveram presentes cerca de 40 livreiros de todo o país<sup>43</sup>.

---

<sup>36</sup> SOLDADO, Camilo, «O livreiro que desceu o Mondego para lutar contra a corrente», *Público*, 25.08.2015 [www.publico.pt/2018/08/25/local/noticia/o-livreiro-miguel-de-carvalho-desceu-o-rio-para-combater-a-corrente-1841990](http://www.publico.pt/2018/08/25/local/noticia/o-livreiro-miguel-de-carvalho-desceu-o-rio-para-combater-a-corrente-1841990) (consultada a 18.10.2018)

<sup>37</sup> MOREIRA, Cristiana Faria, «É mais uma que fecha na Baixa: Livraria Aillaud & Lellos desmancha a casa», *Público*, 09.01.2018 [www.publico.pt/2018/01/09/local/noticia/na-livraria-aillaud-lellos-desmanchase-a-casa-1798734](http://www.publico.pt/2018/01/09/local/noticia/na-livraria-aillaud-lellos-desmanchase-a-casa-1798734) (consultada a 11.11.2018)

<sup>38</sup> RIBEIRO, Catarina Dias, «Livraria independente Pó dos Livros encerrou», *RTP*, 31.03.2018 [www.rtp.pt/noticias/economia/livraria-independente-po-dos-livros-encerrou\\_v1067343](http://www.rtp.pt/noticias/economia/livraria-independente-po-dos-livros-encerrou_v1067343) (consultada a 11.11.2018)

<sup>39</sup> «Março, um mês negro para as livrarias», *TSF*, 12.03.2018 [www.tsf.pt/cultura/interior/marco-o-mes-negro-para-as-livrarias-9179362.html](http://www.tsf.pt/cultura/interior/marco-o-mes-negro-para-as-livrarias-9179362.html) (consultada a 11.11.2018)

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Luís Miguel, «Um poeta na cidade», *Público*, 28.02.2018 [www.publico.pt/2018/02/28/culturaipilon/critica/um-poeta-na-cidade-1804759](http://www.publico.pt/2018/02/28/culturaipilon/critica/um-poeta-na-cidade-1804759) (consultada a 11.11.2018)

<sup>41</sup> LUSA, «SPA pede ao Governo "apoio urgente" às livrarias ameaçadas de extinção», *Diário de Notícias*, 17.01.2018 [www.dn.pt/lusa/interior/spa-pede-ao-governo-apoio-urgente-as-livrarias-ameacadas-de-extincao-9054420.html](http://www.dn.pt/lusa/interior/spa-pede-ao-governo-apoio-urgente-as-livrarias-ameacadas-de-extincao-9054420.html) (consultada a 18.10.2018)

<sup>42</sup> <http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT89103> (consultada a 18.10.2018)

<sup>43</sup> «Livreiros independentes discutem problemas do sector», *Esquerda.net*, 23.04.2018 [www.esquerda.net/artigo/livreiros-independentes-discutem-problemas-no-setor/54578?fbclid=IwAR19YjILCkAJSyTt8KfmOfijbg2g-5zFYGnbriqTQ-RY8riGFziNEvca2fw](http://www.esquerda.net/artigo/livreiros-independentes-discutem-problemas-no-setor/54578?fbclid=IwAR19YjILCkAJSyTt8KfmOfijbg2g-5zFYGnbriqTQ-RY8riGFziNEvca2fw) (consultada a 18.10.2018)

Ao mesmo tempo que desaparecem livrarias históricas, surgem outros projetos independentes que vão agitando o mercado ou, pelo menos, obtendo alguma atenção da imprensa. O tema «livrarias independentes» ganhou um élan que faz dos novos livreiros uma espécie de heróis da resistência<sup>44</sup>. Leitura<sup>45</sup>, Distopia<sup>46</sup>, Tigre de Papel<sup>47</sup>, Menina e Moça<sup>48</sup>, Cotovia<sup>49</sup>, Snob, Poesia Incompleta<sup>50</sup> — estas são algumas das livrarias que se assumem como novos espaços culturais em defesa do livro, associando-se ao necessário debate sobre as contingências que afetam o sector livreiro e editorial<sup>51</sup>.

---

<sup>44</sup> VIEIRA, Pedro, «Livrarias independentes, uma espécie em extinção: e você, onde é que vai comprar o próximo livro?», *Observador*, 03.03.2018 <https://observador.pt/especiais/livrarias-independentes-uma-especie-em-extincao-e-voce-onde-e-que-vai-comprar-o-proximo-livro/> (consultada a 18.10.2018); ALVES, Florbela, LOURENÇO, Gabriela e PINTO, Sandra, «Ler com toda a (c)alma: 17 livrarias de Lisboa e do Porto onde resistir é vencer», *Visão*, 16.01.2018 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2018-01-16-Ler-com-toda-a--c-alma-17-livrarias-de-Lisboa-e-do-Porto-onde-resistir-e-vencer> (consultada a 11.11.2018)

<sup>45</sup> PAIS, Tiago, «Se os olhos também comem, a boca também lê», *Observador*, 07.05.2015 <https://observador.pt/2015/05/07/se-os-olhos-tambem-comem-a-boca-tambem-le> (consultada a 11.11.2018)

<sup>46</sup> LOURENÇO, Gabriela, «Livros com utopia», *Visão*, 01.12.2015 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/comprar/2015-12-01-Livros-com-utopia> (consultada a 11.11.2018)

<sup>47</sup> BELO, Inês, «Na Tigre de Papel os livros não se gastam», *Visão*, 25.10.2016 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-10-25-Na-Tigre-de-Papel-os-livros-nao-se-gastam> (consultada a 11.11.2018)

<sup>48</sup> MONTEIRO, Maria João, «Menina e Moça, uma livraria-bar no coração da boémia lisboeta», *Público*, 21.02.2017 [www.publico.pt/2017/02/21/culturaipilon/noticia/uma-livrariabar-que-celebra-a-lusofonia-em-todas-as-suas-dimensoes-1762725](http://www.publico.pt/2017/02/21/culturaipilon/noticia/uma-livrariabar-que-celebra-a-lusofonia-em-todas-as-suas-dimensoes-1762725) (consultada a 11.11.2018)

<sup>49</sup> CIPRIANO, Rita, «O primeiro andar da Livraria Cotovia pertence agora aos “editores livres”», *Observador*, 12.09.2018 <https://observador.pt/2018/09/12/o-primeiro-andar-da-livraria-cotovia-pertence-agora-aos-editores-livres> (consultada a 04.01.2018)

<sup>50</sup> PINTO, Diogo Vaz, «Changuito: "Para se gozar uma liberdade radical é preciso levar uma vida de samurai"», *Jornal i*, 15.10.2018 <https://ionline.sapo.pt/artigo/630118/changuito-para-se-gozar-uma-liberdade-radical-e-preciso-levar-uma-vida-de-samurai> (consultada a 11.11.2018)

<sup>51</sup> «Porque fecham as livrarias?», um debate em duas sessões, promovido por Felipe A. Rodrigues da Livraria da Lapa. A primeira sessão realizou-se a 15.05.2018 na Boutique de Cultura em Carnide, e contou com a participação de Daniel Melo (CHAM, NOVA-FCSH), José Ribeiro (Espaço Ulmeiro), Vitor Rodrigues (Leitura e Sulfúria), Pedro Piedade Marques (Montag) e Joana Emídio Marques (moderadora). A segunda sessão teve lugar na Fábrica Braço de Prata a 09.06.2018, onde se juntou ao debate o editor Vasco Santos (VS). A livraria Tigre de Papel acolheu ainda, a 14.06.2018, as «Jornadas de Editores e Livreiros Independentes». À mesa dos pequenos editores, para discutir sobre «diversidade e autonomia», reuniram-se Rui Lopo (investigador e um dos tradutores de *O Negócio dos Livros*, de André Schiffrin), Mariana Pinto Dos Santos (Pianola Editores e Edições do Saguão), Marcos Farrajota (Chili com Carne) e Lurdes Afonso (Antígona – Editores Refractários). Os livreiros incumbidos de esmiuçar «o negócio dos livros» foram Bernardino Aranda (Tigre de Papel), José Tavares (Círculo das Letras), João Coimbra Oliveira (Linha de Sombra) e José Ribeiro (Espaço Ulmeiro).

Em julho de 2018 foi aprovado o Programa de Atribuição de Selo de Mérito Cultural a Livrarias pelo Despacho n.º 6508/2018 do Ministro da Cultura<sup>52</sup>.

A concentração editorial fez também disparar o número de pequenas editoras. Já em 2005, o *Diário de Notícias* registava «um boom de pequenas editoras»<sup>53</sup>. Dez anos mais tarde, o fenómeno acentuou-se<sup>54</sup> e assim continua<sup>55</sup>, com as editoras independentes a ativar e a promover cada vez mais encontros e pontos de venda<sup>56</sup>.

De facto, associado às livrarias e às editoras independentes, existe um circuito de feiras e mercados do livro. Eis alguns exemplos: Feira de Edições no Mercado de Santa Clara, Mercado do Livro França Borges, Feira do Livro Noturna, Raia Tráfico de Edições, Feira do Livro da Poesia, Feira Anarquista do Livro de Lisboa, entre outras.

Por reação à concentração e correspondente massificação editorial, fatores de constrangimento da bibliodiversidade, fervilha o mundo dos pequenos, procurando agir e implantar-se nos espaços deixados livres pelos grandes. As edições pouco rentáveis e/ou nicho, nomeadamente a poesia, o teatro, o ensaio, a BD e outras «literaturas marginais», proliferam num espantoso número de pequenas editoras.

Editar é (relativamente) fácil. Difícil é distribuir, num mercado onde escasseiam as livrarias independentes, e com um público um tanto amorfo, de esparsas leituras, e fã de grandes superfícies. A distribuição é, pois, o bicho de sete cabeças a que se procura dar a volta. A venda *online*, as feiras alternativas, os mercados de fundos e livros em segunda mão, o *crowdfunding*<sup>57</sup>, entre outras, são vias alternativas de distribuição

---

<sup>52</sup> «Selo de Mérito Cultural para Livrarias», site DGLAB, 05.07.2018, <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/noticiasEventos/Paginas/SelodeMeritoLivrarias.aspx> (consultada a 11.11.2018)

<sup>53</sup> GASTÃO, Ana Marques, «Um boom de pequenas editoras», *Diário de Notícias*, 29.12.2005 [www.dn.pt/arquivo/2005/interior/um-boom-de-pequenas-editoras-632836.html](http://www.dn.pt/arquivo/2005/interior/um-boom-de-pequenas-editoras-632836.html) (consultada a 01.11.2018) O artigo regista o surgimento, nesse ano de 2005, das seguintes casas editoriais: Alethêia, Tinta da China, Verso de Capa, Quidnovi e Ver o Verso, entre outras.

<sup>54</sup> MARQUES, Joana Emídio, «Editoras *indie*, um roteiro para livros alternativos», *Observador*, 04.07.2018 <https://observador.pt/especiais/editoras-indie-um-roteiro-livros-alternativos> (consultada a 11.11.2018)

<sup>55</sup> «Pequenas editoras ganham escala na Feira do Livro do Porto», site Porto., 21.09.2018 [www.porto.pt/noticias/pequenas-editoras-ganham-escala-na-feira-do-livro](http://www.porto.pt/noticias/pequenas-editoras-ganham-escala-na-feira-do-livro) (consultada a 11.11.2018)

<sup>56</sup> «Pequenas editoras marcam encontro na primeira Feira Gráfica», *Marketeer*, 25.10.2018 <https://marketeer.pt/2018/10/25/pequenas-editoras-marcam-encontro-na-primeira-feira-grafica> (consultada a 11.11.2018)

<sup>57</sup> A E-Primatur, de Hugo Xavier, é o exemplo de uma editora que publica através de *crowdfunding*, isto é, são os próprios leitores a financiar a edição dos livros que pretendam adquirir. <https://e-primatur.com/nos/quemsomos> (consultada a 11.11.2018)

destinadas a fazer cumprir o mais nobre propósito da edição: promover o encontro entre cada livro e os seus potenciais leitores.

## II PARTE

### A EXPERIÊNCIA NA DEL-L

#### 2.1 Antes de começar

As circunstâncias que conduziram à realização do estágio académico na DEL-L remontam ao dia 16 de novembro de 2017, data em que se realizou uma conferência intitulada «O que vamos ler em 2018: Receitas para leitores atentos»<sup>58</sup>. O evento teve lugar no auditório do Museu da Farmácia, em Lisboa, e contou com a participação de cinco dos mais destacados editores portugueses: Manuel Alberto Valente (Porto Editora), Francisco Vale (Relógio d' Água), Maria do Rosário Pedreira (Leya), Bárbara Bulhosa (Tinta da China) e Diogo Madre Deus (Cavalo de Ferro e Elsinore). O debate foi conduzido pelo jornalista Luís Caetano da *Antena 2*.

Dado o inequívoco interesse da conferência para alunos do mestrado em Edição de Texto, houve consenso entre professor e alunos para substituímos a aula normal pela comparência neste debate. Assim, fomos em grupo, com o professor Rui Zink, no âmbito da cadeira de Teoria da Edição.

Esmiúço a descrição destas circunstâncias porque este evento foi decisivo para o meu percurso. Desde o início do mestrado, em meados de setembro, sentia uma apetência crescente para absorver toda a informação relacionada com o meio editorial. Sempre gostei de estar atenta e acompanhar várias iniciativas (lançamentos, festivais literários, encontros, debates, clubes de leitura), mas com o entusiasmante arranque do primeiro semestre passei a viver o mundo da edição a tempo inteiro. Aproveitei para me dedicar intensamente às aulas, às leituras e a todo o tipo de atividades conexas.

Como exercício facultativo para a cadeira de Teoria da Edição, escrevi um relatório da conferência (cf. anexo 2). Mais tarde, vim a usar esse texto como complemento à candidatura que remeti a algumas editoras com o objetivo de solicitar uma experiência profissional que pudesse complementar e enriquecer a componente letiva do mestrado.

---

<sup>58</sup> Disponível no arquivo do programa «Última Edição» da Antena 2 [www.rtp.pt/antena2/cultura/o-que-vamos-ler-em-2018t-receitas-para-leitores-atentos-18-a-23-dezembro\\_3821](http://www.rtp.pt/antena2/cultura/o-que-vamos-ler-em-2018t-receitas-para-leitores-atentos-18-a-23-dezembro_3821) (consultada em 01.10.2018)

As minhas diligências tiveram uma resposta positiva por parte de Manuel Alberto Valente, diretor editorial da DEL-L, que me contactou no dia 23 de janeiro de 2018. Na sequência desse contacto, marcámos uma entrevista, na qual fiquei também a conhecer Vasco David, diretor editorial adjunto e editor da Assírio & Alvim.

Acordámos nesse dia os termos para a realização de um estágio académico, modelo conveniente para mim enquanto estudante-desempregada, e para a empresa que necessitava de preencher por alguns meses necessidades surgidas pela baixa de parto de uma funcionária.

## **2.2 Primeiras impressões**

Dei início ao estágio a 1 de março de 2018. A adaptação ao local de trabalho e a integração foram bastante facilitadas pelo facto de a DEL-L ser constituída por uma pequena e coesa equipa, responsável pela edição de várias chancelas, naturalmente em articulação com a sede do grupo, situada na cidade do Porto.

Na DEL-L trabalham a tempo inteiro dez pessoas: os já mencionados diretor e diretor adjunto, o editor João Rodrigues (Sextante), a editora São José Sousa (Livros do Brasil), a editora Ana Luísa Calmeiro (Porto Editora), as assistentes editoriais Ana Sofia Bernardo, Cristina Guerra e Sofia Fraga, a assessora de comunicação Maria João Sales Machado e a assistente administrativa Ana Rita Sousa.

Além das tarefas que me foram sendo distribuídas, e que descreverei em pormenor mais à frente, tive oportunidade de absorver, de modo informal, uma série de informações que a circunstância de estar inserida neste grupo, ainda que de modo marginal, possibilitou. Considero esse aspeto da aprendizagem tão ou mais importante do que a execução propriamente dita. Se, por hipótese, este estágio tivesse decorrido à distância, a partir de casa, teria perdido uma parte essencial, porventura a mais importante e seguramente a mais interessante, da vida de uma editora. Refiro-me a tudo o que acontece no dia a dia e que, para quem chega de fora, é fonte de constante descoberta e reflexão. São as conversas informais entre o diretor editorial e os editores, entre estes e os assistentes, as visitas de revisores, tradutores e autores, as questões, dúvidas e debates que surgem a propósito das edições em curso e, enfim, uma série de

pequenos episódios que enriquecem enormemente a experiência proporcionada por esta proximidade à rotina de uma casa editorial.

Penso ter cabimento defender aqui a possibilidade de que o estágio curricular possa ser realizado concomitantemente com a parte escolar do mestrado, se o estudante assim o desejar. Defendo isto por duas razões principais. Por um lado, por uma questão de rentabilização de tempo. Quem, como é o meu caso, investe no mestrado com o objetivo de melhorar as suas qualificações para fugir ao desemprego, ganha em poder realizar o estágio em paralelo com as aulas. Por outro lado, a realização do estágio permite tirar maior partido da frequência das cadeiras, levantando questões concretas que podem enriquecer a própria dinâmica da componente escolar, e vice-versa.

Procurarei referir alguns desses episódios informais que contribuíram para enriquecer a minha experiência. Considero que um dos mais importantes foi a oportunidade de escutar o editor João Rodrigues da Sextante em diversas ocasiões. O seu conhecimento do mundo editorial e da literatura universal, o saber ao mesmo tempo enciclopédico e solto, capaz de viajar ao sabor de qualquer assunto, a disponibilidade para partilhar informação, sugerir e orientar, são características que me fizeram pensar que é uma pena que este editor não tenha sempre consigo um estagiário a beneficiar de toda esta riqueza de conhecimentos<sup>59</sup>. Muitas vezes, os estágios são um tanto mecanizados, constituídos por uma sucessão de atividades mais ou menos repetitivas (revisão, sobretudo). O que os pode valorizar são as vivências mais singulares, como a conversa espontânea que surge com um editor que já atravessou muitas mudanças no mundo da edição.

Recordo ainda a visita de um tradutor histórico (António Pescada), de um revisor experimentado e cheio de tarimba (José Leal), de um ilustrador incumbido de dar vida a um livro para crianças (Pedro Serpa), de uma autora em pesquisa para o próximo livro (Ana Zanatti), de um escritor em vésperas do lançamento de um novo romance após ausência prolongada (Jacinto Lucas Pires). E como esquecer que na secretária ao lado se

---

<sup>59</sup> Um exemplo do estilo de conversação de João Rodrigues está bem patente em duas entrevistas recentes: «Biblioteca de Bolso», 21.11.2017 <https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-82-joao-rodrigues>; «A Ronda da Noite», 16.05.2018 [www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite](http://www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite) (consultadas a 15.10.2018).

ultimavam os preparativos para a publicação do novo volume das memórias de um ex-Presidente da República<sup>60</sup>? Ou se discutia o manuscrito das memórias de outra figura influente da vida portuguesa nas últimas décadas, com publicação prevista para breve<sup>61</sup>? Foram momentos marcantes, em que senti a alegria de estar a mergulhar no mundo editorial, em contacto com os seus protagonistas: editores, autores, ilustradores, tradutores, revisores.

### 2.3 As tarefas desenvolvidas

A minha experiência na DEL-L decorreu sob a orientação formal do diretor editorial Manuel Alberto Valente e sob a supervisão direta da editora Ana Luísa Calmeiro. No dia a dia, foi a esta dedicada editora que reportei e solicitei apoio, sempre que necessário. Pouco a pouco, à medida que ia ficando mais à vontade, comecei também a pedir ajuda a São José Sousa, a Sofia Fraga e a João Rodrigues. A proximidade e a disponibilidade que ia sentindo da parte deles fizeram com que fosse ganhando confiança para estabelecer o diálogo, procurando não só resolver questões diretamente relacionadas com as minhas tarefas, mas também indagar sobre os mais variados aspetos da vida da empresa e do mundo editorial, e até partilhar dúvidas sobre alguns exercícios escolares.

Estabeleci uma relação especialmente próxima com São José Sousa, até pela circunstância de ela ter sido aluna, há poucos anos, do mestrado em Edição de Texto, tendo, aliás, produzido um exemplar relatório de estágio respeitante à sua passagem pela Sistema Solar<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> «Porto Editora publica segundo volume de *Quinta-feira e Outros dias*», site PE, 11.10.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-publica-segundo-volume-de-quinta-feira-e-outros-dias/142268](http://www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-publica-segundo-volume-de-quinta-feira-e-outros-dias/142268) (consultada a 12.11.2018)

<sup>61</sup> «Francisco Pinto Balsemão publica memórias», *Expresso*, 30.01.2018 <https://expresso.sapo.pt/cultura/Livros/2018-01-30-Francisco-Pinto-Balsemao-publica-Memorias> (consultada a 12.11.2018)

<sup>62</sup> SOUSA, Maria de São José Santos, «Entre nós e as palavras. A arte da edição na Sistema Solar.», 2014 <https://run.unl.pt/handle/10362/13625> (consultada a 01.10.2018)



### 2.3.1 Revisão de provas finais

Comecei pela revisão das provas finais das novas edições de três peças teatrais de José Saramago: *A segunda vida de Francisco de Assis*<sup>63</sup>, *In nomine Dei* e *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*<sup>64</sup>. A revisão incidiu no confronto com as edições originais<sup>65</sup>, verificando a existência de gralhas, erros de paginação, composição ou outros. Foi para mim um início auspicioso poder rever as provas das obras teatrais de um dos autores mais relevantes do catálogo da Porto Editora e da literatura portuguesa. O grupo adquiriu em 2014 os direitos de reedição da obra do Prémio Nobel da Literatura<sup>66</sup> e, desde então, tem vindo a publicar todos os livros<sup>67</sup>. Em 2018 celebrou-se o vigésimo aniversário da atribuição do Nobel a José Saramago com diversas iniciativas<sup>68</sup>.

Fiz outras revisões de provas finais, de livros bastante diferentes entre si, mas sempre no domínio da ficção. Em *Do outro lado*, de Michael Connelly, por exemplo, detetei poucas emendas e o maior desafio surgiu da necessidade de verificar e harmonizar o jargão policial utilizado<sup>69</sup>.

Fiz uma única revisão na área do infantojuvenil, da obra *Todas as fábulas*<sup>70</sup>, de Luis Sepúlveda. A edição portuguesa segue o modelo de uma edição italiana que reúne as mais famosas histórias do autor dirigidas ao público mais jovem<sup>71</sup>. Aqui encontrei

---

<sup>63</sup> «A Segunda Vida de Francisco de Assis em nova edição», site PE, 20.06.2018

[www.portoeditora.pt/noticias/a-segunda-vida-de-francisco-de-assis-de-jose-saramago-em-nova-edicao/136686](http://www.portoeditora.pt/noticias/a-segunda-vida-de-francisco-de-assis-de-jose-saramago-em-nova-edicao/136686) (consultada a 20.10.2018)

<sup>64</sup> «Duas peças fundamentais de José Saramago com nova edição», site PE, 04.09.2018

[www.portoeditora.pt/noticias/duas-pecas-fundamentais-de-jose-saramago-com-nova-edicao/140126](http://www.portoeditora.pt/noticias/duas-pecas-fundamentais-de-jose-saramago-com-nova-edicao/140126) (consultada a 20.10.2018)

<sup>65</sup> Editorial Caminho, respetivamente 1987, 1993 e 2005.

<sup>66</sup> Bem-vindo, José Saramago, site PE, 29/01/2014 [www.portoeditora.pt/noticias/bem-vindo-jose-saramago/23724](http://www.portoeditora.pt/noticias/bem-vindo-jose-saramago/23724) (consultada a 10.10.2018)

<sup>67</sup> Toda a obra de José Saramago está já publicada na Porto Editora. O livro mais recente é o inédito *Último Caderno de Lanzarote*, outubro de 2018. «Regressar a 1998 para celebrar o Nobel de Saramago, o nosso Nobel», site PE, 01.10.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/regressar-a-1998-para-celebrar-o-nobel-de-saramago-o-nosso-nobel/141546](http://www.portoeditora.pt/noticias/regressar-a-1998-para-celebrar-o-nobel-de-saramago-o-nosso-nobel/141546) (consultada a 12.11.2018)

<sup>68</sup> [www.portoeditora.pt/jose-saramago-20-anos-nobel](http://www.portoeditora.pt/jose-saramago-20-anos-nobel)

<sup>69</sup> «Defender o assassino», site PE, 15.06.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/defender-o-assassino/136444](http://www.portoeditora.pt/noticias/defender-o-assassino/136444) (consultada a 20.10.2018)

<sup>70</sup> SEPULVEDA, Luís, *Todas as Fábulas*, Porto Editora, 2018. Compilação dos contos *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, *História de um gato e de um rato que se tornaram amigos*, *História de um caracol que descobriu a importância da lentidão* e *História de um cão chamado Leal*.

<sup>71</sup> «*Todas as Fábulas* de Luis Sepúlveda num só livro», site PE, 16.10.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/todas-as-fabulas-de-luis-sepulveda-num-so-livro/142413](http://www.portoeditora.pt/noticias/todas-as-fabulas-de-luis-sepulveda-num-so-livro/142413) (consultada a 30.10.2018)

emendas mínimas e alguns ajustes a fazer na organização do livro, em conformidade com o modelo da mencionada edição italiana<sup>72</sup>.

### 2.3.2 Elaboração de sinopses e textos de contracapa

A segunda tarefa consistiu na pesquisa e recolha de informação para a elaboração de pequenos textos relativos à biografia dos autores, sinopses das obras e conteúdos para contracapas e badanas, incluindo citações de imprensa. Alguns desses livros já foram, entretanto, publicados. Apresento no anexo 3 todos os textos que produzi neste âmbito, respeitantes aos seguintes autores/ títulos:

- Jeff Abbott, *Blame*<sup>73</sup>
- Carry Ulreich, *At night I dream of peace*
- Walter Isaacson, *Leonardo da Vinci*<sup>74</sup>
- Albert Cohen, *Bela do Senhor*<sup>75</sup>
- Donald Day Pollock, *The Heavenly Table*
- DeSales Harrison, *The waters & the wild*
- Rachel Ford, *Between Them*
- Sofia Lundberg, *The Red Adress Book*
- Elisabeth Norebäck, *Tell me you're mine*
- Richard Ford, *The Sportswriter*

É uma tarefa relativamente simples, mas bastante aliciante e variada. Os textos são construídos a partir dos materiais disponíveis nas edições originais e também em

---

<sup>72</sup> SEPULVEDA, Luis, *Tutte le favole*, Milão: Guanda, 2015

<sup>73</sup> «Quem, afinal, sabe toda a verdade?», site PE, 14.09.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/quem-afinal-sabe-toda-a-verdade/140330](http://www.portoeditora.pt/noticias/quem-afinal-sabe-toda-a-verdade/140330) (consultada a 12.11.2018)

<sup>74</sup> Publicação anunciada para o primeiro semestre de 2019, segundo comunicado de imprensa do grupo Porto Editora, divulgado a 9 de janeiro de 2019. [www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-apresenta-novidades-literarias-para-2019/145946](http://www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-apresenta-novidades-literarias-para-2019/145946) (consultada a 09.01.2019)

<sup>75</sup> «*Bela do Senhor*, de Albert Cohen», site PE, Porto Editora, 20.09.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/bela-do-senhor-de-albert-cohen/140908](http://www.portoeditora.pt/noticias/bela-do-senhor-de-albert-cohen/140908) (consultada a 12.11.2018)

edições publicadas noutros países. A Ana Luísa Calmeiro sugeriu-me, nalguns casos, procurar as edições italianas e espanholas como fonte de consulta para a elaboração das sinopses. É importante ter presente a chancela onde os livros são editados (neste caso são todos Porto Editora) e o tipo de leitores a que se dirigem. Numa chancela de grande literatura clássica ou contemporânea (como a Sextante), a linguagem pode ser mais elaborada ou exigente. No caso de *thrillers* e romances populares, o estilo terá de ser mais simples e direto, de acordo com o tipo de narrativa em causa.

### 2.3.3 Comunicação, lançamentos e apresentações

Maria João Sales Machado desempenha na DEL-L as funções de assessora de comunicação. Tive pouco contacto direto com esta área, mas procurei estar atenta aos procedimentos e estratégias.

Colaborei brevemente com a Maria João numa ocasião em que ela me pediu ajuda na pesquisa e construção de uma base de dados para acolhimento de eventos, sobretudo lançamentos e apresentações de livros.

No ciclo editorial, o lançamento tem grande importância simbólica, é uma espécie de batismo do livro, uma festa para o autor em que este aproveita para reunir familiares, amigos e admiradores em torno da obra publicada. Mesmo para autores experimentados, o lançamento é sempre um momento especial de consagração e comunhão, com nervosismo e emoção à mistura. O sucesso do lançamento depende de vários fatores, a começar pela escolha da data e do local certos. Quanto à data, é essencial verificar se não coincide com um acontecimento capaz de «roubar» muito público, com um jogo de futebol importante, ou um inconveniente que dificulte o acesso ao local, como uma greve de transportes.

Elaborei então uma base de dados de locais para eventos, organizada por diferentes categorias, como livrarias, museus, bibliotecas, auditórios, cinemas, teatros e salas de espetáculos, bares, escolas, entre outros.

Procurei saber, junto da Maria João, um pouco mais acerca das funções da assessora de comunicação que passam, sobretudo, pela elaboração de notas de

imprensa, contactos com jornalistas, organização de lançamentos e ainda gestão de redes sociais.

Por vezes, a comunicação passa por ações originais e pode visar um público diferente dos jornalistas. Recordo o caso da publicação de um título da coleção Vampiro cujo enredo decorre numa agência de publicidade e a vítima é um *copywriter*, em que a Maria João decidiu enviar exemplares aos diretores criativos das principais agências publicitárias<sup>76</sup>.

Além dos lançamentos, a Porto Editora mantém com regularidade alguns eventos que marcam a agenda literária nacional. É o caso do Porto de Encontro, um ciclo de conversas com escritores lançado em 2011<sup>77</sup>. Em 2015 organizou a Viagem Literária a Portugal, uma iniciativa protagonizada por um rosto jovem e dinâmico, o de Rui Couceiro, editor e coordenador cultural.

Para além disso, as várias chancelas marcam presença na maioria dos festivais literários através dos seus autores. O calendário nacional de eventos editoriais está bastante preenchido, sucedendo-se, e até sobrepondo-se, os encontros, feiras, festas e festivais, de norte a sul do país, sem esquecer as ilhas. Do Correntes d'Escritas na Póvoa de Varzim ao Folio em Óbidos, do Festival Literário da Madeira ao Arquipélago de Escritores em Ponta Delgada, para mencionar apenas alguns, quase todas as cidades de alguma dimensão organizam a sua festa literária, convidando autores para debater os mais variados temas em torno da literatura.

#### 2.3.4 Relatórios de leitura

Tive a sorte de realizar atividades muito diversificadas, que me possibilitaram tomar contacto com variados aspetos da função de assistente editorial. Se tivesse de eleger a mais interessante, escolheria a elaboração de pareceres ou relatórios de leitura.

---

<sup>76</sup> SAYERS, Dorothy, *O Crime Exige Propaganda*, Lisboa: Livros do Brasil, 2018. «Quando o copywriter é a vítima do crime. Será também o herói?», site LB, 07.06.2018 [www.livrosdobrasil.pt/noticias/quando-o-copywriter-e-a-vitima-do-crime-sera-tambem-o-heroi/136106](http://www.livrosdobrasil.pt/noticias/quando-o-copywriter-e-a-vitima-do-crime-sera-tambem-o-heroi/136106) (consultada a 12.11.2018)

<sup>77</sup> [www.portoeditora.pt/portodeencontro](http://www.portoeditora.pt/portodeencontro)

Este desafio consiste na leitura, integral ou parcial, de uma obra por publicar, com o objetivo de aferir o interesse da sua edição no mercado português<sup>78</sup>.

Ana Luísa Calmeiro solicitou-me uma apreciação geral, com o objetivo de aferir o potencial de publicação de cada um dos títulos que me confiou. Coloquei-me no papel de leitora atenta e procurei pôr de lado os meus gostos pessoais, tentando avaliar objetivamente elementos como o interesse da temática para o público português, a qualidade da linguagem, a eficácia narrativa, a originalidade ou a previsibilidade do enredo, a construção das personagens, as emoções transmitidas, a consistência ao longo do texto, entre outros. Fiz isto um tanto intuitivamente, recorrendo à minha experiência de leitora e de consumidora de crítica literária. Quanto ao formato, uma vez que não me foi fornecido um modelo de análise, optei por redigir um texto corrido.

No anexo 4 apresento os relatórios que escrevi e enviei à minha supervisora. Aqui indicarei apenas os livros lidos, integral ou parcialmente, com uma breve nota sobre o interesse que suscitaram.

- Andrew Sean Greer, *Less*

Obra vencedora do Prémio Pulitzer em 2018. Segundo o júri, «um livro generoso, musical na prosa e expansivo na estrutura e alcance, sobre o envelhecimento e a natureza do amor.»<sup>79</sup> O autor é americano, nascido em 1970. Recomendo a publicação sem reservas.

- Leona Deakin, *Mind Games*

Livro de estreia da autora com publicação prevista para maio de 2019 pela Penguin Random House. Um *thriller* aliciante e bem escrito. Recomendo a publicação.

---

<sup>78</sup> Existem diferentes modelos para a elaboração destes relatórios. Na cadeira de Técnicas da Edição, por exemplo, o professor Rui Zink propôs um exercício com os seguintes campos de análise: título, género, estilo, pontos fortes, pontos fracos, sinopse breve, sinopse extensa, livros-parentesco, leitores potenciais/público-alvo, campanha de *marketing*, preço ideal, trecho exemplar.

<sup>79</sup> «The 2018 Pulitzer Prize Winner in Fiction» [www.pulitzer.org/winners/andrew-sean-greer](http://www.pulitzer.org/winners/andrew-sean-greer) (consultada a 06.01.2019)

- Anne Cathrine Bomann, *Agathe*

Livro apresentado pelo agente como uma «pequena pérola literária». Foi publicado na Dinamarca em 2017 e os direitos foram vendidos, até ao momento, para 17 países. Recomendo a publicação.

- Willem Lost, *The man who really liked Rembrandt*

História bem escrita, mas com um enredo visto e previsível. Não recomendo a publicação.

- Rebecca Reid, *Perfect Liars*

Um *thriller* bastante convencional, com uma receita um tanto gasta: três amigas guardam um segredo do passado. Não recomendo a publicação.

- D.B. John, *Star of the North*

História passada, em parte, na Coreia do Norte, com várias linhas narrativas. Não cheguei a terminar a leitura, mas fiquei inclinada para o parecer favorável.

- Lara Prescott, *We Were Never Here*<sup>80</sup>

Uma obra pertencente ao riquíssimo subgénero dos livros sobre livros. A intriga versa sobre Boris Pasternak e a sua obra-prima *Dr. Jivago*. É um livro-sensação, já com contrato para o cinema. Recomendo veementemente.

- Carla Pais, *Um cão deitado à fossa*

Este foi um caso especial, a leitura mais cuidada e profunda que fiz e o relatório a que dediquei mais atenção. Foi um pedido direto de Manuel Alberto Valente que me

---

<sup>80</sup> CLARKE, Stewart, «‘The Night Manager,’ ‘La La Land’ Producers Adapting Cold War Thriller ‘We Were Never Here’ (EXCLUSIVE)», *Variety*, 27.09.2018 <https://variety.com/2018/film/news/the-night-manager-la-la-land-producers-adapting-we-were-never-here-1202959658> (consultada a 06.01.2019)

passou o manuscrito para as mãos dizendo que se tratava do segundo romance de Carla Pais. O nome não me era desconhecido. Carla Pais tornou-se conhecida através do romance *Mea Culpa*, que foi indicado como vencedor, em 2016, do Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís, atribuído pela Sociedade Estoril-Sol. O galardão foi depois retirado por se considerar que houve violação do regulamento, uma vez que a autora não era uma estreante (já tinha uma obra publicada). *Mea Culpa* perdeu o prémio, mas ganhou a atenção dos editores (foi publicado pela Porto Editora<sup>81</sup>), do público e da crítica<sup>82</sup>.

Senti de imediato uma responsabilidade acrescida e as orientações que recebi foram no sentido de produzir um relatório mais detalhado, procurando avaliar forças e fragilidades da narrativa. Depois de efetuar uma primeira leitura e tirar notas para a elaboração do relatório, senti necessidade de fazer uma segunda leitura para consolidar ideias e estruturar a minha apreciação.

Apesar de não ter lido o romance anterior, tinha através das críticas algum conhecimento prévio acerca do estilo de escrita da autora, nomeadamente o uso de uma linguagem intensamente poética, algo excessiva e carregada de imagens fortes. Detetei esses elementos neste manuscrito e sinalizei alguns excessos e redundâncias. Naturalmente que a repetição, a ênfase no uso de certas palavras ou imagens, é uma marca de estilo, faz parte da poética da autora. Apreciei a leitura do manuscrito, deixei-me envolver pelos meandros do enredo, pelas personagens sofridas, pela linguagem pesada e até violenta. Sinalizei sempre que senti as marcas do estilo demasiado em evidência, a sobrepor-se à própria literatura. Lembrei-me de um excerto de *Os Passos em Volta*, de Herberto Helder, intitulado *Estilo*, que discutíamos, por esses dias, na aula de Teoria da Literatura da Professora Silvina Rodrigues Lopes.

O mundo é assim, que quer? É forçoso encontrar um estilo. Seria bom colocar grandes cartazes nas ruas, fazer avisos na televisão e cinemas. Procure o seu estilo, se não quer dar em pantanas. Arranjei o meu estilo estudando matemática e

---

<sup>81</sup> PAIS, Carla, *Mea Culpa*, Lisboa: Porto Editora, 2017

<sup>82</sup> PITTA, Eduardo, «Crítica de livros: Mea Culpa», *Sábado*, 06.12.2017 [www.sabado.pt/gps/palco-plataia/livros/detalhe/critica-de-livros-mea-culpa](http://www.sabado.pt/gps/palco-plataia/livros/detalhe/critica-de-livros-mea-culpa) (consultada a 28.10.2018); PINTO, Diogo Vaz, «Carla Pais. A luz vulnerável em que se descose o fim do mundo.», *Jornal i*, 01.11.2017 <https://ionline.sapo.pt/587110> (consultada a 28.10.2018)

ouvindo um pouco de música. – João Sebastião Bach. Conhece o Concerto Brandeburguês n.º 5? Conhece com certeza essa coisa tão simples, tão harmoniosa e definitiva que é um sistema de três equações a três incógnitas. Primário, rudimentar. Resolvi milhares de equações. Depois ouvia Bach. Consegui um estilo. Aplico-o à noite, quando acordo às quatro da madrugada. É simples: quando acordo aterrorizado, vendo as grandes sombras incompreensíveis erguerem-se no meio do quarto, quando a pequena luz se faz na ponta dos dedos, e toda a imensa melancolia do mundo parece subir do sangue com a sua voz obscura... Começo a fazer o meu estilo. Admirável exercício, este. Às vezes uso o processo de esvaziar as palavras. Sabe como é? Pego numa palavra fundamental. Palavras fundamentais, curioso... Pego numa palavra fundamental: Amor, Doença, Medo, Morte, Metamorfose. Digo-a baixo vinte vezes. Já nada significa. É um modo de alcançar o estilo.<sup>83</sup>

Entreguei o relatório e, pouco depois, deixei a DEL-L. Nada mais soube em relação ao manuscrito de Carla Pais até que, a 27 de outubro de 2018, leio a notícia: a escritora vence o Prémio Literário Cidade de Almada com o romance *Um cão deitado à fossa*<sup>84</sup>. Segundo o regulamento do concurso, disponível no site da Câmara Municipal de Almada, as candidaturas para o referido prémio decorreram de 1 a 30 de abril de 2018. Deduzo, pois, que o manuscrito foi enviado para o concurso antes de ser remetido à editora para apreciação. Ou já teria chegado à editora, mas como os processos de avaliação são, regra geral, longos (pode mediar bastante tempo entre a receção do manuscrito e a resposta do editor, e suponho que isto possa acontecer mesmo em casos de autores já publicados), no mês de junho o original ainda estava em processo de avaliação. Ainda tive conhecimento, alguns dias depois de ter entregado o meu relatório de leitura, que o manuscrito foi passado à assistente editorial Sofia Fraga para avaliação.

Registo e sublinho o facto de o manuscrito premiado ter sido o que me chegou às mãos, creio. A autora terá remetido a mesma versão para o concurso e para a editora.

---

<sup>83</sup> HELDER, Herberto, *Os Passos em Volta* (1963), Lisboa: Assírio & Alvim, 1994

<sup>84</sup> LUSA, «*Um cão deitado à fossa* de Carla Pais vence Prémio Literário Cidade de Almada», 27.10.2018 [www.lusa.pt/article/25040026/-um-c%C3%A3o-deitado-%C3%A0-fossa-de-carla-pais-vence-pr%C3%A9mio-liter%C3%A1rio-cidade-de-almada](http://www.lusa.pt/article/25040026/-um-c%C3%A3o-deitado-%C3%A0-fossa-de-carla-pais-vence-pr%C3%A9mio-liter%C3%A1rio-cidade-de-almada) (consultada a 27.10.2018)



Seria interessante perceber se a versão que sairá em livro será a original do concurso ou uma outra que integrará eventuais propostas de alteração dos editores<sup>85</sup>.

### 2.3.5 Revisão de traduções

A revisão de traduções foi das tarefas mais exigentes que realizei. Já a seguir, irei descrever em detalhe o processo de trabalho relativo a uma dessas traduções, a que ofereceu um desafio maior.

Outras foram mais simples. O grau de dificuldade variou em função da complexidade da linguagem e da qualidade da tradução. Um caso que não ofereceu dificuldades de maior foi a revisão da tradução do romance *Diz-me que és minha*, de Elisabeth Norebäck. O livro tem uma linguagem muito simples e básica, o que resultou numa tradução esmerada, na qual apenas identifiquei correções menores. Ainda assim, demorei cinco dias a concluir a revisão.

O livro seguinte já tinha um grau de exigência mais elevado. Uma leitura atenta de *Bakthita*, de Veronique Olmi, traduzido a partir do original francês, com algumas outras pequenas diligências pelo meio, estendeu-se por uma semana e meia<sup>86</sup>. Em geral, pude fazer estas revisões tranquilamente e sem interrupções, em condições ideais de atenção e concentração. Um privilégio, portanto.

#### Um caso particular de revisão de uma tradução

Dediquei vários dias à revisão da tradução de uma obra sueca, *I varje ögonblick är vi fortfarande vid liv*, de Tom Malmquist (Natur & Kultur, 2015). O livro foi traduzido a partir da edição original pelo tradutor João Reis, com o título *Todos os momentos em que estamos vivos*. À minha disposição, para efeitos de consulta, comparação e

---

<sup>85</sup> No início de janeiro de 2019, obtive a informação, através da DEL-L, de que o livro virá a ser publicado pela Porto Editora no decurso do corrente ano, estando o original a ser trabalhado pela autora.

<sup>86</sup> A publicação deste livro foi anunciada para o primeiro semestre de 2019 e divulgada num comunicado da agência Lusa. «Novo livro sobre Marcelo de Sousa entre as novidades da Porto Editora», [www.dn.pt/lusa/interior/novo-livro-sobre-marcelo-rebello-de-sousa-entre-as-novidades-da-porto-editora-10414753.html](http://www.dn.pt/lusa/interior/novo-livro-sobre-marcelo-rebello-de-sousa-entre-as-novidades-da-porto-editora-10414753.html) 09.01.2019 (consultada a 09.01.2019)

resolução de problemas, tive a versão em inglês (*In Every Moment We Are Still Alive*, Melville House, 2017, traduzida do sueco por Henning Koch).

Duas leituras atentas permitiram-me estabelecer uma estreita ligação ao livro e apreender, creio, a sua essência. Trata-se de uma obra de autoficção, de carácter bastante íntimo e confessional, o relato seco e fiel de uma experiência dolorosa que reflete grandes questões humanas: o nascimento e a morte, a doença, a paternidade, as relações amorosas e familiares.

Entrar no espírito do livro<sup>87</sup> foi fundamental para fazer a revisão. Na verdade, tratou-se de uma primeira experiência muito enriquecedora que tornou bastante evidente a regra de que um revisor não pode, nem deve ater-se simplesmente às questões de ortografia e linguística.

#### *A obra, o autor, o tradutor e o revisor*

Entendo o trabalho de edição e revisão como uma articulação de vários elementos que concorrem para um objetivo primordial: fazer chegar ao leitor a melhor edição possível, isto é, aquela que mais respeita o espírito da obra e a intenção do autor.

Procurei perceber, em primeiro lugar, que tipo de livro tinha nas mãos e conhecer o autor. Após algumas pesquisas, concluí que se trata de um primeiro romance, uma obra de autoficção bastante bem recebida pela crítica e pelos leitores, não só no seu país de origem, a Suécia, como noutros países onde foi publicada (Estados Unidos, Espanha, França, Itália, Alemanha, entre outros).

O autor, Tom Malmquist (n. 1978), é um poeta sueco, antigo jogador de hóquei, que se estreou em 2007, com um livro de poesia inspirado na sua vida desportiva. O segundo livro, também de poesia, publicado em 2009, foi acolhido com críticas entusiásticas. Em 2015, o autor publicou o primeiro romance (o livro em análise) baseado em vivências pessoais que envolvem a morte da mulher, o nascimento da filha e a doença prolongada do pai. Galardoadado com os mais prestigiados prémios literários suecos e traduzido para vários países, o livro foi considerado uma «obra magistral» e o autor «uma nova voz da literatura europeia»

---

<sup>87</sup> Entrar no espírito do livro, neste caso, significou ir à procura do contexto da obra e do autor, e mergulhar profundamente na leitura.

Todas estas informações que fui coligindo alertaram-me para o facto de estar perante uma obra importante, de grande visibilidade, pelo que me preparei para redobrar os cuidados de revisão e avaliação da tradução. A minha principal preocupação foi, a cada momento, aferir a qualidade da tradução, não só a nível estritamente gramatical e linguístico, mas também estilístico e narrativo.

O tradutor, João Reis, nasceu em Vila Nova de Gaia em 1985. É autor de três romances – *A Noiva do Tradutor* (2015, Companhia das Ilhas), *A Avó e a Neve Russa* (2017, Elsinore) e *A Devastação do Silêncio* (2018, Elsinore) – e foi editor e fundador da Eucleia Editora, entre 2010 e 2012. É um tradutor literário especializado em línguas nórdicas, tendo trabalhado e residido na Suécia e na Noruega.

Este contexto sobre o tradutor deu-me um elevado grau de confiança e alertou-me para o facto de estar perante alguém versado não só no idioma de origem, como também na cultura dos países escandinavos. Trata-se de um tradutor literário com vasta experiência na tradução de obras oriundas desses países e que é ele próprio um escritor cujos romances granjearam boas apreciações críticas.

*O trabalho de edição e revisão – dúvidas, erros e questões*

*A mancha de texto*

A primeira grande questão que se colocou tem a ver com a própria mancha gráfica do livro. A edição original apresenta o texto corrido, sem qualquer separação entre discurso direto e indireto. Ao folhear o livro, a impressão que temos é a de uma grande densidade de texto, com poucas pausas para respirar. A respiração é feita somente através da mudança de capítulo. Há três pausas maiores que correspondem à divisão do livro em três partes. Ainda assim, os capítulos são bastante extensos.

A edição em inglês não segue este formato. Em algumas sequências (as de menor tensão dramática, como vim a perceber), optou-se pela paginação dos diálogos em parágrafos, tornando a leitura mais fácil e a mancha gráfica menos «pesada».

Quando reparei nesta diferença entre as duas edições, questionei a minha supervisora sobre qual a opção que a edição portuguesa iria seguir. Depois de ponderar o assunto, ela indicou que deveríamos seguir o modelo da edição inglesa. A principal razão para essa opção tem a ver com a necessidade de tornar o livro mais apelativo para

o leitor. Ao folhear um exemplar numa livraria, o leitor português médio facilmente se sente desencorajado por uma mancha gráfica muito densa, com poucas marcas evidentes de diálogo, em parágrafos autónomos. A existência de diálogo não é tão percebida como se estivesse paginada de modo convencional, com o travessão a sinalizar a fala de cada personagem.

Refletindo sobre esta decisão, ponderei os prós e os contras e não pude deixar de pensar que a opção mais correta seria manter a fidelidade à mancha gráfica do original, sobretudo no caso de um livro que vive da extrema tensão dramática das situações e de um fluxo narrativo torrencial, com raros momentos de alívio emocional.

### *Levantamento de problemas*

Procedi a duas leituras atentas do texto e procurei efetuar uma revisão cuidada e profunda, indo bastante além da mera «caça à gralha». Fiz a sistematização do tipo de problemas com que me deparei ao longo do processo de revisão. Com base num levantamento minucioso, agrupei os problemas mais frequentes e elaborei uma tipologia (tabela na página seguinte), indicando também as soluções propostas para cada caso. Eis as principais categorias:

- Regionalismos

Sendo o tradutor de origem nortenha (Vila Nova de Gaia), nota-se o uso de certos termos que correspondem a um léxico próprio da região (Norte de Portugal). Neste caso a opção foi a de substituir pelo termo mais corrente da língua-padrão.

- Uso de calão

Provavelmente decorrente do mesmo facto apontado no ponto precedente, notei um uso excessivo do calão e de palavrões agressivos. Aqui a solução proposta foi a de suavizar algumas das expressões e, nalguns casos, substituir mesmo o palavrão por uma interjeição comum. Considerei que o contexto das personagens (pessoas de classe média-alta, com educação superior) era contraditório com um recurso exagerado a um calão algo violento.

- Construção gramatical «ao + verbo no infinitivo»

Notei um recurso sistemático a este tipo de construção (ex. «ao olhar») em casos em que o gerúndio seria mais apropriado por expressar melhor a simultaneidade de duas ações.

- Semântica, sentido e significado

Surgiram várias pequenas dúvidas nesta área. Nada de muito grave, nada que coloque em causa a qualidade e o profissionalismo do tradutor. Lapsos e distrações acontecem a todos. É por isso que o livro deve passar pelo crivo de vários leitores, do editor ao revisor, no mínimo.

- Termos médicos e de puericultura

Senti necessidade de confirmar alguns termos técnicos, da área da medicina, obstetrícia e puericultura e verifiquei que alguns deles estavam errados e deveriam ser substituídos pelo termo mais apropriado.

**TABELA DA TIPOLOGIA DE PROBLEMAS ENCONTRADOS**

CATEGORIA	TERMO OU EXPRESSÃO	OPÇÃO PROPOSTA	JUSTIFICAÇÃO
REGIONALISMOS	quarto de banho	casa de banho	Opção pelo termo correspondente da norma da língua-padrão
	aloquete	cadeado	
	à tua beira	ao pé de ti	
	repas	farripas	
	emborrachado	tocado	
	encorriha	vinco	
	aguça	afia-lápis	
	piche	alcatrão	
	cagadeira	latrina	
CONSTRUÇÃO GRAMATICAL «AO + INFINITIVO»	ao olhar ao menear ao abanar ao fitar ao bater ao esmigalhar	olhando meneando abanando fitando batendo esmigalhando	Construção gramatical mais adequada para expressar a simultaneidade de duas ações durante um certo período de tempo
PLURAL DE CORES COMPOSTAS	azuis-claras	azul-claras	Regra da formação do plural das cores compostas
	azul-verde	azul-esverdeadas	
	amarelo-vermelhas	amarelo-avermelhadas	
	amarelas-claro	amarelo-claras	
	amarela-laranja	amarela-alaranjada	

	cinzenta-preta	preta-acinzentada	
	amarelos-verdes	amarelo-esverdeados	
	amarelas-torrado	amarelo-torradas	
SEMÂNTICA, SENTIDO E SIGNIFICADO	lâmpada imbuída	lâmpada embutida	erro semântico
	Um <u>fruto</u> da minha imaginação	Um <u>delírio</u> da minha imaginação	palavra mais ajustada
	O gato fugidio, e há muito morto, da nossa família	O gato da família, um trinca-espinhas há muito desaparecido	Coerência interna e facilidade de leitura da frase.
	Cadeira ascensória	Cadeira elevatória	erro semântico
	Impressava-se sempre	Impressionava-se sempre	erro semântico
	autopiloto	piloto automático	termo mais comum
	revistas de mulher	revistas femininas	termo correto
	telecomunicador	intercomunicador	termo correto
	É melhor não lançar palpites	É melhor não me por a adivinhar	expressão mais ajustada
	tomar medicamentos	fazer medicação	expressão mais ajustada
	sala do lixo	sala de resíduos	termo correto
	Já não há dinheiro	estou nas lonas	mais coloquial (conversa entre amigos)
	Eu estava, por acaso, a tomar banho	Dei comigo parado no duche	tradução mais fiel
	fotografias <u>educacionais</u>	fotografias <u>didáticas</u>	termo mais correto
	yoga de gravidez	yoga para grávidas	termo mais correto
	sim, tipo isso	sim, basicamente	expressão mais ajustada
	na minha dianteira	à minha frente	termo mais corrente
	convidei-me a mim próprio	fiz-me convidado	expressão mais ajustada
	cumprimento de mão	aperto de mão	termo correto
	sacas de cartão	sacos de papel	termo correto
	cuidados de outrem	família de acolhimento	termo correto
	a ter em conta a voz	a avaliar pela voz	expressão mais ajustada
	O que mais me deixa furo	O que mais me custa	expressão mais ajustada
	Tens saudades do <u>badalhoco</u> ?	Tens saudades do <u>porco</u> ?	expressão mais ajustada
	chorar tão <u>copiosamente</u>	Chorar tão <u>desalmadamente</u>	expressão mais ajustada
TERMOS MÉDICOS E DE PUERICULTURA	aparelho de ecografia	ecógrafo	termo técnico
	mesa para mudar fraldas	muda-fraldas	termo técnico
	substituto lácteo	leite de substituição	termo técnico

	candeeiro	lâmpada (no contexto da fototerapia a que são submetidos os recém-nascidos)	termo técnico
	assistole	assistolia	termo técnico
	marsúrio	marsúpio	termo técnico
TEMPO VERBAL	Arrependo-me de me recolher	Arrependo-me de me ter recolhido	tradução mais exata
	Nos últimos anos só leste e escreveste	Tudo o que fizeste nos últimos anos foi ler e escrever	tradução mais coloquial
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	Não tens os cinco litros bem medidos	Não és bom da cabeça/ não jogas com o baralho todo	expressão mais usual ou idiomática na língua de chegada
	pais de primeira vez	pais de primeira viagem	expressão mais usual ou idiomática na língua de chegada
TÍTULO DE OBRAS	Vimos o <i>Big Fish</i>	Vimos <i>O Grande Peixe</i>	Opção pelo título atribuído em português
	<i>O Sino de Ano Novo</i> de Tennyson	<i>O poema de Ano Novo</i>	Título correto em português
	<i>A Quinta Criança</i>	<i>O Quinto Filho</i> [livro de Doris Lessing]	Título correto em português
TRADUÇÃO	Pai, acabei com a Ellie	Pai, eu e a Ellie acabámos	Por confronto com a versão em inglês e por fazer mais sentido na narrativa
	Ouçó as gargalhadas do meu pai <u>reverberarem</u>	Ouçó as gargalhadas do meu pai <u>ecoarem</u>	
	hipista	equitador	
	O pai é um bebé da treta	O pai é o raio de um bebé grande	
	atracadouro	ancoradouro	
	Roubou-nos tempo quando <u>este nos era mais importante</u>	Roubou-nos tempo quando <u>mais precisávamos dele</u>	
	Assento com a cabeça	Aceno com a cabeça	
PREPOSIÇÕES	chapéu <u>com</u> a aba mole	chapéu <u>de</u> aba mole	
	casaco <u>com</u> flores	casaco <u>às</u> flores	
	<u>sob</u> a luz da <u>tardinha</u>	<u>à</u> luz do <u>entardecer</u>	
MODISMO (ESTRANGEIRISMO)	voicemail	atendedor de chamadas	Substituição pelo termo português equivalente e bastante usual
INVERSÃO DO ADJETIVO	um colar fino de prata branca	um fino colar de prata branca	Leitura mais fluida
UNIDADE DE MEDIDA	cinquenta watts	cinquenta <u>Watts</u>	

NOTAS DE RODAPÉ	<i>Consciousness Awareness and Anesthesia</i>	Introdução de uma nota de rodapé com indicação do autor e do título da obra em português	Referência com alguma relevância para o leitor no contexto da narrativa
	«Friends are hard to find when they discover that you ' re down.»	«Os amigos são difíceis de encontrar quando descobrem que estás em baixo.»	Tradução do excerto de uma canção de Tom T. Hall, citada no original.
TEXTO EM FALTA	-----	Tenho mesmo de dormir agora, estou cansada.	Em confronto com a versão inglesa detetei texto em falta. A frase parecia estar incompleta («usa a camisola como almofada»).

Toda a obra traduzida contém o risco de constituir uma traição ao original. Se o tradutor é um segundo autor, que deve fidelidade ao primeiro autor e respeito ao leitor (a quem deve entregar a melhor tradução possível, fazendo a ponte linguística e cultural entre dois idiomas), o revisor de uma tradução tem também um papel muito importante no processo. É o vigilante da obra (sendo o editor, talvez, o seu guardião).

Rever uma tradução implica um trabalho duplo ou até triplo, quando o texto em causa é a tradução de uma tradução, o que também acontece com frequência. O leitor comum não pensa, talvez, sobre estas questões. Mas é importante que o meio editorial as pense e promova o debate sobre as mesmas. Os autores, e a própria literatura, precisam dos tradutores e dos revisores (assim como dos editores e dos restantes protagonistas da edição) para chegarem nas melhores condições ao seu público. Se algum dos elementos da cadeia falha, pode mesmo haver um desencontro total entre o autor e o público. Um livro pode não chegar a encontrar leitores por causa de uma má tradução e/ou de uma revisão incompetente. Cabe, por isso, reconhecer e valorizar estas profissões fundamentais para o mundo do livro e o prazer da leitura.

#### 2.3.6 Outros acontecimentos importantes

Neste subcapítulo gostaria de falar de outros casos ocorridos durante o tempo que passei na DEL-L. São situações nas quais não tive uma participação ou intervenção



direta, mas considero relevantes e enriquecedoras do ponto de vista da aprendizagem e da percepção do que é a vida numa editora.

Desde que, pela primeira vez, cruzei a entrada do edifício da Porto Editora (mais conhecido como edifício Bertrand Círculo de Leitores), a minha disposição foi de alerta total. Poder aceder ao ambiente, às vivências, ao bulício do dia a dia de uma editora incutiu-me o desejo de perceber, absorver, captar informações, interpretar sinais, avançar no conhecimento das práticas e das ideias, e dei por mim atenta a cada conversa com o intuito de identificar tudo o que fosse relevante.

Entre a miríade de grandes e pequenos acontecimentos que convocaram a minha atenção e interesse, vou falar brevemente daqueles que me parecem mais significativos. Ao compilar esta lista, surpreendo-me. Como foi possível ter presenciado tanto em pouco mais de três meses? Socorro-me dos sites das várias chancelas e consulto a bem fornecida secção de notícias para verificar algumas datas e factos.

#### → Relançamento da Sextante Editora

Foi um dos acontecimentos que acompanhei com mais entusiasmo talvez porque, desde a primeira hora, criei especial empatia com a chancela e com o seu editor, João Rodrigues. Pude assistir aos preparativos do evento que assinalou o relançamento da Sextante<sup>88</sup> e beneficiou de assinalável cobertura mediática<sup>89</sup>. Com o pretexto do 10.º aniversário da editora, foi apresentada uma nova linha editorial assente em duas grandes vertentes: autores estrangeiros contemporâneos e grandes romances populares da literatura mundial.

A apresentação da nova linha gráfica e editorial teve lugar num evento para convidados e imprensa, no dia 15 de maio de 2018, no Le Consulat, em Lisboa. Em alusão à nova coleção Biblioteca dos Tesouros, que se estreou com dois clássicos famosos – Os

---

<sup>88</sup> «A grande literatura de hoje e de sempre na nova fase da Sextante», site SE, 16.05.2018 [www.sextanteeditora.pt/noticias/a-grande-literatura-de-hoje-e-de-sempre-na-nova-fase-da-sextante/135144](http://www.sextanteeditora.pt/noticias/a-grande-literatura-de-hoje-e-de-sempre-na-nova-fase-da-sextante/135144) (consultada a 15.10.2018)

<sup>89</sup> CIPRIANO, Rita, «A Sextante renasceu e está cheia de tesouros por descobrir», *Observador*, 15.05.2018 <https://observador.pt/2018/05/15/a-sextante-renasceu-e-esta-cheia-de-tesouros-para-descobrir> (consultada a 15.10.2018)

*Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, e *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson – a festa contou com uma animação teatralizada com a presença de «mosqueteiros».

A coleção Biblioteca dos Tesouros integra, até ao momento cinco títulos. O mais recente, publicado em setembro de 2018, é *Krabat – O Moinho do Feiticeiro*, do escritor alemão Otfried Preussler, uma obra de 1972 até agora inédita em Portugal, e um autêntico precursor da saga *Harry Potter*. No programa *Literatura Aqui*, o editor João Rodrigues leva-nos numa empolgante viagem por estes clássicos de aventuras<sup>90</sup>. O “homem dos tesouros” lembra que todos conhecem estas histórias, mas talvez nunca tenham lido as versões integrais, com traduções cuidadas<sup>91</sup>, e conhecido os livros tal como eles eram: “grandes, ilustrados, cheios de ação, aventura, paixões, vinganças”. Alexandre Dumas, Julio Verne, Robert Louis Stevenson, Howard Pyle, e outros, são “os grandes autores tradicionais das bibliotecas familiares”.

#### → Criação da página de Instagram da Livros do Brasil

No início de março de 2018 foi criada a página da Livros do Brasil na rede social Instagram. Em relação à estratégia do grupo para as redes sociais, e o digital em geral, podemos constatar que nem todas as chancelas estão presentes naquela rede social que privilegia a partilha de fotografias. Na rede social Facebook existe uma página para o grupo<sup>92</sup> e uma para cada chancela<sup>93</sup>. Foi decidido criar a página de Instagram da Livros do Brasil, tal como também já tinha sido criada para a Assírio & Alvim, porque o perfil destas chancelas coaduna-se melhor com o tipo de conteúdos que alimenta aquela rede, muito voltada para a imagem. As icónicas capas das coleções Dois Mundos e Vampiro, que estão a ser relançadas, surtem bom efeito, assim como as páginas de poesia da

---

<sup>90</sup> Episódio 30, 30.10.2018, a partir do minuto 11 [www.rtp.pt/play/p4370/e371902/literatura-aqui](http://www.rtp.pt/play/p4370/e371902/literatura-aqui) (consultada a 03.11.2018)

<sup>91</sup> A qualidade da tradução é um dos argumentos fortes desta coleção. Como se pode ler com destaque nas respetivas folhas de rosto, *Os Três Mosqueteiros* foi traduzido do francês por Artur Lopes Cardoso; *A Ilha do Tesouro*, traduzido do inglês por António Mega Ferreira; *As Aventuras de Robin dos Bosques*, traduzido do inglês por Carlos Sousa de Almeida; *Krabat O Moinho do Feiticeiro*, traduzido do alemão por Gabriela Fragoso; *Scaramouche*, traduzido do inglês por João Bernardo Boléo.

<sup>92</sup> [www.facebook.com/PortoEditora](https://www.facebook.com/PortoEditora)

<sup>93</sup> [www.facebook.com/SextanteEditora](https://www.facebook.com/SextanteEditora), [www.facebook.com/editoralivrosdobrasil](https://www.facebook.com/editoralivrosdobrasil), [www.facebook.com/assirioealvim](https://www.facebook.com/assirioealvim)

Assírio & Alvim. A imagem de uma capa muito reconhecível ou um breve e belo poema são o tipo de conteúdos que podem obter grande adesão e partilha no Instagram.

→ Lançamento do novo romance de Jacinto Lucas Pires

*A Gargalhada de Augusto Reis*, publicado em maio de 2018, assinalou a estreia de Jacinto Lucas Pires (n. 1974) na Porto Editora. Há vários anos que o escritor, que é também autor de peças de teatro, contos e literatura infantil, não publicava um romance (o anterior, *Perfeitos milagres*, havia saído em 2007 pela Cotovia), pelo que este regresso ao género de maior fôlego foi tratado, pela comunicação da editora, como um acontecimento literário de grande relevância<sup>94</sup>. O lançamento público teve lugar no dia 7 de junho na Fnac Chiado e contou com apresentação do historiador Rui Tavares e do músico e pastor evangélico Tiago Cavaco, figuras que é impossível dissociar das respetivas filiações políticas, o primeiro à esquerda e o segundo à direita. Este equilíbrio de forças não pode deixar de ter significado tendo em conta a temática do livro, que tem como protagonista um poeta do Estado Novo. O livro foi também apresentado no Porto, a 30 de junho, numa sessão do Porto de Encontro, ciclo mensal de conversas com escritores na Biblioteca Municipal Almeida Garrett<sup>95</sup>. O romance teve algum eco na imprensa, com críticas razoáveis, mas não entusiásticas, e algumas entrevistas<sup>96</sup>.

→ Lançamento do novo livro de Mário de Carvalho

Um novo livro de um autor consagrado como Mário de Carvalho é sempre um acontecimento. A coletânea de contos *Burgueses Somos Todos Nós ou Ainda Menos*

---

<sup>94</sup> «Onde anda a liberdade? *A Gargalhada de Augusto Reis* é um romance em dois tempos sobre a poesia, talvez a maior expressão de liberdade.», site PE, 17.05.2018

[www.portoeditora.pt/noticias/onde-anda-a-liberdade/136123](http://www.portoeditora.pt/noticias/onde-anda-a-liberdade/136123) (consultada a 12.11.2018)

<sup>95</sup> «Este sábado, Jacinto Lucas Pires está no Porto de Encontro», site PE, 28.06.2018  
[www.portoeditora.pt/noticias/este-sabado-jacinto-lucas-pires-esta-no-porto-de-encontro/136987](http://www.portoeditora.pt/noticias/este-sabado-jacinto-lucas-pires-esta-no-porto-de-encontro/136987) (consultada a 12.11.2018)

<sup>96</sup> SANTOS, Mário, «Poemas sem aviso», *Público*, 07.11.2018

[www.publico.pt/2018/09/07/culturaipsilon/critica/poemas-sem-aviso-1842964](http://www.publico.pt/2018/09/07/culturaipsilon/critica/poemas-sem-aviso-1842964); BOBONE, Carlos Maria, «Jacinto Lucas Pires e o poeta do Estado Novo», *Observador*, 24.6.2018

<https://observador.pt/2018/06/24/jacinto-lucas-pires-e-o-poeta-do-estado-novo>; MORAIS, Carolina, «Jacinto Lucas Pires: “A ficção é a verdade mais pura”», *Estante*, 19.06.2018

[www.revistaestante.fnac.pt/jacinto-lucas-pires-ficcao-verdade-pura/](http://www.revistaestante.fnac.pt/jacinto-lucas-pires-ficcao-verdade-pura/) (consultadas a 12.11.2018)

chegou às livrarias em abril e obteve ampla atenção mediática através de críticas e entrevistas<sup>97</sup>.

→ Livro inédito de Herberto Helder

Uma faceta menos conhecida de Herberto Helder, a de jornalista e cronista, foi dada a conhecer através da publicação de *em minúsculas*, com prefácio e organização de Daniel Oliveira, filho do poeta, Diana Pimentel e Raquel Gonçalves<sup>98</sup>.

Lançada em maio, a obra reúne textos publicados no jornal angolano *Notícia – Semanário Ilustrado*, entre abril de 1971 e junho de 1972. O livro teve uma apresentação pública a 26 de abril na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a cargo de Diana Pimentel e Raquel Gonçalves, e também a 3 de maio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A crítica não poderia ficar indiferente a esta edição<sup>99</sup>.

→ Nova edição de *Nó Cego* de Carlos Vaz Ferraz

Considerado «um dos mais importantes romances sobre a Guerra Colonial», publicado pela primeira vez em 1982, o primeiro romance de Carlos Vaz Ferraz regressou ao mercado numa nova edição revista pelo autor<sup>100</sup>. O lançamento decorreu a 19 de junho, na livraria Ferin, em Lisboa, e contou com a participação de António-Pedro Vasconcelos e João de Melo. Na crítica, Eduardo Pitta classifica a obra de

---

<sup>97</sup> LUCAS, Isabel, «A sociedade actual num espelho baço», *Público*, 02.06.2018 [www.publico.pt/2018/06/02/culturaipsilon/critica/a-sociedade-actual-num-espelho-baco-1832419](http://www.publico.pt/2018/06/02/culturaipsilon/critica/a-sociedade-actual-num-espelho-baco-1832419); CÉU E SILVA, João, «Mário de Carvalho: "O hábito de conversar sobre livros está a transferir-se para as redes sociais"», *Diário de Notícias*, 21.04.2018 [www.dn.pt/artes/interior/mario-de-carvalho-o-habito-de-conversar-sobre-livros-esta-a-transferir-se-para-as-redes-sociais-9275542.html](http://www.dn.pt/artes/interior/mario-de-carvalho-o-habito-de-conversar-sobre-livros-esta-a-transferir-se-para-as-redes-sociais-9275542.html); ALMEIDA, Nuno Ramos de, «Mário de Carvalho. "Não avalio um livro a partir das brejeirices morais de um autor"», *Jornal i*, 07.05.2018 <https://ionline.sapo.pt/611064>; DUARTE, Luís Ricardo, «"Burgueses Somos Nós Todos ou Ainda Menos", de Mário de Carvalho, uma festa na língua portuguesa», *Visão*, 18.06.2018 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/livros-e-discos/2018-06-18-Burgueses-Somos-Nos-Todos-ou-Ainda-Menos-de-Mario-de-Carvalho-uma-festa-na-lingua-portuguesa> (consultadas a 12.11.2018)

<sup>98</sup> «Um Herberto Helder desconhecido», site PE, 18.04.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/um-herberto-helder-desconhecido/134142](http://www.portoeditora.pt/noticias/um-herberto-helder-desconhecido/134142) (consultada a 12.11.2018)

<sup>99</sup> SANTOS, Hugo Pinto, «Herberto Helder cronista», *Público*, 06.07.2018 [www.publico.pt/2018/07/06/culturaipsilon/critica/herberto-helder-cronista-1836812](http://www.publico.pt/2018/07/06/culturaipsilon/critica/herberto-helder-cronista-1836812) (consultada a 14.11.2018)

<sup>100</sup> «Um dos mais importantes romances sobre a Guerra Colonial», site PE, 10.05.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/um-dos-mais-importantes-romances-sobre-a-guerra-colonial/135022](http://www.portoeditora.pt/noticias/um-dos-mais-importantes-romances-sobre-a-guerra-colonial/135022) (consultada a 12.11.2018)

«indispensável», sublinhando a existência de vários títulos sobre a Guerra Colonial, ao contrário da mensagem que se costuma passar<sup>101</sup>.

→ Livro para crianças de Richard Zimler

Um dos autores da Porto Editora mais queridos do público lançou em maio um livro para crianças. Com texto de Richard Zimler e ilustrações do artista plástico Carlos Farinha, *Maria e Danilo e o Mágico Perdido* foi objeto de uma comunicação cuidadosa, com apresentação pública e bastante divulgação. Para além de ser um autor com bastante notoriedade, Zimler tinha acabado de ser galardoado com o Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância, pela obra *O cão que comia a chuva* (Porto Editora, 2016). O livro foi apresentado por Catarina Marcelino, ex-secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, a 5 de junho, no hotel Real Palácio, em Lisboa. Teve algum eco na imprensa<sup>102</sup>.

→ Publicação de *As Barbas do Profeta*, de Eduardo Mendoza

Em 2016, Eduardo Mendoza venceu o Prémio Cervantes, o maior galardão atribuído no universo da literatura em língua castelhana. É um autor importante para a Sextante, que tem vindo a publicar a sua obra desde 2010<sup>103</sup>. A edição do livro *As Barbas do Profeta* revestiu-se de um interesse especial por ser um «texto inédito, escrito na sequência da atribuição do Prémio Cervantes 2016 ao autor.»<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> PITTA, Eduardo, «Crítica de livros: Nó Cego», *Sábado*, 12.08.2018  
[www.sabado.pt/gps/detalhe/critica-de-livros-no-cego](http://www.sabado.pt/gps/detalhe/critica-de-livros-no-cego) (consultada a 12.11.2018)

<sup>102</sup> ALMEIDA, Sérgio, «Richard Zimler: "O 'bullying' deixou de ser um tabu"», *Jornal de Notícias*, 11.07.2018 [www.jn.pt/artes/especial/videos/interior/richard-zimler-o-bullying-deixou-de-ser-um-tabu-9575692.html](http://www.jn.pt/artes/especial/videos/interior/richard-zimler-o-bullying-deixou-de-ser-um-tabu-9575692.html) (consultada a 12.11.2018]

<sup>103</sup> «Prémio Cervantes 2016 para Eduardo Mendoza», site SE, 30.11.2016  
[www.sextanteeditora.pt/noticias/premio-cervantes-2016-para-eduardo-mendoza/120523](http://www.sextanteeditora.pt/noticias/premio-cervantes-2016-para-eduardo-mendoza/120523) (consultada a 13.11.2018)

<sup>104</sup> «Os textos sagrados pela voz de Eduardo Mendoza», site SE, 05.06.2018  
[www.sextanteeditora.pt/noticias/os-textos-sagrados-pela-voz-de-eduardo-mendoza/135945](http://www.sextanteeditora.pt/noticias/os-textos-sagrados-pela-voz-de-eduardo-mendoza/135945) (consultada a 13.11.2018)

→ A edição de *As Cartas da Prisão de Nelson Mandela*

Como trabalhava mesmo ao lado da editora São José Sousa, e como criei com ela imediata empatia, fui acompanhando de perto a sua atividade, nomeadamente a fase final da edição de um livro importante no ano editorial da Porto Editora. Refiro-me a *As Cartas da Prisão de Nelson Mandela*, oportunamente publicado no centenário do nascimento do líder africano e com lançamento agendado para 17 de julho, véspera do Dia Internacional de Nelson Mandela<sup>105</sup>. Essa apresentação teve lugar no Teatro Thalia, em Lisboa e contou com a presença, além da editora, do embaixador Francisco Seixas da Costa e do jornalista António Mateus, pessoas convidadas pela sua ligação a Nelson Mandela. Naturalmente, o livro teve bastante espaço na imprensa.

→ Lançamentos da Assírio & Alvim

A Assírio & Alvim foi a chancela com a qual tive menor proximidade enquanto estive na DEL-L. No entanto, é um nome bem familiar, que está desde sempre no meu imaginário, associado a edições cuidadas da melhor poesia. Senti-me, talvez, um tanto intimidada pela aura de prestígio e qualidade, para tentar obter mais informações. Não houve, como no caso das outras chancelas, oportunidade para perceber quais as edições em curso e os livros prestes a sair. Ainda assim, registei alguns lançamentos importantes e procurei acompanhar a receção crítica aos mesmos.

*Estar em Casa*, de Adília Lopes<sup>106</sup>, *publicação de mortalidade*, de Valter Hugo Mãe<sup>107</sup>, *Poemas Escolhidos*, antologia poética de William Wordsworth<sup>108</sup>, *Traçar um Nome no Coração do Branco*, de Rosa Alice Branco<sup>109</sup>, são as edições que recordo melhor. Impossível esquecer a crítica de Hugo Pinto Santos à poesia reunida de Valter

---

<sup>105</sup> «Porto Editora publica *As Cartas da Prisão de Nelson Mandela*», site PE, 17.07.2018 [www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-publica-as-cartas-da-prisao-de-nelson-mandela/137344](http://www.portoeditora.pt/noticias/porto-editora-publica-as-cartas-da-prisao-de-nelson-mandela/137344) (consultada a 12.11.2018)

<sup>106</sup> «*Estar em Casa*, de Adília Lopes», site AA, 02.03.2018 [www.assirio.pt/noticias/estar-em-casa-de-adilia-lopes/132223](http://www.assirio.pt/noticias/estar-em-casa-de-adilia-lopes/132223) (consultada a 13.11.2018)

<sup>107</sup> «A poesia reunida de Valter Hugo Mãe», site AA, 08.03.2018 [www.assirio.pt/noticias/a-poesia-reunida-de-valter-hugo-mae/132442](http://www.assirio.pt/noticias/a-poesia-reunida-de-valter-hugo-mae/132442) (consultada a 13.11.2018)

<sup>108</sup> «Antologia de Wordsworth em edição bilingue», site AA, 16.04.2018 [www.assirio.pt/noticias/antologia-de-wordsworth-em-edicao-bilingue/133942](http://www.assirio.pt/noticias/antologia-de-wordsworth-em-edicao-bilingue/133942) (consultada a 13.11.2018)

<sup>109</sup> «Rosa Alice Branco na Assírio & Alvim», site AA, 08.05.2018 [www.assirio.pt/noticias/rosa-alice-branco-na-assirio-alvim/134844](http://www.assirio.pt/noticias/rosa-alice-branco-na-assirio-alvim/134844) (consultada a 13.11.2018)

Hugo Mãe, que naturalmente provocou algum incómodo na editora, até pela extensão da mesma<sup>110</sup>. Em sentido inverso, o mesmo crítico venera a edição da antologia de Wordsworth, não poupando elogios ao tradutor: «(...) virtuosismo e fidelidade ao texto, rigor e inventividade tornam esta tradução de Daniel Jonas uma referência imprescindível.»<sup>111</sup>

Dado o interesse e a qualidade das edições da Assírio & Alvim, a maioria das obras são recenseadas na imprensa, pelo que o acompanhamento da crítica é uma parte importante da vida desta chancela. Isto é igualmente válido para a Sextante e para a Livros do Brasil. No caso da Porto Editora, apenas as obras mais relevantes são objeto de crítica na imprensa.

#### → Feira do Livro de Lisboa 2018

A comunicação do grupo Porto Editora na Feira do Livro de Lisboa é feita através de um canal próprio – Autores que Nos Unem – que dá também nome ao espaço físico na feira composto por 26 pavilhões<sup>112</sup>. O principal destaque da 88ª Feira do Livro foi o vigésimo aniversário da atribuição do Nobel da Literatura a José Saramago, celebrado num pavilhão exclusivo com todas as obras do autor. Houve também um tributo a Luís Miguel Rocha, desaparecido em 2015, com a apresentação do seu último romance e de um prémio literário com o seu nome, instituído pela Câmara Municipal de Viana do Castelo. Na habitual agenda de sessões de autógrafos e lançamentos, sublinho as apresentações de *publicação da mortalidade*, de Valter Hugo Mãe, e *António Variações: entre Braga e Nova Iorque*, de Manuela Gonzaga.

#### → Acidente no Bloco Gráfico da Porto Editora

Em resultado de um fenómeno atmosférico extremo, ocorrido no dia 14 de março de 2018, a unidade gráfica da Porto Editora, localizada na Maia, sofreu graves danos

---

<sup>110</sup> SANTOS, Hugo Pinto, «VHM: “Orgiaco e solene, monumental e fútil”», *Público*, 06.04.2018 [www.publico.pt/2018/04/06/culturaipilon/critica/vhm-orgiaco-e-solene-monumental-e-futil-1808946](http://www.publico.pt/2018/04/06/culturaipilon/critica/vhm-orgiaco-e-solene-monumental-e-futil-1808946) (consultada a 13.11.2018)

<sup>111</sup> SANTOS, Hugo Pinto, «Um homem que fala aos outros homens», *Público*, 22.08.2018, [www.publico.pt/2018/05/22/culturaipilon/critica/um-homem-que-fala-aos-outros-homens-1830306](http://www.publico.pt/2018/05/22/culturaipilon/critica/um-homem-que-fala-aos-outros-homens-1830306) (consultada a 13.11.2018)

<sup>112</sup> [www.portoeditora.pt/autoresquenosunem](http://www.portoeditora.pt/autoresquenosunem)

(felizmente apenas materiais), com consequências na produção e distribuição. Segundo noticiado pela agência Lusa, tratou-se da situação mais grave que a empresa enfrentou em 74 anos, exigindo a reconstrução da unidade gráfica, prevista até final do ano<sup>113</sup>. Naturalmente, este acidente provocou grande consternação. Nos tempos imediatos, afetou o normal funcionamento da empresa, mas poucas semanas depois a normalidade parecia estar reposta e na DEL-L raramente voltei a ouvir falar no sucedido.

---

<sup>113</sup> LUSA, «Três feridos em queda de estrutura na Porto Editora», *Diário de Notícias*, 14.03.2018 (consultada a 04.01.2019)



## REFLEXÃO FINAL

### O CHARME DA EDIÇÃO, A MARCA DO EDITOR

Será que ainda podemos falar em charme da edição? Há uma visão que tende a identificar os grandes grupos como os «predadores» da bibliodiversidade<sup>114</sup> e as pequenas editoras como os últimos guardiões da nobre arte da edição, do amor aos livros, à literatura e ao ensaio<sup>115</sup>.

A concentração editorial em Portugal, com a formação de dois grandes grupos – Porto Editora e Leya – ocorreu tarde, comparativamente ao que se passou no resto da Europa e nos Estados Unidos. O meio editorial português era constituído maioritariamente por editoras familiares ou de cunho pessoal.

Em declarações ao *Jornal de Letras* em janeiro de 2008, José Afonso Furtado, especialista em questões do livro e da edição, caracterizava assim o sector até ao início da constituição dos grandes grupos, quando se dá compra da Dom Quixote à Planeta pelo grupo de Pais do Amaral (que já havia adquirido a Caminho, a Asa, a Texto e a Gaialivro):

As editoras mais representativas eram familiares ou o resultado da visão de um empreendedor, que era ao mesmo tempo o editor. Havia depois as grandes editoras escolares e extensões de grupos mais globais. Isso tornava o mercado muito propício para operações de aquisição, até porque muitos dos fundadores

---

<sup>114</sup> A propósito de bibliodiversidade, publiquei um texto na página de Facebook do meu blogue, *Senhoras da Nossa Idade*, em jeito de resumo do debate «Porque fecham as livrarias?» (cf. anexo 5).

<sup>115</sup> Nos últimos anos, foram publicados alguns livros que evocam e exaltam o papel dos editores independentes e das pequenas editoras: AAVV, *&etc Prolegómenos a Uma Editora*, Lisboa: Letra Livre, 2017; Pedro Piedade Marques, *Editor contra: Fernando Ribeiro de Mello e a Afrodite*, Lisboa: Montag, 2015; Sara Figueiredo Costa, *Carlos da Veiga Ferreira: Os editores não se abatem*, Lisboa: Booktailors, 2013; Sara Figueiredo Costa, *Fernando Guedes: O decano dos editores portugueses*, Lisboa: Booktailors, 2012.

Algumas exposições têm também contado histórias de editores. Na Biblioteca Nacional de Portugal: «Luiz Pacheco | Contraponto: um homem dividido vale por dois», entre novembro de 2009 e fevereiro de 2010; «& etc: prolegómenos a uma editora», acompanhada da exibição do filme *Vitor Silva Tavares – certos curtos sinais*, um projeto de Diogo Vaz Pinto, Hugo Magro e Paulo Tavares, entre fevereiro e maio de 2017; «Insólita ofensiva de corrupção»: a Afrodite de Fernando Ribeiro de Mello durante o Estado Novo (e depois), entre março e maio de 2017. Na Biblioteca Municipal do Porto: «Editor de Vanguardas: Fernando Ribeiro de Mello e a Afrodite», entre outubro de 2018 e janeiro de 2019.

dessa miríade de pequenas empresas estão a atingir uma idade em que se põe o problema da herança das empresas que criaram.<sup>116</sup>

Nuno Seabra Lopes, consultor editorial, desmitificava, no mesmo dossiê, o «papão» da concentração editorial:

As pessoas têm sempre medo destes fenómenos, mas deles não vem necessariamente mal ao mundo. O mercado está a profissionalizar-se. E o livro, enquanto objeto, acaba por ser mais investigado e trabalhado, chegando mais facilmente ao público-alvo. Com mais capital, é possível investir mais na qualidade.<sup>117</sup>

José Afonso Furtado mostrava-se bastante mais cético:

A lógica é puramente financeira e não cultural. (...) O consumidor, ao contrário do que pensa a associação que os defende, é tanto mais defendido quanto maior for a oferta e maior a mistura de oferta de qualidade com outra de menor qualidade, o que é característica de um mercado saudável. O que se verifica é uma enorme concentração a nível da distribuição e do retalho e isto que já é um problema vai ser agravado com os grupos editoriais, com grande capacidade de negociar com as livrarias, poderá sobrar muito pouco espaço para as pequenas e médias editoras, onde tradicionalmente se renova a edição. E isso é verdadeiramente assustador.<sup>118</sup>

A consolidação dos grandes grupos fez surgir uma série de pequenas editoras que alimentam um mercado bastante ativo, mas com tiragens muito curtas. Na sua maioria são projetos pessoais, mantidos por gosto e casmurrice.

Como convivem estes dois mundos, o dos grandes grupos e o das pequenas editoras? Existe um organismo, a APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, que é acusada pelos pequenos de defender apenas os interesses dos grandes. Durante uma década, entre 1999 e 2009, existiu outra entidade no sector, a União de Editores

---

<sup>116</sup> NUNES, Maria Leonor, RÊGO, Francisca Cunha e FREIRE, Rita Silva, «Concentração editorial em Portugal – Uma revolução anunciada», *Jornal de Letras*, 2-15.01.2008, p. 11

<sup>117</sup> Ibid., p. 13

<sup>118</sup> Ibid., p. 13

Portugueses (ao longo da sua existência, teve como presidentes Pedro Moura Bessa, Manuel Ferrão e Carlos da Veiga Ferreira). Nesse período foram realizados dois Congressos de Editores, em 2001<sup>119</sup> e 2006<sup>120</sup>. O editor Nelson de Matos apresentou nessa ocasião uma comunicação sobre concentração editorial e edição independente que, anos mais tarde, disponibilizou no seu blogue, espantando-se com o seu «caráter premonitório».<sup>121</sup>

A APEL e a UEP acabam por fundir-se em 2009<sup>122</sup>. Sobre essa fusão, comentava Francisco José Viegas no *Correio da Manhã*, em texto transposto para o seu blogue:

A Associação Portuguesa de Editores e Livreiros e a União dos Editores Portugueses vão fundir-se. Estava escrito e é uma vitória pessoal de Rui Beja, o presidente da APEL, homem de consensos e um dos portugueses mais otimistas à face da terra. É boa, a fusão? É. Podem os interesses dos editores e dos livreiros ser representados em simultâneo e pela mesma associação? Tenho dúvidas, mas nunca se sabe. Com as transformações que se preveem para o mercado, dentro de dez anos as livrarias serão totalmente diferentes, os canais de distribuição mudarão e serão reduzidos, e a indústria gráfica sofrerá um golpe quase fatal. Vai iniciar-se, com o mundo do livro, um processo semelhante ao que aconteceu com a indústria da música há uns anos. Convém perceber isso antes de darem as mãos.<sup>123</sup>

Em agosto de 2018 foi divulgado, através da agência Lusa, o projeto da criação de uma associação de livrarias independentes<sup>124</sup>. Curiosamente, há dez anos houve a

---

<sup>119</sup> «I Congresso de Editores começa hoje», *TSF*, 18.04.2001 [www.tsf.pt/arquivo/2001/artes/interior/i-congresso-de-editores-portugueses-comeca-hoje-713881.html](http://www.tsf.pt/arquivo/2001/artes/interior/i-congresso-de-editores-portugueses-comeca-hoje-713881.html) (consultada a 14.11.2018)

<sup>120</sup> «2º Congresso de Editores decorre a 13 e 14 de Novembro em Lisboa», *RTP*, 07.11.2006 [www.rtp.pt/noticias/cultura/2-congresso-de-editores-decorre-a-13-e-14-de-novembro-em-lisboa\\_n158890](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/2-congresso-de-editores-decorre-a-13-e-14-de-novembro-em-lisboa_n158890) (consultada a 14.11.2018)

<sup>121</sup> MATOS, Nelson de, «Grupos Editoriais e Editores “Independentes”», *Textos de Contracapa*, 2, 31.10.2007 <http://textosdecontracapa2.blogspot.com/2007/10/grupos-editoriais-e-editores.html> (consultada a 14.11.2018)

<sup>122</sup> CRESPO, Lúcia, «Editores e livreiros portugueses unem-se após dez anos de cisão», *Jornal de Negócios*, 30.07.2009 [www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/editores\\_e\\_livreiros\\_portugueses\\_unem\\_se\\_apoacutes\\_d\\_ez\\_anos\\_de\\_cisatildeo](http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/editores_e_livreiros_portugueses_unem_se_apoacutes_d_ez_anos_de_cisatildeo) (consultada a 14.11.2018)

<sup>123</sup> VIEGAS, Francisco José, «Bons sinais e algumas dúvidas», *Origem das Espécies*, 06.08.2009 <https://origemdasespecies.blogs.sapo.pt/1009718.html> (consultada a 14.11.2018)

<sup>124</sup> LUSA, «Livreiros independentes unem-se em associação para lutar pela sobrevivência», *Público*, 19.08.2018 [www.publico.pt/2018/08/19/culturaipsilon/noticia/livreiros-independentes-unemse-em-associacao-para-lutar-pela-sobrevivencia-1841443](http://www.publico.pt/2018/08/19/culturaipsilon/noticia/livreiros-independentes-unemse-em-associacao-para-lutar-pela-sobrevivencia-1841443) (consultada a 05.11.2018)

tentativa de criar tal associação. Encontrei referência a uma reunião inaugural da associação LI – Livrarias Independentes, a 22 de junho de 2008 na Pó dos Livros. Não há, porém, notícia de desenvolvimentos posteriores<sup>125</sup>.

Regresso ao início, à conferência de editores que me conduziu ao estágio na DEL-L, acabando por desencadear um novo rumo para a minha vida profissional (após mais de 15 anos num emprego estável, vim a ficar desempregada no final de 2017. O facto de saber isso com alguma antecedência permitiu-me tomar algumas medidas, nomeadamente inscrever-me no mestrado com o propósito de melhorar as minhas qualificações e competências e reingressar com a maior brevidade no mercado laboral).

Aquele grupo de cinco editores representa bem a importância que a figura do editor ainda tem no mundo editorial<sup>126</sup>. Diogo Madre Deus (Cavalo de Ferro / Elsinore) destacou-se ao trazer para Portugal autores e literaturas de latitudes pouco divulgadas entre nós. Bárbara Bulhosa fundou (em 2005) uma editora que veio a tornar-se uma das mais mediáticas do início do século XXI, conseguindo reunir à sua volta uma geração de autores que vieram a conquistar notoriedade (João Pedro George, Rui Tavares, Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia). Maria do Rosário Pedreira tornou-se a descobridora «oficial» dos novos talentos da literatura portuguesa, tendo sido contratada pelo grupo Leya em 2009 com essa missão, depois de ter lançado autores como José Luís Peixoto, João Tordo e Valter Hugo Mãe, e na sequência da criação do Prémio Leya, em 2008<sup>127</sup>. Manuel Alberto Valente é um dos editores portugueses mais destacados, com uma longa e prestigiada carreira editorial. Francisco Vale tem-se distinguido pela coerência e

---

<sup>125</sup> «Livrarias independentes (LI)», 18.06.2008 <http://blogtailors.blogspot.com/2008/06/livres-independentes-li.html> (consultada a 05.11.2018)

<sup>126</sup> Na sebenta de Teoria da Edição, distribuída em exclusivo aos alunos do mestrado em Edição de Texto, o professor Rui Zink fala de um grupo de «cinco grandes» que não são exatamente estes. Só um coincide. São eles Manuel Alberto Valente, Nelson de Matos, João Rodrigues e Carlos da Veiga Ferreira. O quinto lugar da lista «nada credível» poderá pertencer a Francisco Vale, Guilherme Valente (Gradiva) ou Guilhermina Gomes (Círculo de Leitores). Eu acrescentaria Zeferino Coelho (Caminho). Na melhor das hipóteses, há uma mulher em cinco. No quinteto reunido no Museu da Farmácia a proporção é mais igualitária: duas mulheres em cinco.

<sup>127</sup> COUTINHO, Isabel, «Leya contrata Maria do Rosário Pedreira para editar novos autores portugueses», *Público*, 17.12.2009 [www.publico.pt/2009/12/17/culturaipilon/noticia/leya-contrata-maria-do-rosario-pedreira-para-editar-novos-autores-portugueses-1414364](http://www.publico.pt/2009/12/17/culturaipilon/noticia/leya-contrata-maria-do-rosario-pedreira-para-editar-novos-autores-portugueses-1414364) (consultada a 1.11.2018)

qualidade do seu catálogo. O editor da Relógio d' Água sobressai por um catálogo consensualmente considerado um dos mais consistentes do mercado<sup>128</sup>.

A liberdade de escolha como condição essencial para a edição é defendida por muitos editores, como pude verificar em diversas fontes consultadas, e também em debates e conversas a que assisti ao longo do ano. Manuel Alberto Valente, João Rodrigues e Vasco David, da DEL-L, afirmaram isso mesmo, de uma forma ou de outra, em entrevistas e declarações citadas ao longo destas páginas.

Destaco a frase cristalina de João Rodrigues, «editar é passar livros»<sup>129</sup>, a remeter para uma época dourada e inocente da edição (nunca terá sido realmente assim, nem a infância é inteiramente inocente), em que a qualidade dos livros seria o único critério para editar. No que estes editores, integrados num grande grupo editorial, insistem é nesta ideia: a edição só tem a beneficiar tendo ao seu dispor uma grande estrutura comercial, de *marketing*, vendas, logística e distribuição. São unânimes em afirmar a sua independência enquanto editores (naturalmente, dentro de certos limites), e mais ainda, garantem ser essa independência viabilizada e estimulada pelo suporte administrativo do grupo. Será a génese familiar e «livreira» (no sentido em que se trata de um grupo do livro) da Porto Editora responsável por esse bom acolhimento que os editores apregoam? O facto é que já passaram alguns anos desde as aquisições, e os editores mantêm-se no seu posto, defendendo os respetivos catálogos.

A edição mantém o seu charme e o editor continua a ter um papel fundamental, o de seleccionar, filtrar, orientar, sendo uma espécie de leitor privilegiado, um «guia do leitor»<sup>130</sup>. É uma questão pessoal, sem dúvida, e um mundo de afetos. Um mundo de

---

<sup>128</sup> “Cada vez mais a razão de ser de um editor está na sua capacidade de escolha, de ir construindo um catálogo de referência que atraia os autores e inspire confiança nos leitores. O resto é a agilidade de uma estrutura, o financiamento, a qualidade das traduções e revisões, o grafismo, a paginação e a promoção. Por isso considero actual a afirmação de Jason Epstein (co-fundador da *The New York Review of Books*, criador da Library of America, director da Random House e precursor da venda de livros online), que já fizera minha mesmo antes de a ler pela primeira vez:

«A edição de livros é por natureza uma indústria artesanal, descentralizada, improvisada e pessoal; realizam-na melhor pequenos grupos de pessoas com ideias afins, consagradas à sua arte, ciosas da sua autonomia, sensíveis às necessidades dos escritores e aos diversos interesses dos leitores.» (A *Indústria do Livro: Passado, Presente e Futuro da Edição*). VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa: Relógio d'Água, 2009

<sup>129</sup> «A Ronda da Noite», entrevista a Luís Caetano [www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite](http://www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite) (consultada a 01.10.2018)

<sup>130</sup> «Os editores são, antes de mais, pessoas que fazem uma seleção, que escolhem e editam material que será distribuído segundo determinados critérios, e que depois os comercializam e publicitam. Ao

paixões e polémicas<sup>131</sup>, que se completa no leitor e nos críticos, esses leitores idealmente mais bem preparados e informados, que nos ajudam a ler. Sobre a crítica, diz Nuno Júdice:

E estamos aqui no instante em que a crítica se pode exercer. Ela não existe sem uma leitura total do texto, sem o vencer dos preconceitos com que, muitas vezes, se parte para essa leitura, e sem esse domínio perfeito dos dois mundos, que são o da obra e o do leitor, com os seus vectores e relativismos próprios. Ou seja, a crítica não pode ser um ponto de chegada, com o triunfalismo da conclusão demagógica, do fecho da obra – até porque Umberto Eco já demonstrou amplamente o seu carácter “aberto” -, mas sim um ponto de partida. Como tal, ela deve partir do princípio de que, a haver finalização, esta se encontra no texto – sendo a crítica, quando muito, uma sinalização do percurso (que nunca é mais do que um dos percursos possíveis) da leitura do que o texto é – sendo que o *ser* do texto, esse, será sempre irredutível a qualquer conclusão crítica.<sup>132</sup>

Do autor e do editor (sem esquecer o tradutor, o revisor...) ao leitor e ao crítico, o ciclo editorial fecha-se e abre em novas direções. Se a edição alguma vez deixar de ser pessoal, afetiva e empenhada, os livros tornar-se-ão muito menos interessantes. Mas mesmo aí, haverá sempre um editor decidido a cumprir a sua missão e a começar tudo de novo. Qual a importância da existência de editores empenhados e livres nas suas escolhas? Voltemos a Schiffrin:

É apenas nos livros que investigações e argumentações podem ser conduzidas de forma prolongada e em profundidade. Os livros têm sido tradicionalmente o único meio no qual duas pessoas, um autor e um editor, concordam em que há algo que

---

associarem o seu nome ao trabalho dos escritores, os editores dão uma garantia e servem de guia ao leitor.» SCHIFFRIN, op. cit., p. 175

<sup>131</sup> Em 2017, uma polémica entre Francisco Vale (Relógio d'Água) e Guilherme Valente (Gradiva) ocupou algumas páginas de jornais. O caso versou sobre bom senso e bom gosto na edição, e teve início com uma entrevista do editor da Relógio d'Água ao *Diário de Notícias* datada de 09.08.2017:

[www.dn.pt/artes/interior/eu-nunca-editaria-o-jose-rodrigues-dos-santos-mesmo-sabendo-que-e-o-portugues-que-mais-vende-8692475.html](http://www.dn.pt/artes/interior/eu-nunca-editaria-o-jose-rodrigues-dos-santos-mesmo-sabendo-que-e-o-portugues-que-mais-vende-8692475.html) (consultada a 25.10.2018). Guilherme Valente acusou o toque e respondeu através de um artigo no mesmo jornal: [www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/censores-do-gosto-e-da-inteligencia-8714731.html](http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/censores-do-gosto-e-da-inteligencia-8714731.html) (consultada a 25.10.2018)

Francisco Vale rebateu poucos dias depois [www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/guilherme-valente-mentiras-e-esoterismo-8728665.html](http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/guilherme-valente-mentiras-e-esoterismo-8728665.html) (consultada a 25.10.2018).

<sup>132</sup> JÚDICE, Nuno, *ABC da Crítica*, Lisboa: Dom Quixote, 2010, pp. 90-91

precisa de ser dito, e por isso o partilham com o público por um pequeno montante de dinheiro. Os livros distinguem-se nitidamente de outros meios de comunicação social. Ao contrário das revistas, eles não dependem da publicidade. Ao contrário da televisão e do cinema, eles não precisam de ter uma audiência de massas. Os livros podem permitir-se ir contra a corrente, lançar novas ideias, desafiar o *status quo* na esperança de que, com o tempo, se atinja um público. A presente ameaça a estes livros e às ideias que contêm, a que costuma chamar-se o mercado de ideias, constitui um perigoso desenvolvimento não só para a edição profissional, mas para a sociedade como um todo. (...) Esperemos que nos próximos anos mais pessoas, aqui e no estrangeiro, reconheçam o quão perigoso é viver numa cultura que oferece uma escolha limitada de ideias e de alternativas, e como é essencial manter um debate alargado. Em resumo: lembrar como os livros importantes têm estado sempre presentes nas nossas vidas.<sup>133</sup>

Na DEL-L encontrei editores comprometidos com as suas escolhas, dedicados à sua missão e empenhados em não deixar cair no esquecimento «os livros importantes». A poesia da Assírio & Alvim, a Biblioteca dos Tesouros e todo o catálogo da Sextante, os clássicos da literatura universal da Livros do Brasil e algumas coleções da Porto Editora (José Saramago, Herberto Helder...) são exemplos de obras meritórias que enriquecem o mercado editorial nacional. Acredito que a perseverança dos editores responsáveis seja determinante para manter a qualidade e a integridade dos catálogos. A estrutura de *marketing* e de vendas de um grande grupo pode assegurar uma divulgação e uma distribuição eficazes, mas sem escolha, critério e seleção, simplesmente não há edição.

Quem encarna hoje em Portugal o papel do editor como figura intelectual, agente cultural com uma intervenção regular em prol da bibliodiversidade? Para além dos «decanos da edição» que ainda restam, quem assume o papel de editor, de forma cívica e empenhada? Os editores da DEL-L cabem nesse grupo, assim como outros já mencionados ao longo do texto (Francisco Vale, Bárbara Bulhosa, Diogo Madre Deus) e outros ainda que não cheguei a referir como Luís Oliveira da Antígona, João Paulo Cotrim

---

<sup>133</sup> SCHIFFRIN, op. cit., p. 198

da Abysmo<sup>134</sup> ou Fernanda Mira Barros da Cotovia, para além de uma constelação de pequenos editores, como João Concha da não edições, e de novos projetos como a Sibila Publicações de Inês Pedrosa.

O maior feito de um editor será publicar os livros que passam o crivo do tempo. Para isso, há que saber identificar a linguagem das aves, na formulação feliz de Joana Bértholo:

Também se encontram livros que não foram ditados por aves. Claro que sim. Algumas destas compilações até se vendem bem e os seus autores tornam-se estrelas durante um semestre ou dois. Pessoalmente, acredito que o tempo se encarregará de os colocar onde pertencem. A literatura é outra coisa.

Repare! *O Som e a Fúria*? Um falcão. Todos os livros de Dostoiévski, um condor! *Moby Dick*? Um rouxinol! *Madame Bovary* ou *O Deserto dos Tártaros*? Um melro! *Cem Anos de Solidão*... Não se sente logo que é coisa de pintassilgos...? *A Conferência dos Pássaros* é uma obra colectiva, como o próprio título indica. Posso continuar até me pararem: *Mrs. Dalloway*, *Dom Quixote* e *Finnegans Wake*? Estorninhos! *A Ilíada*, o *Decameron* ou o *Gilgamesh*, tordos!

(...)

Atenção, que nada disto amedronte o aspirante a escritor – ou escritora. Por favor, só não tente inventar as suas próprias histórias, que nos poupe a esse exercício. Dedique, em vez, esse tempo, a ouvir as aves, os pássaros, alguns insectos, o vento nas folhagens. Faça silêncio. Aguarde. Tenha paciência. Serão eles a escolher o melhor momento para lhe sugerir uma boa história.<sup>135</sup>

Em Portugal, há centenas de livros a chegar às livrarias todos os meses. Garantir que pelo menos parte destes são obras «ditadas pelas aves», capazes de sobreviver à passagem do tempo e de serem lidas pelas futuras gerações (dê o mundo as voltas que der e sejam as pessoas, e os livros, o que vierem a ser), é a missão do editor.

---

<sup>134</sup> A crónica «Diário de um editor» no jornal *Hoje Macau* é uma das poucas publicações regulares que retratam a experiência do editor em nome próprio. Outro exemplo será o blogue *Horas Extraordinárias* de Maria do Rosário Pedreira.

<sup>135</sup> BÉRTHOLO, op. cit., pp. 458-459



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Nuno Ramos de. «Mário de Carvalho. "Não avalio um livro a partir das brejeirices morais de um autor"», *Jornal i*, 07.05.2018 <https://ionline.sapo.pt/611064> [consultada a 12.11.2018]
- ALMEIDA, Sérgio. «Richard Zimler: "O 'bullying' deixou de ser um tabu"», *Jornal de Notícias*, 11.07.2018 [www.jn.pt/artes/especial/videos/interior/richard-zimler-o-bullying-deixou-de-ser-um-tabu-9575692.html](http://www.jn.pt/artes/especial/videos/interior/richard-zimler-o-bullying-deixou-de-ser-um-tabu-9575692.html) [consultada a 12.11.2018]
- ALVES, Florbela, LOURENÇO, Gabriela, PINTO, Sandra. «Ler com toda a (c)alma: 17 livrarias de Lisboa e do Porto onde resistir é vencer», 16.01.2018 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2018-01-16-Ler-com-toda-a--c-alma-17-livrarias-de-Lisboa-e-do-Porto-onde-resistir-e-vencer> [consultada a 11.11.2018]
- BEJA, Rui. *A Edição em Portugal 1970-2010*. Lisboa: APEL, 2012.
- BELO, Inês. «Na Tigre de Papel os livros não se gastam», *Visão*, 25.10.2016 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-10-25-Na-Tigre-de-Papel-os-livros-nao-se-gastam> [consultada a 11.11.2018]
- BÉRTHOLO, Joana. *Ecologia*. Lisboa: Caminho, 2018.
- BOBONE, Carlos Maria. «Jacinto Lucas Pires e o poeta do Estado Novo», *Observador*, 24.6.2018 <https://observador.pt/2018/06/24/jacinto-lucas-pires-e-o-poeta-do-estado-novo> [consultada a 12.11.2018]
- CAETANO, Luís. «Última Edição com Vasco David», *Antena 2*, 01.06.2012 [www.rtp.pt/play/p303/e238102/ultima-edicao](http://www.rtp.pt/play/p303/e238102/ultima-edicao) [consultada a 16.10.2018]
- CAETANO, Luís. «A Ronda da Noite com João Rodrigues», *Antena 2*, 16.05.2018 [www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite](http://www.rtp.pt/play/p1299/e346854/a-ronda-da-noite) [consultada a 15.10.2018]
- CARNEIRO, Mário. «Mar de Letras», *RTP África*. [www.rtp.pt/programa/tv/p35155/e32](http://www.rtp.pt/programa/tv/p35155/e32) [consultada a 16.10.2018]
- CÉU E SILVA, João. «Eu nunca editaria o José Rodrigues dos Santos mesmo sabendo que é o português que mais vende», *Diário de Notícias*, 09.08.2017 [www.dn.pt/artes/interior/eu-nunca-editaria-o-jose-rodrigues-dos-santos-mesmo-sabendo-que-e-o-portugues-que-mais-vende-8692475.html](http://www.dn.pt/artes/interior/eu-nunca-editaria-o-jose-rodrigues-dos-santos-mesmo-sabendo-que-e-o-portugues-que-mais-vende-8692475.html) [consultada a 25.10.2018]
- CÉU E SILVA, João. «Mário de Carvalho: "O hábito de conversar sobre livros está a transferir-se para as redes sociais"», *Diário de Notícias*, 21.04.2018 [www.dn.pt/artes/interior/mario-de-carvalho-o-habito-de-conversar-sobre-livros-esta-a-transferir-se-para-as-redes-sociais-9275542.html](http://www.dn.pt/artes/interior/mario-de-carvalho-o-habito-de-conversar-sobre-livros-esta-a-transferir-se-para-as-redes-sociais-9275542.html) [consultada a 12.11.2018]

- CIPRIANO, Rita. «A Sextante renasceu e está cheia de tesouros por descobrir», *Observador*, 15.05.2018 <https://observador.pt/2018/05/15/a-sextante-renasceu-e-esta-cheia-de-tesouros-para-descobrir> [consultada a 15.10.2018]
- CIPRIANO, Rita. «O primeiro andar da Livraria Cotovia pertence agora aos “editores livres”», *Observador*, 12.09.2018 <https://observador.pt/2018/09/12/o-primeiro-andar-da-livraria-cotovia-pertence-agora-aos-editores-livres> [consultada a 04.01.2019]
- CLARKE, Stewart. «‘The Night Manager,’ ‘La La Land’ Producers Adapting Cold War Thriller ‘We Were Never Here’ (EXCLUSIVE)», *Variety*, 27.09.2018 <https://variety.com/2018/film/news/the-night-manager-la-la-land-producers-adapting-we-were-never-here-1202959658> [consultada a 06.01.2019]
- CORREIA, André Manuel. «A Leitura chega ao fim — o adeus a uma livraria onde se escreveu história», *Expresso*, 26.01.2018 <https://expresso.sapo.pt/cultura/2018-01-26-A-Leitura-chega-ao-fim---o-adeus-a-uma-livraria-onde-se-escreveu-historia> [consultada a 11.11.2018]
- COSTA, Sara Figueiredo. «O catálogo de Manuel Alberto Valente», *Cadeirão Voltaire*, 08.07.2008 <http://cadeiraovoltaire.blogspot.com/2008/07/o-catlogo-de-manuel-alberto-valente.html> [consultada a 14.11.2018]
- COTRIM, João Paulo. «Diário de um editor», *Hoje Macau*, novembro 2016—janeiro 2019 <https://hojemacau.com.mo/seccao/h-artes-ideias-e-letras/diario-de-um-editor> [consultada a 14.11.2018]
- COUTINHO, Isabel. «“Desde que os autores não tenham contratos assinados é evidente que os posso trazer”», *Público*, 18.04.2008 [www.publico.pt/2008/04/18/jornal/desde-que-os-autores-nao-tenham-contratos-assinados-e-evidente-que-os-posso-trazer-257558](http://www.publico.pt/2008/04/18/jornal/desde-que-os-autores-nao-tenham-contratos-assinados-e-evidente-que-os-posso-trazer-257558) [consultada a 14.10.2018]
- COUTINHO, Isabel. «Leya contrata Maria do Rosário Pedreira para editar novos autores portugueses», *Público*, 17.12.2009 [www.publico.pt/2009/12/17/culturaipilon/noticia/leya-contrata-maria-do-rosario-pedreira-para-editar-novos-autores-portugueses-1414364](http://www.publico.pt/2009/12/17/culturaipilon/noticia/leya-contrata-maria-do-rosario-pedreira-para-editar-novos-autores-portugueses-1414364) [consultada a 01.11.2018]
- CRESPO, Lúcia. «Editores e livreiros portugueses unem-se após dez anos de cisão», *Jornal de Negócios*, 30.07.2009 [www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/editores\\_e\\_livreiros\\_portugueses\\_unem\\_se\\_apoacutes\\_dez\\_anos\\_de\\_cisatildeo](http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/editores_e_livreiros_portugueses_unem_se_apoacutes_dez_anos_de_cisatildeo) [consultada a 14.11.2018]
- DUARTE, Luís Ricardo. «A edição em Portugal», *Jornal de Letras*, 20.01-02.02.2016
- DUARTE, Luís Ricardo. «"Burgueses Somos Nós Todos ou Ainda Menos", de Mário de Carvalho, uma festa na língua portuguesa», *Visão*, 18.06.2018 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/livros-e-discos/2018-06-18-Burgueses-Somos-Nos-Todos-ou-Ainda-Menos-de-Mario-de-Carvalho-uma-festa-na-lingua-portuguesa> [consultada a 12.11.2018]
- FREIRE, Rita Silva, NUNES, Maria Leonor, e RÊGO, Francisca Cunha. Concentração editorial em Portugal – Uma revolução anunciada», *Jornal de Letras*, 2-15.01.2008

- FREIRE, Rita Silva. «A 'ciência' dos livros», *Jornal de Letras*, artigo reproduzido no *Blogtailors* a 13.05.2009 <http://blogtailors.blogspot.com/2009/05/porto-editora-no-ji.html> (consultada a 01.10.2018)
- GASTÃO, Ana Marques. «Um boom de pequenas editoras», *Diário de Notícias*, 29.12.2005 [www.dn.pt/arquivo/2005/interior/um-boom-de-pequenas-editoras-632836.html](http://www.dn.pt/arquivo/2005/interior/um-boom-de-pequenas-editoras-632836.html) [consultada a 01.11.2018]
- GUERREIRO, António. «O saudável ódio aos livros», *Público*, 09.03.2018 [www.publico.pt/2018/03/09/culturaipsilon/opiniao/o-saudavel-odio-aos-livros-1805548](http://www.publico.pt/2018/03/09/culturaipsilon/opiniao/o-saudavel-odio-aos-livros-1805548) [consultada a 18.10.2018]
- GUERREIRO, António. «A Amazon é o nosso destino», *Público*, 21.12.2018 [www.publico.pt/2018/12/21/culturaipsilon/opiniao/amazon-destino-1855281](http://www.publico.pt/2018/12/21/culturaipsilon/opiniao/amazon-destino-1855281) [consultada a 23-12-2018]
- HENRIQUES, Joana Gorjão. «João Rodrigues na direcção da Dom Quixote», *Público*, 06.07.2004 [www.publico.pt/2004/07/06/jornal/joao-rodrigues-na-direccao-da-dom-quixote-190533](http://www.publico.pt/2004/07/06/jornal/joao-rodrigues-na-direccao-da-dom-quixote-190533) [consultada a 15.10.2018]
- JÚDICE, Nuno. *ABC da Crítica*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.
- LOURENÇO, Gabriela. «Livros com utopia», *Visão*, 01.12.2015 <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/comprar/2015-12-01-Livros-com-utopia> [consultada a 11.11.2018]
- LUCAS, Isabel. «A sociedade actual num espelho baço», *Público*, 02.06.2018 [www.publico.pt/2018/06/02/culturaipsilon/critica/a-sociedade-actual-num-espelho-baco-1832419](http://www.publico.pt/2018/06/02/culturaipsilon/critica/a-sociedade-actual-num-espelho-baco-1832419) [consultada a 12.11.2018]
- LUSA. «2º Congresso de Editores decorre a 13 e 14 de Novembro em Lisboa», *RTP*, 07.11.2006 [www.rtp.pt/noticias/cultura/2-congresso-de-editores-decorre-a-13-e-14-de-novembro-em-lisboa\\_n158890](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/2-congresso-de-editores-decorre-a-13-e-14-de-novembro-em-lisboa_n158890) [consultada a 14.11.2018]
- LUSA. «Sudoeste editora aposta em 14 títulos no primeiro semestre de 2007», *RTP*, 16.03.2007 [www.rtp.pt/noticias/cultura/sudoeste-editora-aposta-em-14-titulos-no-primeiro-semester-de-2007\\_n160399](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/sudoeste-editora-aposta-em-14-titulos-no-primeiro-semester-de-2007_n160399) [consultada a 01.10.2018]
- LUSA. «SPA pede ao Governo "apoio urgente" às livrarias ameaçadas de extinção», *Diário de Notícias*, 17.01.2018 [www.dn.pt/lusa/interior/spa-pede-ao-governo-apoio-urgente-as-livrarias-ameacadas-de-extincao-9054420.html](http://www.dn.pt/lusa/interior/spa-pede-ao-governo-apoio-urgente-as-livrarias-ameacadas-de-extincao-9054420.html) [consultada a 18.10.2018]
- LUSA. «Livreiros independentes unem-se em associação para lutar pela sobrevivência», 19.08.2018, *Público*, [www.publico.pt/2018/08/19/culturaipsilon/noticia/livreiros-independentes-unemse-em-associacao-para-lutar-pela-sobrevivencia-1841443](http://www.publico.pt/2018/08/19/culturaipsilon/noticia/livreiros-independentes-unemse-em-associacao-para-lutar-pela-sobrevivencia-1841443) [consultada a 05.11.2018]
- LUSA. «Porto Editora continua obra da Assírio & Alvim», *Diário de Notícias*, 17.12.2012 [www.dn.pt/artes/livros/interior/porto-editora-continuar-obra-da-assirio-alvim-2368155.html](http://www.dn.pt/artes/livros/interior/porto-editora-continuar-obra-da-assirio-alvim-2368155.html) [consultada a 14.11.2018]

- LUSA. «Um cão deitado à fossa de Carla Pais vence Prémio Literário Cidade de Almada», 27.10.2018 [www.lusa.pt/article/25040026/-um-c%C3%A3o-deitado-%C3%A0-fossa-de-carla-pais-vence-pr%C3%A9mio-liter%C3%A1rio-cidade-de-almada](http://www.lusa.pt/article/25040026/-um-c%C3%A3o-deitado-%C3%A0-fossa-de-carla-pais-vence-pr%C3%A9mio-liter%C3%A1rio-cidade-de-almada) [consultada a 27.10.2018]
- MARQUES, Joana Emídio. «Editoras indie, um roteiro para livros alternativos», *Observador*, 04.07.2018 <https://observador.pt/especiais/editoras-indie-um-roteiro-livros-alternativos> [consultada a 11.11.2018]
- MARTINS, Frederico. «Porto Editora compra Sextante pelo “interesse cultural”», *Jornal de Letras*, 27.01.2010 <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/porto-editora-compra-sextante-pelo-interesse-cultural=f545854> [consultada a 14.11.2018]
- MATOS, Nelson de. «Grupos Editoriais e Editores “Independentes”», *Textos de Contracapa*, 2, 31.10.2007 <http://textosdecontracapa2.blogspot.com/2007/10/grupos-editoriais-e-editores.html> [consultada a 14.11.2018]
- MONTEIRO, Maria João. «Menina e Moça, uma livraria-bar no coração da boémia lisboeta», *Público*, 21.02.2017 [www.publico.pt/2017/02/21/culturaipilon/noticia/uma-livrariabar-que-celebra-a-lusofonia-em-todas-as-suas-dimensoes-1762725](http://www.publico.pt/2017/02/21/culturaipilon/noticia/uma-livrariabar-que-celebra-a-lusofonia-em-todas-as-suas-dimensoes-1762725) [consultada a 11.11.2018]
- MORAIS, Carolina. «Jacinto Lucas Pires: “A ficção é a verdade mais pura”», *Estante*, 19.06.2018 [www.revistaestante.fnac.pt/jacinto-lucas-pires-ficcao-verdade-pura](http://www.revistaestante.fnac.pt/jacinto-lucas-pires-ficcao-verdade-pura) [consultada a 12.11.2018]
- MOREIRA, Cristiana Faria. «É mais uma que fecha na Baixa: Livraria Aillaud & Lellos desmancha a casa», *Público*, 09.01.2018 [www.publico.pt/2018/01/09/local/noticia/na-livraria-aillaud--lellos-desmanchase-a-casa--1798734](http://www.publico.pt/2018/01/09/local/noticia/na-livraria-aillaud--lellos-desmanchase-a-casa--1798734) [consultada a 11.11.2018]
- OLIVEIRA, Luís Miguel. «Um poeta na cidade», *Público*, 28.02.2018 [www.publico.pt/2018/02/28/culturaipilon/critica/um-poeta-na-cidade-1804759](http://www.publico.pt/2018/02/28/culturaipilon/critica/um-poeta-na-cidade-1804759) [consultada a 11.11.2018]
- PAIS, Tiago. «Se os olhos também comem, a boca também lê», *Observador*, 07.05.2015 <https://observador.pt/2015/05/07/se-os-olhos-tambem-comem-a-boca-tambem-le> [consultada a 11.11.2018]
- PEREIRA, José Pacheco. «O combate civilizacional pelos livros e pela leitura», *Público*, 03.03.2018 [www.publico.pt/2018/03/03/culturaipilon/opiniao/o-combate-civilizacional-pelos-livros-e-pela-leitura-1805167](http://www.publico.pt/2018/03/03/culturaipilon/opiniao/o-combate-civilizacional-pelos-livros-e-pela-leitura-1805167) [consultada a 18.10.2018]
- PINTO, Diogo Vaz. «Carla Pais. A luz vulnerável em que se descose o fim do mundo.», *Jornal i*, 01.11.2017 <https://ionline.sapo.pt/587110> [consultada a 28.10.2018]
- PINTO, Diogo Vaz. «Changuito: "Para se gozar uma liberdade radical é preciso levar uma vida de samurai"», *Jornal i*, 15.10.2018 <https://ionline.sapo.pt/artigo/630118/changuito-para-se-gozar-uma-liberdade-radical-e-preciso-levar-uma-vida-de-samurai> [consultada a 11.11.2018]
- PITTA, Eduardo. «Crítica de livros: Mea Culpa», *Sábado*, 06.12.2017 [www.sabado.pt/gps/palco-plateia/livros/detalhe/critica-de-livros-mea-culpa](http://www.sabado.pt/gps/palco-plateia/livros/detalhe/critica-de-livros-mea-culpa) [consultada a 28.10.2018]

- PITTA, Eduardo. «Crítica de livros: Nó Cego», *Sábado*, 12.08.2018  
[www.sabado.pt/gps/detalhe/critica-de-livros-no-cego](http://www.sabado.pt/gps/detalhe/critica-de-livros-no-cego) [consultada a 11.11.2018]
- QUEIRÓS, Luís Miguel. «Sangue novo para a Vampiro», *Público*, 05.06.2016  
[www.publico.pt/2016/06/05/culturaipsilon/noticia/sangue-novo-para-a-vampiro-1734052](http://www.publico.pt/2016/06/05/culturaipsilon/noticia/sangue-novo-para-a-vampiro-1734052)  
 [consultada a 11.11.2018]
- QUEIRÓS, Luís Miguel. «Guia para salvar o sector do livro», *Público*, 02.05.2018  
[www.publico.pt/2018/05/02/culturaipsilon/noticia/um-roteiro-para-salvar-a-diversidade-do-livro-1815963](http://www.publico.pt/2018/05/02/culturaipsilon/noticia/um-roteiro-para-salvar-a-diversidade-do-livro-1815963) [consultada a 18.10.2018]
- RIBEIRO, Catarina Dias. «Livraria independente Pó dos Livros encerrou», *RTP*, 31.03.2018  
[www.rtp.pt/noticias/economia/livraria-independente-po-dos-livros-encerrou\\_v1067343](http://www.rtp.pt/noticias/economia/livraria-independente-po-dos-livros-encerrou_v1067343)  
 [consultada a 11.11.2018]
- SALVADOR, João Miguel. «A editora Livros do Brasil está de regresso e traz Truman Capote», *Expresso*, 05.03.2015 <https://expresso.sapo.pt/cultura/a-editora-livros-do-brasil-esta-de-regresso-e-traz-truman-capote=f913652> [consultada a 11.11.2018]
- SANTOS, Hugo Pinto. «VHM: “Orgiaco e solene, monumental e fútil”», *Público*, 06.04.2018  
[www.publico.pt/2018/04/06/culturaipsilon/critica/vhm-orgiaco-e-solene-monumental-e-futil-1808946](http://www.publico.pt/2018/04/06/culturaipsilon/critica/vhm-orgiaco-e-solene-monumental-e-futil-1808946) [consultada a 13.11.2018]
- SANTOS, Hugo Pinto. «Herberto Helder cronista», *Público*, 06.07.2018  
[www.publico.pt/2018/07/06/culturaipsilon/critica/herberto-helder-cronista-1836812](http://www.publico.pt/2018/07/06/culturaipsilon/critica/herberto-helder-cronista-1836812)  
 [consultada a 14.11.2018]
- SANTOS, Hugo Pinto. «Um homem que fala aos outros homens», *Público*, 22.08.2018,  
[www.publico.pt/2018/05/22/culturaipsilon/critica/um-homem-que-fala-aos-outros-homens-1830306](http://www.publico.pt/2018/05/22/culturaipsilon/critica/um-homem-que-fala-aos-outros-homens-1830306) [consultada a 13.11.2018]
- SANTOS, Mário. «Poemas sem aviso», *Público*, 07.11.2018  
[www.publico.pt/2018/09/07/culturaipsilon/critica/poemas-sem-aviso-1842964](http://www.publico.pt/2018/09/07/culturaipsilon/critica/poemas-sem-aviso-1842964) [consultada a 12.11.2018]
- SCHIFFRIN, André. *O Negócio dos Livros*. Lisboa: Letra Livre, 2013.
- SOLDADO, Camilo. «O livreiro que desceu o Mondego para lutar contra a corrente», *Público*, 25.08.2015 [www.publico.pt/2018/08/25/local/noticia/o-livreiro-miguel-de-carvalho-desceu-o-rio-para-combater-a-corrente-1841990](http://www.publico.pt/2018/08/25/local/noticia/o-livreiro-miguel-de-carvalho-desceu-o-rio-para-combater-a-corrente-1841990) [consultada a 18.10.2018]
- TELES, Alexandra Tavares. «Vasco Teixeira, 1956», *Correio do Porto*, 17.06.2013  
[www.correiodoportop.pt/do-porto/vasco-teixeira-1956](http://www.correiodoportop.pt/do-porto/vasco-teixeira-1956) [consultada a 14.11.2018]
- VALE, Francisco. *Autores, Editores e Leitores*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.
- VALE, Francisco. «Guilherme Valente, mentiras e esoterismo», *Diário de Notícias*, 26.08.2017  
[www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/guilherme-valente-mentiras-e-esoterismo-8728665.html](http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/guilherme-valente-mentiras-e-esoterismo-8728665.html) [consultada a 25.10.2018]

- VALENTE, Guilherme. «Censores do gosto e da inteligência», *Diário de Notícias*, 19.08.2017, [www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/censores-do-gosto-e-da-inteligencia-8714731.html](http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/censores-do-gosto-e-da-inteligencia-8714731.html) [consultada a 25.10.2018]
- VIEGAS, Francisco José. «Declaração de interesses», *A Origem das Espécies*, 19.03.2008 <https://origemdasespecies.blogs.sapo.pt/798043.html> [consultada a 14.10.2018]
- VIEGAS, Francisco José. «Bons sinais e algumas dúvidas», *A Origem das Espécies*, 06.08.2009 <https://origemdasespecies.blogs.sapo.pt/1009718.html> [consultada a 14.11.2018]
- VIEIRA, Pedro. «Livrarias independentes, uma espécie em extinção: e você, onde é que vai comprar o próximo livro?», *Observador*, 03.03.2018 <https://observador.pt/especiais/livrarias-independentes-uma-especie-em-extincao-e-voce-onde-e-que-vai-comprar-o-proximo-livro> [consultada a 18.10.2018]
- [Sem Autor]**
- «I Congresso de Editores começa hoje», *TSF*, 18.04.2001 [www.tsf.pt/arquivo/2001/artes/interior/i-congresso-de-editores-portugueses-comeca-hoje-713881.html](http://www.tsf.pt/arquivo/2001/artes/interior/i-congresso-de-editores-portugueses-comeca-hoje-713881.html) [consultada a 14.11.2018]
- «Livrarias Independentes (LI)», *Blogtailors*, 18.06.2008 <http://blogtailors.blogspot.com/2008/06/livreiros-independentes-li.html> [consultada a 05.11.2018]
- «O discurso de Manuel Alberto Valente na apresentação da DEL-Lisboa (Porto Editora)», *Blogtailors*, 11.07.2008 <https://blogtailors.com/3438284.html> [consultada a 14.10.2018]
- «Entrevistas Booktailors: Manuel Alberto Valente», *Blogtailors*, 18.09.2012 <https://blogtailors.com/6185417.html> [consultada a 14.10.2018]
- «Entrevistas Booktailors: Vasco David», 25.09.2012, *Blogtailors* <https://blogtailors.com/6201738.html> [consultada a 10.10.2018]
- «Livros do Brasil: o regresso da legião estrangeira e outros clássicos», *Jornal i*, 27.02.2015, <https://ionline.sapo.pt/264403> [consultada a 01.10.2018]
- «Entrevista a João Rodrigues», Biblioteca de Bolso (podcast). 21.11.2017 <https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-82-joao-rodrigues> [consultada a 15.10.2018]
- «Francisco Pinto Balsemão publica memórias», *Expresso*, 30.01.2018 <https://expresso.sapo.pt/cultura/Livros/2018-01-30-Francisco-Pinto-Balsemao-publica-Memorias> [consultada a 12.11.2018]
- «Livreiros independentes discutem problemas do sector» *Esquerda.Net*, 23.04.2018 [www.esquerda.net/artigo/livreiros-independentes-discutem-problemas-no-setor/54578?fbclid=IwAR19YjILCkAJSyTt8KfmOfijbg2g-5zFYGnbriqTQ-RY8riGFzjNEvca2fw](http://www.esquerda.net/artigo/livreiros-independentes-discutem-problemas-no-setor/54578?fbclid=IwAR19YjILCkAJSyTt8KfmOfijbg2g-5zFYGnbriqTQ-RY8riGFzjNEvca2fw) [consultada a 18.10.2018]

«Março, um mês negro para as livrarias», *TSF*, 12.03.2018 [www.tsf.pt/cultura/interior/marco-o-mes-negro-para-as-livrarias-9179362.html](http://www.tsf.pt/cultura/interior/marco-o-mes-negro-para-as-livrarias-9179362.html) [consultada a 11.11.2018]

«Selo de Mérito Cultural para Livrarias», DGLAB, 05.07.2018  
<http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/noticiasEventos/Paginas/SelodeMeritoLivrarias.aspx> [consultada a 11.11.2018]

«Pequenas editoras ganham escala na Feira do Livro do Porto», site Porto., 21.09.2018  
[www.porto.pt/noticias/pequenas-editoras-ganham-escala-na-feira-do-livro](http://www.porto.pt/noticias/pequenas-editoras-ganham-escala-na-feira-do-livro) [consultada a 11.11.2018]

«Pequenas editoras marcam encontro na primeira Feira Gráfica», *Marketeer*, 25.10.2018  
<https://marketeer.pt/2018/10/25/pequenas-editoras-marcam-encontro-na-primeira-feira-grafica> [consultada a 11.11.2018]

### **Sites consultados**

APEL [[www.apel.pt](http://www.apel.pt)]

Assírio & Alvim [[www.assirio.pt](http://www.assirio.pt)]

Blogtailors [<https://blogtailors.com>]

DGLAB – Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas [<http://dglab.gov.pt>]

Edição Exclusiva [<http://edicaoexclusiva.blogspot.com>]

Horas Extraordinárias [<https://horasextraordinarias.blogs.sapo.pt>]

Livros do Brasil [[www.livrosdobrasil.pt](http://www.livrosdobrasil.pt)]

Montag [<https://pedromarquesdg.wordpress.com>]

Porto Editora [[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)]

Relógio d' Água, blogue [<http://relogiodaguaeditores.blogspot.com>]

Sextante Editora [[www.sextanteeditora.pt](http://www.sextanteeditora.pt)]

Textos de Contracapa, 2 [<http://textosdecontracapa2.blogspot.com>]

# Anexos





## Anexo 1

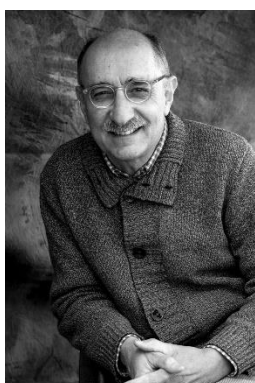
### **Biografias dos editores constantes na página de Facebook Tertúlia de Editores**

#### **Manuel Alberto Valente**



Manuel Alberto Valente nasceu em Vila Nova de Gaia, em Novembro de 1945. Fez os estudos liceais na cidade do Porto, frequentou depois a Universidade de Coimbra, mas foi em Lisboa que se licenciou em Direito. Durante o período universitário, foi dirigente associativo, nomeadamente no CITAC (Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), no Grupo Cénico de Direito e na Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, de cuja direcção foi vice-presidente. Cumprido o serviço militar em Angola, foi durante vários anos jornalista, tendo depois enveredado pela actividade editorial – foi director editorial das Publicações Dom Quixote, director editorial e depois director-geral das Edições Asa e é, desde 2008, director editorial da Porto Editora. Autor de vários livros de poesia, a sua obra poética foi recentemente compilada em *Poesia Reunida – O pouco que sobrou de quase nada* (Quetzal, 2015). Em 2008, foi condecorado pelo Governo francês com o título de Cavaleiro das Artes e das Letras.

#### **João Rodrigues**



Nasceu em 1945. Viveu no Porto, em Coimbra e em Lisboa. Passou demoradamente pelo Teatro Universitário (CITAC) e estudou Direito. Tropa e empregos vários, a partir de 1969, até à chegada à edição em 1987, na Dom Quixote, primeiro como revisor, depois como assistente editorial. Director editorial na Cosmos (1991), coordenador editorial na ASA (1991-1995) e director editorial na Centralivros/Taschen (1995-1998). Um interregno de 4 anos levou-o ao Turismo, primeiro como assessor cultural na Secretaria de Estado do Turismo e depois como administrador do ICEP. Regresso à edição em 2002 como director editorial da AMBAR e depois da Dom Quixote, a partir de 2004, e, em 2007, fundação da Sextante

Editora, um catálogo literário que, três anos mais tarde, viria a integrar o Grupo Porto Editora, onde está hoje. Pelo meio disto escrevinhou dois livros: *Cascais - Sempre* (Centralivros) e, com Carlos Gil, *Por caminhos de Santiago* (Dom Quixote e Círculo de Leitores). Fez duas traduções a sério, de obras de Olivier Rolin (*Porto Sudão*) e de Jean Echenoz (*A ocupação dos solos*). Também traduziu e editou caseiramente, para amigos, muitos poemas de que gosta.

### **Vasco David**



Nasceu em 1976. Licenciou-se em Antropologia e tem uma pós-graduação em Ciência Política e Relações Internacionais. Iniciou a sua colaboração com a Assírio & Alvim em 1995 e, alguns anos mais tarde, publicou algumas traduções na antologia *Rosa do Mundo — 2001 Poemas para o Futuro*, organizada por Manuel Hermínio Monteiro. Fez parte de uma equipa de trabalho comissariada pela Fundação Calouste Gulbenkian para estudar o mercado do livro português nos países africanos de língua oficial portuguesa e no Brasil. É atualmente o editor da Assírio & Alvim e o Director Editorial Adjunto da Divisão Editorial de Lisboa da Porto Editora.

## Anexo 2

**Relatório sobre a conferência «O que vamos ler em 2018? Receitas para leitores atentos»** (escrito no âmbito da cadeira de Teoria da Edição como exercício facultativo)

### **Grandezas e miudezas do mundo editorial**

Da epifania da descoberta de um novo autor aos custos de armazenamento de livros não vendidos, o trabalho do editor toca o sublime e o prosaico, a dimensão civilizacional (o que lemos, para onde vamos) e os aspetos mais comezinhos da gestão de um negócio. Cinco editores nacionais dispuseram-se a partilhar histórias, numa conferência de título afinal redutor («O que vamos ler em 2018? Receitas para leitores atentos»), moderada pelo jornalista Luís Caetano (Antena 2). O trocadilho percebe-se pelo local de acolhimento: o Museu da Farmácia, no Alto de Santa Catarina, em Lisboa. Há 2800 farmácias no país, mas os pontos de venda de livros não excedem os 1000. Se calhar, andamos mal medicados.



Foto © Jorge Carmona / Antena 2 RTP

## Cada editor, sua sentença

O catálogo de um editor é a sua obra. Quem fala assim é Francisco Vale, ex-jornalista, editor da Relógio d'Água, que Bárbara Bulhosa, da Tinta da China, considera ser a editora portuguesa com “o melhor catálogo literário”. Honroso e bonito o reconhecimento entre pares, num painel heterogêneo com representantes de grandes grupos editoriais (Maria do Rosário Pereira, pela Leya e Manuel Alberto Valente, pela Porto Editora), editoras médias (as mencionadas Relógio d'Água e Tinta da China) e uma eventual pequena editora independente (Cavalo de Ferro) na curiosa situação de o seu editor, Diogo Madre Deus, ser o responsável de uma chancela num grupo editorial generalista em expansão acelerada (Elsinore, na 20|20 Editora).

Editores de diferentes gerações têm, naturalmente, histórias diferentes para contar. Manuel Alberto Valente recorda a introdução de Milan Kundera em Portugal com um título icónico que haveria de entrar no léxico nacional: *A Insustentável Leveza do Ser*. Sensivelmente na mesma época, Francisco Vale estreia-se com Hélia Correia e Rui Nunes, entre os portugueses, e ainda Katherine Mansfield e Virginia Woolf, duas das suas autoras-fetiche. Trinta e cinco anos depois, a visão de Francisco Vale sobre a edição mantém-se: editar bons livros, procurando uma aliança entre o seu gosto e o interesse dos leitores.

A admiradora Bárbara Bulhosa, livreira de génese, fundou a Tinta da China com uma colega de faculdade (Inês Hugon) como forma de esquivar-se ao desemprego. A editora *pop*, dos livros vistosos de capa dura, foi criada em 2005 e arrancou com autores que então se evidenciavam na blogosfera, como Rui Tavares, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira.

Editar literatura portuguesa de qualidade é a essência do trabalho de Maria do Rosário Pedreira, também poeta e romancista, hoje na Leya (começou na Gradiva, contribuindo para a diversificação do catálogo em direcção à ficção, prosseguiu na Temas & Debates e na QuidNovi) onde trabalha autores reconhecidos da nova literatura (José Luís Peixoto, Valter Hugo Mãe, João Tordo, entre outros).

No lugar mais alternativo do painel senta-se Diogo Madre Deus, fundador da Cavalo de Ferro, com Hugo Xavier, em 2002. Especializada em literaturas pouco

divulgadas em Portugal (autores eslavos, nórdicos, latino-americanos), a editora acarinha os seus livros com edições cuidadas e traduções a partir do original. O leitor exigente e criterioso é o seu público-alvo.

### **Prescrições editoriais (com efeitos secundários)**

Perante taxas de leitura na ordem dos 30% (inferiores às de Espanha e às de quase todos os países europeus), livrarias que não há, uma rede de bibliotecas vasta mas desfalcada, uma sociedade agarrada ao iphone, desabituada do silêncio e do recato dos livros, um plano nacional de leitura que já viu melhores dias (e hoje desorienta mais do que guia), que fazer? Que medidas de ordem prática e imediata prescrevem os nossos editores?

Todos aplaudem o regresso das bolsas literárias, que só pecam por tardias e escassas. Aproveitem-se. Incentivos fiscais e apoios à abertura de novas livrarias. Um plano nacional de leitura mais ajustado e apurado. Alteração da lei do preço fixo do livro, protetora da grande distribuição e carrasca das pequenas livrarias. Entendimento da necessidade de uma rede de livrarias independentes como desígnio nacional. Um país sem livrarias é um deserto de ideias.

A poesia ilumina e eleva qualquer debate, é sabido. Por isso, a leitura de um poema de Mário Cesariny (*De profundis amamus*), por Maria do Rosário Pedreira, foi o momento de suspensão do quotidiano.

*Ontem às onze  
fumaste  
um cigarro  
encontrei-te  
sentado  
ficámos para perder  
todos os teus eléctricos  
os meus  
estavam perdidos  
por natureza própria*

*Andámos  
dez quilómetros*

*a pé  
ninguém nos viu passar  
excepto  
claro  
os porteiros  
é da natureza das coisas  
ser-se visto  
pelos porteiros*

*Olha  
como só tu sabes olhar  
a rua os costumes  
O Público  
o vinco das tuas calças  
está cheio de frio  
e há quatro mil pessoas interessadas  
nisso*

*Não faz mal abracem-me  
os teus olhos  
de extremo a extremo azuis  
vai ser assim durante muito tempo  
decorrerão muitos séculos antes de nós  
mas não te importes  
muito  
nós só temos a ver  
com o presente  
perfeito  
corsários de olhos de gato intransponível  
maravilhados maravilhosos únicos  
nem pretérito nem futuro tem  
o estranho verbo nosso*

*© 1957, Mário Cesariny  
in Pena Capital  
Assírio & Alvim*

### Anexo 3

#### **Biografias de autores, sinopses, textos para contracapa e badanas**

(textos compilados, traduzidos e editados por mim, como proposta para inclusão nas edições)

##### **3.1 JEFF ABBOTT, *BLAME***



##### **Sobre o autor**

Autor *bestseller* do *New York Times*, Jeff Abbott é licenciado em História e Inglês pela Universidade de Rice e antes de se dedicar à escrita trabalhou como publicitário. Publicou 17 livros de mistério e *suspense*, esteve nomeado três vezes para o Edgar Award (atribuído pela Mystery Writers of America) e venceu em 2012 o International Thriller Writers Award (pela obra *The Last Minute* da série Sam Capra). Vive em Austin, Texas, com a mulher e dois filhos.

##### **Contracapa**

Ninguém sabe o que aconteceu naquela noite.

Há dois anos, Jane Norton esteve envolvida num acidente de automóvel que causou a morte ao seu amigo David e a deixou com amnésia. Todos são compreensivos em relação ao sucedido até que aparece uma nota assinada por Jane: “Quem me dera que morrêssemos juntos.” Para além de enfrentar a desconfiança e a hostilidade da comunidade, Jane começa a receber mensagens anónimas: “Sei o que realmente aconteceu. Sei aquilo que tu esqueceste.”

Com uma escrita ágil, elegante e viciante, Jeff Abbott reafirma o seu talento como um dos mestres mundiais do *suspense*, construindo um *thriller* absorvente e imprevisível, com personagens complexas, ambientes sinistros e claustrofóbicos, um enredo de elevada tensão psicológica que torna impossível ao leitor pousar o livro.



## Críticas de imprensa

“Abbott faz um trabalho admirável (...) que deixa o leitor perplexo e em suspenso até à última página.” — *The Daily Mail*

“O enredo pouco convencional, as surpresas constantes e, acima de tudo, a profundidade psicológica das personagens fazem deste livro um romance de mistério de primeira grandeza.” — *Kirkus Reviews*

“...absorvente...uma história emocionalmente complexa repleta de personagens bem construídas, com reviravoltas imprevistas e pistas falsas muito convincentes.” — *Publishers Weekly*

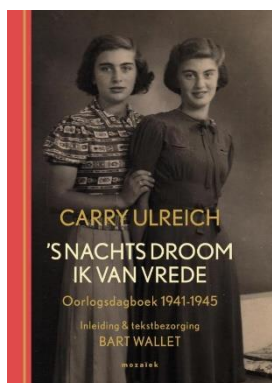
“Para ler de uma assentada e deixar os leitores acordados muito para lá da hora de dormir, *Blame* é o romance mais bem conseguido de Jeff Abbott – e um sério candidato a melhor *thriller* psicológico do ano.” — *The REAL Book Spy*

“Jeff Abbott é um mestre... Sou, sempre fui, uma fã incondicional.” — Lisa Unger, autora *bestseller* do *New York Times*

“Não percam o thriller mais arrepiante de Jeff Abbott – perfeito para os leitores de *A rapariga no comboio*, *Em Parte Incerta* ou *A Mulher na Cabine 10*.” — *Indiebound*

“Assim que pousei os olhos na visceralmente magnética Jane, fiquei completamente enfeitiçada. Jeff Abbott prova, com este romance complexo, que é um dos mestres do *suspense* e da tensão.” — Sara Blaedel, autora *bestseller*

## 3.2 CARRY ULREICH, *AT NIGHT I DREAM OF PEACE*



### Sobre a autora

Judia de ascendência polaca nascida na década de 20 do século passado, Carry Ulreich passou três anos da sua adolescência, na altura da Segunda Guerra Mundial, escondida numa casa em Roterdão. Com quase 90 anos, veio a publicar o diário que manteve dessa experiência, lançado na Feira de Frankfurt em 2016, ficando de imediato conhecida como uma “Anne Frank com

final feliz”. Hoje vive em Tel Aviv, Israel, sob o nome de Carmela Mass. Tem três filhos, vários netos e bisnetos.

### **Contracapa**

Uma nonagenária sobrevivente do Holocausto vê finalmente publicado o seu diário de adolescência sobre os anos em que permaneceu escondida, com os pais e a irmã, na casa dos Zijlmans, uma família católica de Roterdão, na Holanda. Oriunda de um meio familiar rígido, de judeus ortodoxos polacos, Carry viveu tempos conturbados, mas nunca deixou de sonhar com a paz. A comparação com o mundialmente famoso *O Diário de Anne Frank*, da adolescente judia de origem alemã que acabaria por morrer num campo de concentração, é inevitável.

Carry descreve as pequenas histórias, o dia a dia sob a ameaça de serem descobertos pelos nazis, as discussões teológicas e a convivência com os Zijlmans com quem manteve sempre contacto. Após décadas fechados numa caixa de cartão, os sete cadernos com o relato de três anos de clausura, resgatados por um dos filhos de Carry, foram reunidos num enternecedor volume de memórias que contou com a colaboração do historiador Bart Wallet.

[outra sinopse, a partir da versão italiana]

1941. Carry Ulreich de 15 anos vive em Roterdão aproveitando a vida como qualquer outra rapariga da sua idade, gozando dos pequenos prazeres e da liberdade comum a tantas famílias da época. Mas a liberdade de Carry está destinada a desaparecer lentamente devido às imposições da ocupação nazi: a requisição de bicicletas e rádios, o recolher obrigatório, a obrigação de usar a estrela de David, a proibição do exercício de várias profissões (incluindo a de alfaiate que o pai de Carry exerce), a obrigatoriedade de frequentar escolas judaicas. E no horizonte, o espectro dos campos de concentração. A inesperada tábua de salvação vem dos Zijlmans, uma família católica de Roterdão, que acolhe Carry e a família em sua casa, pondo em risco a sua própria segurança. Assim começa uma vida nas sombras, envolvida pela ameaça que paira lá fora. Com um olhar nítido e lúcido sobre as dificuldades e os medos que enfrenta, o diário de Carry devolve-nos a história de vida de uma menina judia obrigada a crescer e formar-se no momento mais terrível do século XX europeu.

### Excertos do livro

“De noite não sonho com a guerra, sonho antes com a paz, com as pessoas que regressam da Polónia que vou buscar ao comboio (...) e que depois vêm connosco para a Palestina.”

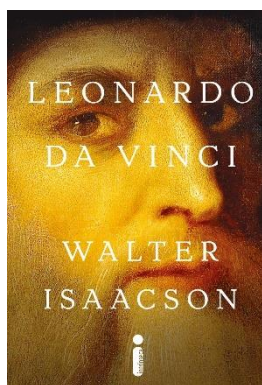
“Tenho orgulho em ser judia. O pai não pensa assim e não se atreve a sair à rua.”

### Críticas de imprensa

“O diário íntimo de uma sobrevivente holandesa: a história de Anne Frank com «um final feliz».” — *Actualité Israel*

“Este livro revela muita informação sobre um tópico até agora muito pouco discutido: a vida religiosa na clandestinidade. Revela como os judeus se esforçaram para manter a alimentação *kosher* e celebrar os seus rituais.” — Bart Wallet, historiador, Universidade de Amsterdão.

### 3.3 WALTER ISAACSON, *LEONARDO DA VINCI*



#### Sobre o autor

Professor, jornalista e escritor norte-americano, Walter Isaacson (n. 1952) foi editor da revista *Time*, presidente da CNN, diretor do Instituto Aspen em Washington e é atualmente professor de História na Universidade de Tulane em Nova Orleães, cidade onde nasceu. Autor de biografias de figuras fundamentais da ciência, da política e do mundo empresarial (Albert Einstein, Henry Kissinger, Benjamin Franklin e Steve Jobs), lança em 2017 a fascinante biografia de Leonardo da Vinci, considerado um dos maiores (senão o maior) génios criativos da História da Humanidade.

#### Contracapa/badana

(badana)

Quem quer ser Leonardo da Vinci?

A partir de milhares de páginas dos diários e de novas e espantosas descobertas sobre a vida e a obra de Leonardo da Vinci (1452-1519), Walter Isaacson apresenta uma entusiasmante biografia de um dos maiores génios de sempre. Ligando arte e ciência através de uma narrativa empolgante, Isaacson mostra como o génio de Leonardo se baseava em competências que cada um de nós pode explorar em si próprio: curiosidade apaixonada, observação atenta e uma imaginação delirante que pisca o olho à fantasia. A sua criatividade nasce da interseção das humanidades com a tecnologia. Ele descarnou o rosto de cadáveres, desenhou os músculos que movem os lábios e pintou o sorriso mais memorável da História: *Mona Lisa*.

A sua capacidade de combinar arte e ciência, imortalizada pelo desenho de si mesmo no interior de um círculo e de um quadrado, permanece como paradigma e símbolo da inovação. A sua vida recorda-nos a importância de instigar, em nós e nos nossos filhos, a capacidade de questionar o conhecimento recebido, ousar a imaginação e, tal como os inconformados e rebeldes de qualquer campo, pensar de forma diferente.

#### (contracapa)

“Ler esta grandiosa biografia de Leonardo da Vinci é fazer uma viagem através da vida e obra de um dos mais extraordinários seres humanos de todos os tempos, na companhia do mais envolvente, informado e perspicaz dos guias. Walter Isaacson é, ao mesmo tempo, um verdadeiro académico e um escritor fascinante. E quantas lições há para aprender nestas páginas.”

#### **Críticas de imprensa**

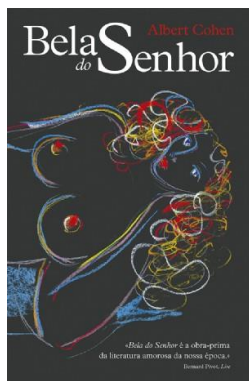
“Você contratava este tipo.” — *The Washington Post*

“O ‘Leonardo da Vinci’ de Walter Isaacson é o Retrato de um Verdadeiro Homem da Renascença.” — *The New York Times*

“(…) organizado de forma inteligente, escrito de forma simples e magnificamente ilustrado, termina com uma secção de ginásio mental que sugere como podemos aprender com Leonardo (Ser curioso, Pensar visualmente, Descer pela toca do coelho, Dar largas à fantasia, Respeitar os factos, etc.)” — *The Guardian*

“O escritor vai além da etiqueta ‘gênio’ para desvendar Leonardo da Vinci, o homem — excêntrico, obsessivo e jocoso.” — *The Times*

### 3.4 ALBERT COHEN, *BELLE DU SEIGNEUR*



#### Sobre o autor

Escritor e diplomata naturalizado suíço, Albert Cohen nasceu em 1895 em Corfu (Grécia) e morreu em Genebra, em 1981. Fez os estudos secundários em Marselha e os estudos universitários em Genebra onde veio a trabalhar como alto funcionário diplomático na Organização Internacional do Trabalho. Durante a II Guerra Mundial, foi conselheiro jurídico do Comité Intergovernamental para os Refugiados. Após a guerra, foi diretor de uma instituição especializada das Nações Unidas. *Belle du Seigneur* é a sua obra-prima, considerada uma das maiores obras da segunda metade do século XX.

#### Contracapa

#### O “livro do amor”, um dos grandes romances do século XX.

No ano em que se celebra o 50º aniversário da publicação de *Belle du Seigneur*, a Porto Editora relança esta obra fundamental da literatura francesa e europeia, galardoada em 1968 com um dos mais prestigiados prémios literários europeus, o Grande Prémio de Romance da Academia Francesa. Livro de culto, editado na icónica coleção Blanche da Gallimard, é provavelmente a maior obra do nosso tempo sobre o amor, venerado por gerações de leitores, transmitido como um ritual, um vírus que se propaga silenciosamente entre os sensíveis, os líricos, os apaixonados, os que creem, ainda e sempre, no amor.

A época é a década de 1930 e o local, Genebra, na Suíça. Solal, um diplomata judeu da Sociedade das Nações, e Ariane, uma aristocrata casada com um subordinado seu, iniciam um intenso caso extraconjugal que irá percorrer toda a paleta de prazeres, contrariedades e desesperos que caracterizam este género de relações. A solidão, o vazio da existência, que nem uma grande paixão consegue superar, são magistralmente

expostos através de quatro registos literários - a narrativa, a descrição, o diálogo e o monólogo - que exploram profundamente o drama da condição humana, sem deixar de fora o humor e a ironia. A grande obra da literatura amorosa da nossa época, clássica, insuperável e intemporal, trazida agora a novos leitores, perpetuando o fascínio e a devoção.

### Críticas de imprensa

“um fresco da eterna aventura entre o homem e a mulher” (A. Cohen)

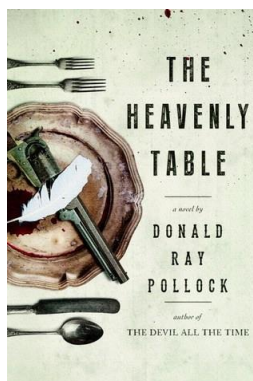
"Albert Cohen propõe um verdadeiro diálogo com os romances fundadores da história do romance." — Cécile Brochard

“O livro que traumatizou gerações de amantes.” — *Les Inrockuptibles*

“Uma vasta, espantosa sátira da vida moderna (...) “Mais de um milhão de cópias vendidas só na Europa.” — *Publishers Week*

“Uma magistral provocação.” — *El Pais*

### 3.5 DONALD RAY POLLOCK, *THE HEAVENLY TABLE*



#### Sobre o autor

Nascido em 1954 no Ohio, Donald Ray Pollock estreou-se como escritor em 2008 com uma coletânea de contos (intitulada *Knockemstiff*, a sua localidade de origem) que despertou a atenção da crítica. Operário numa fábrica de papel durante mais de três décadas, após os 50 anos ingressou no curso de Inglês da Universidade do Ohio e começou a escrever. Em 2011 publicou o primeiro romance, *Sempre o Diabo*, que alcançou uma notável aceitação da crítica e dos leitores.

#### Contracapa

Do aclamado autor de *Sempre o Diabo*, chega agora um romance negro, arrojado, eletrizante (e, no entanto, perturbadora e estranhamente divertido), que consolida o lugar de Donald Ray Pollock entre os melhores autores americanos contemporâneos.

Em 1917, na fronteira entre a Georgia e o Alabama, Pearl Jewett, um agricultor falido leva uma existência dura com os seus três filhos: Cane (o mais velho, bonito, inteligente); Cob (baixo, pesado e lento); e Chimney (o mais novo, magro e temperamental). Algumas centenas de milhas a sul, no Ohio, vive um agricultor chamado Ellsworth Fiddler, com o filho Eddie e a mulher Eula. Depois de perder toda a fortuna, Ellsworth dá início a uma trajetória surpreendente, inesquecível e violenta que o levará a cruzar-se no caminho dos Jewett. Será que algo de bom poderá resultar deste encontro?

Na tradição gótica de Flannery O'Connor e Cormac McCarthy, com uma boa dose de violência cinematográfica a fazer lembrar Sam Peckinpah, Quentin Tarantino e os Irmãos Coen, as vidas dos Jewetts e dos Fiddlers irão colidir de formas cada vez mais negras e terríveis, assegurando a Donald Ray Pollock um lugar firme junto dos mestres do género.

#### **Críticas de imprensa / comentários**

“Um escritor sério, ágil e talentoso.” — *The New York Times*

“Literatura gótica americana brutal.” — *Los Angeles Times*

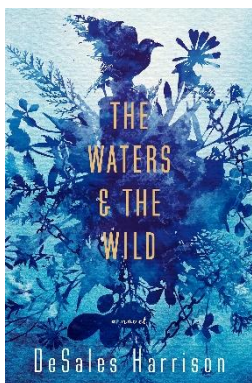
“Divertidamente macabro.” — *Wall Street Journal*

“Os leitores irão adorá-lo, os escritores irão estudá-lo.” — Atticus Lish

“Um dos livros mais audazes do ano, clássico na forma e ainda por cima divertido.” — *El País*

“Uma voz única e brilhante (...) uma das vozes mais fortes e singulares da atual narrativa norte-americana.” — *El Periodico*

### 3.6 DESALES HARRISON, *THE WATERS & THE WILD*



#### Sobre o autor

Professor associado de Poesia Moderna e diretor do Programa de Escrita Criativa da Universidade de Oberlin, no Ohio. Licenciado por Yale e doutorado por Harvard, estudou Psicanálise no Instituto para a Formação e Investigação em Psicanálise de Nova Iorque. É casado com a crítica literária Laura Baudot, tem quatro filhos e passa parte do ano nas imediações de Nevers, em França.

#### Contracapa

Assombrado por um crime antigo e um amor do passado, um psicanalista tenta proteger a filha dos seus erros. Mas a que preço?

Daniel Abend é um pai solteiro de Nova Iorque, com um bem-sucedido consultório de terapia e uma vida confortável: um apartamento no Upper West Side, uma filha adolescente e uma rotina diária tranquila. Quando uma das suas pacientes se suicida, isso é uma tragédia, mas perfeitamente explicável: a jovem mulher sofria de depressão e era viciada em drogas.

Mas pouco depois, Daniel recebe uma nota ameaçadora que o leva a questionar as circunstâncias que rodearam a morte da sua paciente. Surgem várias pistas – uma chave misteriosa, um poema críptico, uma fotografia com uma mensagem arrepiante. Uns dias mais tarde, a sua filha desaparece abruptamente.

Daniel entra num vórtice de desespero, em busca da filha e da verdade. Uma busca que remonta a décadas atrás, à época em que ele era um jovem a viver em Paris, apaixonado por uma mulher que iria virar a sua vida do avesso. À medida que é atormentado por um fluxo constante de cartas anónimas, Daniel reconhece que tem de enfrentar os segredos do passado: há uma dívida a pagar, há contas a ajustar.



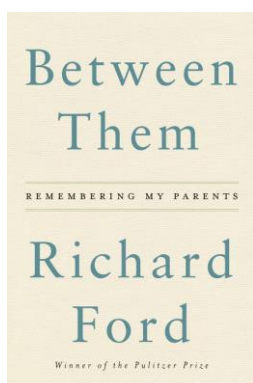
## Críticas de imprensa

“Magnificamente escrito e dolorosamente romântico, este espantoso *thriller* de laivos góticos mergulha o leitor num labirinto de segredos, mentiras e decepções. Uma estreia impressionante!” — Dan Chaon, autor *bestseller* *New York Times*

“Elegante, elegíaco, enigmático (...) DeSales Harrison compõe uma série de camadas psicológicas que esbatem a separação entre o passado e o presente, o real e o imaginário. É uma estreia fulgurante que combina em partes iguais estudo de personagens e labirinto literário.” — Matthew Pearl, autor *bestseller* do *New York Times*

“Um livro críptico, à maneira de um puzzle sedutor (...) arrepiante na perspicácia e profundo da mágoa – uma fascinante exploração da culpa na linha de *Vertigo* ou *A História Secreta*, com a lógica de pesadelo frenética de um *thriller*.” — David Gilbert, autor de *& Sons*

### 3.7 RICHARD FORD, *BETWEEN THEM*



#### Sobre o autor

Nascido em 1944 em Jackson, Mississípi, Richard Ford é reconhecido como um dos grandes retratistas dos temas estruturantes da sociedade norte-americana. Autor de contos e romances, detém o recorde de ter sido o único autor distinguido com os prêmios Pulitzer e Pen/Faulkner para uma mesma obra (*Dia da Independência*). Foi ainda galardoado com o Prix Femina Étranger (por *Canadá*) e o Prémio Princesa das Astúrias de Letras, entre outros. O criador da emblemática série *Frank Bascombe*, aventura-se pela primeira vez pela não-ficção com a obra de memória *Between Them*.

#### Contracapa

Do grande escritor norte-americano Richard Ford, vencedor do Prémio Pulitzer, chegamos uma poderosa narrativa de memória e amor parental, uma extraordinária primeira obra de não-ficção.

Como é que chegamos a olhar para os nossos pais como pessoas com vidas ricas e intensas que nos incluem, mas também excluem? Os pais de Richard Ford – Edna, uma enérgica e bonita estudante católica com um passado complicado; e Parker, um caixeiro viajante de bom coração e voz suave – nasceram no Arkansas rural no início do século XX. Casados desde 1928, viveram “sozinhos juntos” na estrada, viajando através do Sul dos Estados Unidos num Ford de duas portas de 1927. O nascimento de um filho, quase 20 anos depois, vem mudar tudo.

Em dois textos exemplares, escritos com 35 anos de diferença, Ford traça um retrato íntimo da vida americana, uma celebração do amor familiar, que atravessa metade do século XX, procurando alcançar a essência da América.

### **Críticas de imprensa / comentários**

Vencedor dos prémios Pulitzer e PEN/Faulkner

“Elegante, elegíaco e divertido. Um escritor maravilhoso.” — John Banville

“Richard Ford está a converter-se tranquilamente no melhor escritor norte-americano.”  
— Bernard Génès, *Le Nouvel Observateur*

“Uma história notável sobre duas pessoas comuns que, se não fosse Ford, nunca iríamos conhecer.” — Cheryl Strayed, *New York Times Book Review*

“É apenas a vida como ela é.” — *Boston Globe*

“Em cada página transborda a prosa luxuriante de Ford, a ternura e a saudade dos seus pais, e o retrato íntimo e afetivo de duas pessoas a viverem simplesmente a vida o melhor que conseguem.” — *Publishers Weekly*

“Ford escreve a melhor homenagem possível aos responsáveis pela sua existência.” — Julio Valdeón, *Leer*

“Uma dupla narração comovedora.” — Julien Bisson, *Lire*

“Um magnífico requiem.” — Olivier Mony, *Livres Hebdo*

“Um livro mágico. A narração da morte do pai é um extraordinário texto literário.” — Tim Adams, *The Guardian*

“Uma magistral destilação de descrições sensuais, intimidade psicológica, percepções sociais e uma minuciosa captação do cenário.” — *Booklist*

“O subtil e minucioso testemunho do amor de um filho.” — *Kirkus Reviews*

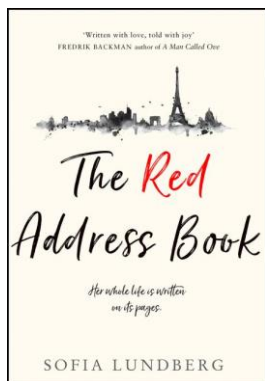
“Ford transforma duas vidas perfeitamente comuns em arte.” — Kelly Blewett, *BookPage*

“Uma brilhante e comovedora reflexão sobre o amor filial e a perda dos entes queridos.” — Nat Segnit, *The Times Literary Supplement*

“Ford possui os maiores dons de um escritor: pura elegância verbal, humor subtil, capacidade de observação precisa e meticulosa.” — Lorrie Moore

“Ford faz-nos refletir sobre como nenhum de nós é capaz de desvendar a estranheza inerente da vida.” — Douglas Kennedy

### 3.8 SOFIA LUNDBERG, *THE RED ADDRESS BOOK*,



#### Sobre a autora

Jornalista e ex-editora de uma revista, Sofia Lundberg (n. 1974) é a autora estreante por trás do romance-sensação *The Red Address Book*, lançado em regime de auto-publicação, que conquistou a blogosfera sueca. Vive em Estocolmo com o filho.

#### Contracapa

A vida é uma sucessão de encontros, à maneira de pérolas num colar. Encontramo-nos, apaixonamo-nos, separamo-nos e reunimo-nos, partilhamos as alegrias e as derrotas, ficamos de coração partido.

Doris, de 96 anos, tem o mesmo livro de endereços desde 1928. O pequeno livro vermelho contém o seu colar de pérolas muito próprio, as pessoas que conheceu e amou ao longo da vida. Hoje em dia Doris vive sozinha num apartamento no centro de Estocolmo. A maioria dos nomes do livro estão riscados, desaparecidos para sempre, e

os únicos visitantes que recebe são da assistência social. A grande fonte de alegria para Doris são os telefonemas da sua sobrinha-neta Jenny, do outro lado do Atlântico. Um dia Doris começa a escrever a história de como conheceu cada uma das pessoas que moldaram a sua vida, de maneira a que Jenny, que será a única a recordar Doris, possa partilhar o seu bem mais precioso: as suas memórias.

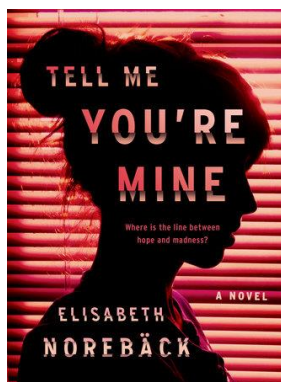
### Críticas de imprensa

“É fascinante sentir aquele poder a entrar-nos na pele, evocando pensamentos que se estendem para lá das fronteiras do texto. Um livro brilhante e uma síntese do que significa ser humano e as circunstâncias que nos moldam e atormentam. (...). Calorosa e estilisticamente confiante, [Sofia Lundberg] ilumina o valor das relações e desenha um retrato preciso do envelhecimento. Espero sinceramente que Sofia Lundberg prossiga o seu caminho e que possamos ter acesso a mais literatura da sua autoria.” — Kulturbloggen, Suécia

“É de partir o coração mas também incrivelmente emocionante (...) Uma autêntica joia que recomendo com satisfação.” — *Bokomaten*, Suécia

“*The Red Address Book* é uma fantástica história de vida sobre o amor, a felicidade e a mágoa.” — *Boktokig*, Suécia

### 3.9 ELISABETH NOREBÄCK, *TELL ME YOU'RE MINE*



#### Sobre a autora

Elisabeth Norebäck vive em Estocolmo com o marido e dois filhos. Tem um Mestrado em Ciência na Engenharia do KTH Royal Institute of Technology e trabalha como auxiliar num infantário. Começou a escrever durante a licença de maternidade. *Tell Me You're Mine* é o seu primeiro romance.

## **Contracapa**

Nesta fascinante estreia de suspense doméstico, a vida de uma mulher é devastada quando ela conhece a rapariga que pensa ser a filha que perdeu anos atrás, e descobre então que reclamar a vida que perdeu talvez lhe custe a vida que tem. *Tell Me You're Mine* é uma história sobre culpa, dor e o delicado equilíbrio entre amor e obsessão.

Onde está a linha que separa a esperança da loucura?

Três mulheres: uma que acredita ter encontrado a filha há muito perdida; outra em pânico com a possibilidade de perder a filha; e outra determinada a saber quem realmente é.

Stella Widstrand é psicoterapeuta, com um casamento feliz e mãe de um rapaz de 13 anos. Mas quando uma jovem chamada Isabelle começa a fazer terapia na sua clínica, a vida tranquila de Stella começa a desmoronar-se. Ela está convencida de que Isabelle é a sua filha Alice, a bebé que desapareceu há mais de 20 anos numa praia durante as férias da família. Na altura pensou-se que Alice se tinha afogado mas o corpo nunca foi encontrado. Stella nunca deixou de acreditar que Alice estivesse viva, algures, mas todos à sua volta julgam que ela está louca. Poderá ser mesmo Alice?

Stella vai arriscar tudo para responder a essa pergunta mas, ao fazê-lo, vai desencadear uma sequência de eventos que fogem ao seu controlo, pondo em risco a própria vida e a de todos os que ama.

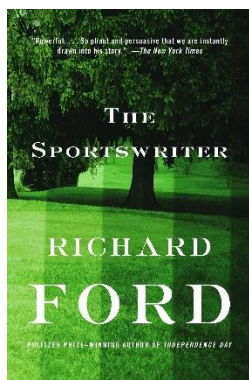
## **Críticas de imprensa**

“Uma história de acelerar a pulsação sobre mães e filhas, mentiras e culpa, e estreita linha que separa o amor da obsessão mortal.”

“Um verdadeiro thriller, que liberta faíscas entre as páginas.”

“Queremos mesmo saber como é que a história se vai desenrolar. E essa é a característica de um *thriller* de sucesso.”

### 3.10 RICHARD FORD, *THE SPORTSWRITER*



#### Sobre o autor

Nascido em 1944 em Jackson, Mississípi, Richard Ford é reconhecido com um dos grandes retratistas dos temas estruturantes da sociedade norte-americana. Autor de contos e romances, detém o recorde de ter sido o único autor distinguido com os prémios Pulitzer e Pen/Faulkner para uma mesma obra (*Dia da Independência*). Foi ainda galardoado com o Prix Femina Étranger (pela obra *Canadá*) e o Prémio Princesa das Astúrias de Letras, entre outros. Criador da icónica personagem de Frank Bascombe, o protagonista de uma série de quatro romances que se iniciou em 1986 com *The Sportswriter*.

#### Contracapa

A Porto Editora publica a obra que fez nascer uma das personagens mais marcantes da literatura norte-americana atual, representativa de uma certa América suburbana que Richard Ford retrata de forma exímia. Publicado originalmente em 1986, *O Jornalista Desportivo* apresenta-nos Frank Bascombe, 38 anos, um escritor frustrado que se torna jornalista desportivo e atravessa uma crise existencial após o divórcio e a trágica morte do filho mais velho. Ao longo de um fim de semana de Páscoa em Nova Jersey, assistimos ao renascer de Frank. “Chamo-me Frank Bascombe e sou jornalista desportivo”. Uma crónica da América contada por um homem comum que consagrou internacionalmente Richard Ford como a voz de uma geração.

Vencedor dos prémios Pulitzer e PEN/Faulkner (capa).

(texto alternativo)

Frank Bascombe, 38 anos, é um escritor frustrado que gozou de um efémero momento de glória na sequência da publicação de um livro de contos, mas depressa abandonou a literatura. Ou foi abandonado por ela. Agora escreve sobre desporto e entrevista atletas que admira porque “não têm tempo para dúvidas ou introspeção”. Escrever sobre vitórias e derrotas, sobre triunfadores do futuro ou do passado, permitiu-lhe aprender

uma lição: “Na vida não há temas transcendentais. As coisas acontecem e logo acabam, é isso e mais nada.” Lição que podia aplicar-se à fugaz fama como escritor, ao casamento breve ou à curta vida de Ralph, seu filho, morto com apenas nove anos. Que drama provocou o fracasso do seu casamento? Por que renunciou Bascombe à literatura? O que o anima senão uma “moral da apatia”, uma forma de viver a vida instante a instante, evitando o suicídio pelos caminhos de uma banalidade anestesiante?

*O Jornalista desportivo* é um testemunho implacável dos inevitáveis desencantos, da corrosão das ambições, da aprendizagem dos mínimos prazeres que permitem a sobrevivência.

### **Críticas de imprensa**

“Um romance de leitura compulsiva que tem tanto a ver com a imprensa desportiva como *Moby Dick* com a caça à baleia. Richard Ford escreve sobre o homem contemporâneo perdido no labirinto do quotidiano, um sobrevivente capaz de ultrapassar todas as tormentas.” — George Vecsey, jornalista desportivo do *The New York Times*.

“Richard Ford está a converter-se tranquilamente no melhor escritor norte-americano.”  
— Bernard Génès, *Le Nouvel Observateur*

“Um romance que encanta pela frescura da sua visão, tocando-nos com as perplexidades de um narrador 'perdido' que, por uma vez, não é um alcoólico ou um niilista, mas um homem melancólico e esperançado à deriva na sua própria humanidade.” — *New York Review of Books*

“Um dos melhores escritores da sua geração.” — Normal Maclean

“O melhor escritor no ativo no nosso país.” — Raymond Carver

“Um pássaro raro na vida e quase em extinção na ficção.” — Tobias Wolff

“Leitura fascinante... um livro memorável.” — *The Observer*

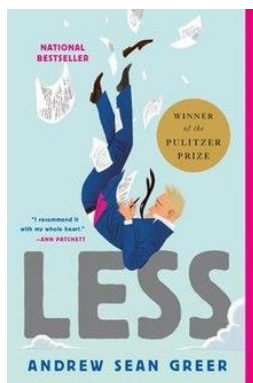
“Divertido e afetuoso de uma forma poderosa que nos toca o coração.” — Frederic Exley

## Anexo 4

### Relatórios de leitura

(escritos por mim e remetidos aos editores via e-mail, como transcrito a seguir)

#### 4.1 ANDREW SEAN GREER, *LESS*



**From:** Céu Coutinho

**Sent:** Monday, May 7, 2018 16:51

**To:** ALC

**Subject:** LESS (parecer)

As minhas impressões sobre o livro até agora:

Acho que é um romance divertido, sensível, «sofisticado», mas leve, de certa forma, sobre um escritor menor, Arthur Less, um gay

à beira de completar 50 anos, que decide aceitar uma série de compromissos literários pelo mundo fora, apenas para ter uma desculpa para faltar ao casamento do seu ex-grande amor.

É uma mistura de livro de viagens com comédia sobre o universo gay, artístico e literário. A sucessão de destinos que ele vai percorrendo embala a narrativa, faz avançar a leitura sempre em cenários diferentes, intercalada com episódios anteriores da sua vida (da infância, adolescência, juventude e idade adulta), nomeadamente uma relação anterior com um grande poeta, bastante marcante na sua vida.

Não acho que o livro seja demasiado americano, é até bastante europeu no sentido em que boa parte da ação se passa na Europa (França, Itália, Alemanha), a maioria das referências são reconhecíveis. Por baixo do tom um tanto superficial (fala-se muito de roupas, comidas, lugares), acho que está uma narrativa sensível, com algumas partes bem bonitas sobre o amor, o medo de envelhecer, o receio de fracassar, ficar sozinho. Questões com que qualquer pessoa se identifica, independentemente da orientação sexual. Uma questão que não sei avaliar é qual a aceitação do público português perante romances gay, mesmo um tão “bem-comportado” como este...?

Obrigada!



**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 8 de maio de 2018 16:14

**To:** ALC

**Subject:** FW: LESS (parecer)

Luísa, o Manuel pediu-me para ler o novo romance da Carla Pais. Se calhar interrompo a leitura do LESS e concluo depois? Até porque já tenho a opinião formada, como enviei ontem. E pelo que estou a ler agora, o livro fica ainda melhor, mais intenso e tocante, acentua-se o «drama» do envelhecimento, do medo de ficar só, de perceber, afinal, o que é o amor.

#### **4.2 CARLA PAIS, *UM CÃO DEITADO À FOSSA***

**From:** Céu Coutinho

**Sent:** Friday, May 11, 2018 17:07

**To:** MAV

**Subject:** Um cão deitado à fossa – relatório de leitura

Dr. Manuel Valente, boa tarde

Aqui vão as minhas primeiras impressões do romance (um resumo das notas que tirei ao longo da leitura).

(Nota / questão: o título remete para a capa do primeiro romance, suponho que haja ligação entre os dois?)

#### **Pontos fortes**

- Personagens fortes, de grande impacto. Urbano e Ofélia (casal) estão no centro da narrativa, mas as restantes personagens impõem-se também pela sua força. A mãe (Velha) e o Pai que estão na origem do enredo. O casal de vizinhos, Idalete e Moisés, com um drama próprio e pungente. As amantes de Urbano – Filomena, Constantina e Maria do Céu – cada uma com o seu pedaço de vida sofrido. E Maria Rita e Abel (filhos de Urbano e Ofélia), emigrantes, talvez menos bem conseguidas (menor espessura);
- A alternância entre dois registos principais: o fluxo de pensamento (pela voz ora de Urbano, ora de Ofélia) que orientam o leitor através das memórias de cada

um e das circunstâncias que conduziram ao presente da narrativa; e a história mais linear contada pelo narrador;

- Capítulos de dimensão curta a média, que fazem avançar a leitura;
- Linguagem intensa, poética, que se agarra à pele.

#### Pontos fracos

- Um eventual abuso de imagens algo pesadas que, em determinadas passagens, causam uma impressão de excesso;
- Algumas repetições, insistência nas mesmas imagens, palavras, construções. Percebe-se que nalguns casos será propositado, um efeito de estilo para reforçar uma ideia. Noutros casos talvez valesse a pena atenuar o peso das imagens ou preferir outra construção.

Exemplos:

Verbos que aparecem muito: morder, arrebentar, lamber...

Construção: um adjetivo + outro + outro

Algumas frases feitas: ex. *cantos e recantos; a boca cheia de nada*. Penso que neste estilo de narrativa, as frases feitas são mesmo de evitar, não têm lugar.

#### Tentativa de sinopse

De que são feitas as bestas? Como se amam os filhos? Como se ajeitam os corpos?

Como se consertam as vidas?

Urbano cresceu de olhos abaixados, na sombra do desprezo. Os olhos grossos do pai.

O azul bravo dos olhos da mãe.

Ofélia definha no sono atormentado pelas putas.

Idalete vai sobrando no vazio dos quartos dos filhos por nascer.

Maria Rita e Abel ganham lonjura, a tentar ser gente noutra terra.

Três gerações atormentadas pela sombra do arrependimento, do desamor, da violência muda.

#### Lista de Personagens

Mãe (Velha) e Pai

[irmão morto (rapaz)]

Urbano e Ofélia

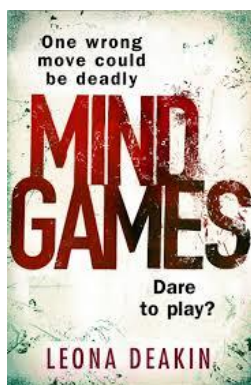
Filhos: Maria Rita (grávida) e Abel

Vizinhos: Idalete e Moisés (homossexual)

Amantes de Urbano: Filomena, Constantina, Maria do Céu

Outras personagens: madrinha e Graciosa (a madrinha e a amiga de Filomena); Vicente (marido de Maria Rita), mulher de Abel

#### 4.3 LEONA DEAKIN, *MIND GAMES*



**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 23 de maio de 2018 15:43

**To:** ALC

**Subject:** Mind Games, Leona Deakin

Ana Luísa, aqui vai a minha impressão sobre o *Mind Games*.

É um *thriller* emocionante e bem escrito, com um enredo inteligente e bem estruturado. Prende desde o primeiro momento.

As personagens estão bem construídas e os capítulos têm densidade. Não têm aquele ritmo demasiado curto e sincopado que se torna irritante (na minha opinião), característico dos *thrillers* mais básicos.

Outro ponto forte é que toca imensas questões atuais que têm a ver com o problema das redes sociais, da vigilância, com o facto de divulgarmos demasiada informação sobre nós e não sabermos como, por quem e para quê essa informação é usada.

Para quem é atraído por teorias da conspiração (e todos somos um pouco), este livro é um prato cheio. Baseia-se numa premissa deliciosamente assustadora: o mundo é controlado por psicopatas funcionais, uma espécie “superior”, incapaz de sentir empatia e emoção, e que por isso consegue agir de modo frio e calculista em todas as situações. São essas pessoas que assumem os lugares de poder económico, social, político.

Deteto apenas um ponto fraco: há um segredo para descobrir que eu topei bastante cedo. E não costumo ser muito perspicaz a descobrir essas coisas, normalmente estou tão envolvida nas histórias que não consigo ver mais para a frente e perceber onde é que está o *twist*. Mas neste caso, a partir do momento em que determinada surpresa é

revelada (e essa surpresa funciona, é eficaz), há outro “elemento escondido” que se torna fácil adivinhar....

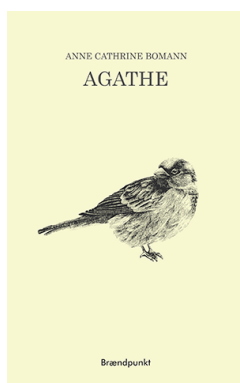
De qualquer maneira, ter descoberto esse segredo não diminuiu o prazer da leitura porque é realmente envolvente, está escrito de uma forma que não é básica e remete para questões muito atuais do mundo em que vivemos.

Não posso ser tão entusiasta quanto a editora do livro (link em baixo) mas gostei bastante e acho que é um *thriller* superior à média (por exemplo, bem melhor do que o que li anteriormente, o *Diz-me que és minha*).

[www.thebookseller.com/news/transworld-publish-prh-writers-academy-grads-debut-thriller-759541](http://www.thebookseller.com/news/transworld-publish-prh-writers-academy-grads-debut-thriller-759541)

Obrigada!

#### 4.4 ANNE CATHRINE BOMANN, *AGATHE*



**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 25 de maio de 2018 16:18

**To:** ALC

**Subject:** Agathe, Anne Cathrine Bomann

Ana Luísa, aqui vão as minhas impressões sobre o excerto que li.

Parece ser realmente um pequeno romance singular e curioso. Não fiquei deslumbrada ou super sensibilizada (acho que não é esse tipo de livro), mas gostei bastante da premissa da história, da atmosfera

criada e do desenvolvimento da narrativa.

A história centra-se num psiquiatra / psicanalista à beira da reforma (é o narrador). No início do livro, restam-lhe cinco meses de trabalho e pouco mais de 800 consultas. Fora do consultório, a vida dele é de absoluta solidão. Consola-se com a existência de um vizinho que nunca viu, mas cujos ruídos ouve através da parede e isso dá-lhe ilusão de contacto (até que descobre que o vizinho é surdo e não o ouve a ele...). A possibilidade de transformação surge com o aparecimento de uma nova paciente que ele a princípio não quer receber, uma vez que se vai reformar, acabando depois por aceitá-la. Ela chama-se Agathe e vai ser a causa de uma enorme mudança na vida do nosso psicanalista solitário. O livro vai descrevendo as consultas com Agathe, e também com os outros pacientes, assim como outras rotinas do narrador. O tipo de ambientes e

diálogos fizeram-me lembrar um pouco os livros do Sándor Márai, embora num registo menos profundo e enigmático.

Obrigada!

#### **4.5 WILLEM LOST, *THE MAN WHO REALLY LIKED REMBRANDT***

**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 30 de maio de 2018 16:38

**To:** ALC

**Subject:** The Man Who Really Liked Rembrandt, Willem Lost

Luísa, aqui vão então as minhas impressões:

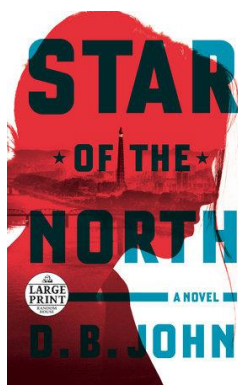
O livro não é terrível, mas parece-me ser demasiado previsível, acrescentar pouco a histórias que já conhecemos, nomeadamente do cinema como o *The Thomas Crown Affair* e os filmes do James Bond. O tema tem charme e *glamour*: a cena internacional do roubo e falsificação de obras de arte, tendo como ponto de partida um museu em Amsterdão onde é descoberto um Rembrandt falsificado. O herói do livro é um antigo *marine* que hoje em dia tem uma discreta loja de antiguidades no centro da cidade e é especialista em Rembrandt. Num estilo muito cinematográfico, ele vai envolver-se na investigação do roubo das obras, iniciando uma perigosa aventura que o leva aos Estados Unidos (e certamente a outros países), em perseguição da rede responsável por esta operação internacional. Tudo muito visto, já.

Como pontos a favor posso destacar:

- informações interessantes sobre Rembrandt e a pintura holandesa do século XVII;
- considerações sobre os movimentos turísticos de massa;
- reflexão sobre como a reprodução perfeita das obras pode dispensar o “original”; será a tecnologia capaz de acabar com o prazer e o sublime da arte?
- penso que seja um bom exemplar da chamada “literatura de aeroporto”.

Obrigada!

#### 4.6 D. B. JOHN, *STAR OF THE NORTH*



**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 8 de junho de 2018 16:41

**To:** ALC

**Subject:** Star of the North, D. B. John

Luísa, aqui vai a minha opinião.

Gostei das 150 páginas que li, é interessante e diferente.

Pessoalmente, nunca tinha lido nada sobre a Coreia do Norte.

O livro está dividido em três narrativas principais. A mais convencional é a que acompanha a irmã gémea de uma rapariga que terá sido raptada há 12 anos. Ela vai ser recrutada pela CIA para se introduzir na Coreia do Norte como espia. Nesta parte a história segue os moldes de um romance de espionagem.

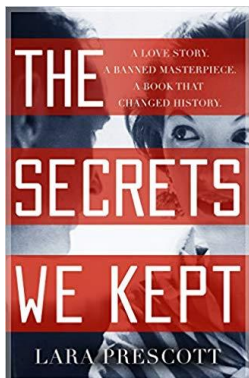
As outras duas linhas narrativas são mais apelativas porque mostram o modo de vida e de pensamento, as formas de organização política, social e cultural da Coreia do Norte. Numa dessas linhas narrativas seguimos os passos de Mrs. Moon, uma mulher do povo que tenta dar a volta para sobreviver o melhor possível numa sociedade extremamente rígida e estratificada. Através de vários expedientes e com a ajuda das amigas, acaba por conseguir abrir um restaurante que faz sucesso. Esta parte do enredo é a mais tocante, com momentos de ternura e sensibilidade.

Na terceira linha narrativa, acompanhamos as peripécias de um alto funcionário do estado Norte Coreano, com as suas dúvidas e receios, e o deslumbramento secreto quando vai a Nova Iorque numa visita oficial. É uma parte com humor, que se presta a algumas piadas divertidas.

Pela atualidade e pelo interesse político e humano, parece-me que este livro pode ter algum potencial.

Obrigada!

#### 4.7 LARA PRESCOTT, *WE WERE NEVER HERE*\*



**From:** CEU.COUTINHO@sapo.pt <CEU.COUTINHO@sapo.pt>

**Sent:** 18 de junho de 2018 11:16

**To:** ALC

**Subject:** Re: We Were Never Here, Lara Prescott - minhas impressões

(\*o título anunciado foi alterado para *The Secrets We Kept*)

Bom dia, Luísa

Ontem à noite ainda acabei o livro e confirmo tudo o que disse.

A estrutura é muito interessante e mantém-se assim até ao final. E apesar de ser extenso, lê-se mesmo muito bem, sem quebras de ritmo.

Obrigada!

Citando Ana Luísa Calmeiro <[ALCalmeiro@portoeditora.pt](mailto:ALCalmeiro@portoeditora.pt)>:

Olá, Céu,

Bom dia!

Muito obrigada por ainda teres concluído a leitura deste livro; parece-me de facto que não há que hesitar.

Um abraço e muito boa sorte!

Luísa

**From:** Céu Coutinho

**Sent:** 17 de junho de 2018 20:26

**To:** ALC

**Subject:** We Were Never Here, Lara Prescott - minhas impressões

Olá, Luísa!

Faltam-me apenas 20 páginas para terminar o livro, mas envio-te já as minhas impressões pois julgo que as últimas páginas não vão alterar o essencial do que já li.

Acho que é um romance bastante bom, que mantém sempre o ritmo e o interesse. Todo o enredo gira à volta da escrita e da publicação do *Dr. Jivago*, de Boris Pasternak (ao que

parece, a própria autora, a Lara Prescott, deve o nome à personagem principal do romance.) O livro avança em vários capítulos não muito extensos em que vamos acompanhando o ponto de vista de diversas personagens: o próprio Pasternak, a sua amante de sempre, Olga (que terá inspirado a personagem de Lara), Irina, uma dactilógrafa da CIA que atua como agente secreta na disseminação do livro, Sally, outra agente com quem a Irina vai ter uma relação, Teddy, o noivo de Irina que é também da CIA, e ainda outras figuras.

O cerne do livro digamos que é a forma como o *Dr. Jivago* foi usado pela América como propaganda contra a Rússia no contexto da Guerra Fria. Isso é o lado político e tem grande interesse histórico. Todas as peripécias que envolveram a edição do livro que foi proibido na Rússia, mas foi passado clandestinamente para o Ocidente onde foi publicado e daí começou a ser infiltrado em território russo.

Mas além disso todos os sub-enredos estão bem construídos e tornam a leitura apelativa. A relação de Boris e Olga (real), a relação lésbica de Irina e Sally, a relação falhada de Irina e Teddy, a relação de Olga com os filhos que foram um pouco negligenciados porque ela sempre pôs o Boris acima de tudo. No fundo, é a história de um grande amor como o *Dr. Jivago* também é. E é um romance de homenagem à grande literatura. Ao poder transformador da literatura. E acho que é isto.

Se eu puder ajudar em mais alguma coisa, neste ou nos outros livros que li, diz-me por favor!

Este artigo do *The Guardian*, bastante recente, talvez tenha interesse:

[www.theguardian.com/books/2018/jun/11/first-novel-doctor-zhivago-2m-lara-prescott-we-were-never-here](http://www.theguardian.com/books/2018/jun/11/first-novel-doctor-zhivago-2m-lara-prescott-we-were-never-here)

Um abraço!



## Anexo 5

### **Texto sobre o debate «Porque fecham as livrarias?»**

(escrito por mim e publicado na página de Facebook do blogue *Senhoras da Nossa Idade*)

#### **A erosão da bibliodiversidade**



Algumas notas sobre o Debate | Porque fecham as livrarias? 2ª ed., revista e aumentada, ontem [9 de junho de 2018] na Fábrica Braço de Prata. Vasco Santos admite que só o ano passado leu Proust. O editor da Fenda e agora da VS Editor acha que há uma idade certa para ler certos livros. Um

empregado bancário alvo de uma reestruturação, varrido como um inseto indesejável para debaixo do tapete, pode tirar maior proveito de *A Metamorfose* de Kafka do que um adolescente. (E aqui tenho de agradecer ao também psicanalista que assim explicou porque desde há meses acordo em sobressalto e levo uns segundos a inteirar-me de que «eu» sou eu.)

Concentração editorial e concorrência desleal – dois fatores que determinam a distorção do mercado, o fecho das livrarias e o empobrecimento da edição, aponta o investigador Daniel Melo. O mercado está inundado de livros, mas são cada vez mais os mesmos: os *bestsellers*, as novidades, o livro «marketizado».

Vivemos tempos de grande individualismo, «está cada um na sua leira», diz Vasco Santos, que lamenta a perda da amizade, da vida em comunidade, dos laços e das tertúlias.

José Ribeiro, da livraria Ulmeiro em Benfica (50 anos em 2019), começou a fortalecer os laços com a leitura através das bibliotecas itinerantes da Gulbenkian. «Tinham funcionários que eram poetas.» Poetas e escritores passaram quase todos pelas tertúlias da Ulmeiro, no tal tempo em que as pessoas se encontravam e falavam todos os dias.

Os livreiros são cada vez em menor número por isso não deveria ser difícil criar uma associação do sector, defende Vitor Rodrigues da Leitura que vai dando abrigo às pequenas editoras, as tais que podem ir atuando nos interstícios dos grandes grupos

para salvar a bibliodiversidade. E quanto ao preço dos livros, relembra que há um mercado bastante variado de livros usados a baixo custo.

E ainda: o papel da escola e dos professores, o reforço da rede de bibliotecas municipais, as comunidades de leitores, a importância de outras formas de leitura e de acesso aos textos (como o teatro e as declamações de poesia), a resistência contra o pensamento simplificado, a massificação, a uniformização, o analfabetismo secundário. A importância das nossas escolhas, os livros que decidimos comprar e onde, que histórias contamos aos nossos filhos, como transmitimos o gosto pela leitura e pela memória do livro enquanto patrimônio.